U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

A Imagem do Subúrbio: forma e uso na criação da imagem de Rio de Loba, Viseu

Miguel Almeida Van-Zeller

M

2022

FACULDADE DE ARQUITETURA

U.PORTO

Miguel Sousa de Melo Almeida Van-Zeller. A Imagem do Subúrbio: forma e uso na criação da imagem de Rio de Loba, Viseu

A Imagem do Subúrbio: forma e uso na criação da imagem de Rio de Loba, Viseu

Miguel Almeida Van-Zeller

M.FAUP **2022**

A Imagem do Subúrbio
forma e uso na criação da imagem de Rio de Loba, Viseu

Miguel Sousa de Melo Almeida Van-Zeller

Orientador: Professor José Virgílio Borges Pereira

Dissertação de Mestrado em Arquitectura

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

2022

Agradecimentos

Ao professor Virgílio Borges Pereira, meu orientador, pelo cuidado acompanhamento que teve ao longo desta dissertação e por conseguir desbloquear qualquer tipo de entraves que eu tive.

A todos os caríssimos intervenientes dos quais recolhi os valiosos testemunhos que protegem esta dissertação, nomeadamente aos meus grandes amigos Guilherme Marta e Jorge Rodrigues que me mostraram com carinho as pontas de Rio de Loba.

À Beatriz, à Maria, à Patrícia, à Raquel e ao Rúben (finalmente um Coletivo 6 2 4) que, além de eternos amigos, sempre criaram o melhor meio para discutir a arquitectura e a cidade.

Ao Afonso, comparsa dentro e fora de aulas, cuja opinião nunca consigo adivinhar, tornando-se, portanto, naquela que eu mais quero ouvir.

Ao Antão, uma âncora fora da arquitectura com quem partilhei os melhores anos da universidade, criando no processo uma amizade como nunca tive.

À minha mãe, ao meu pai e à Teresinha, por constantemente me verem e ouvirem falar sobre o que aprendo e por continuarem a apoiar-me para tudo o que preciso.

Aos meus Avós, pois sem eles não quereria ser arquitecto.

Ao professor Manuel Graça Dias, por ter sido quem me fez apaixonar por isto.

Resumo

Os subúrbios permanecem como espaços urbanos ostracizados no estudo da cidade, como se não existissem além da complexidade de nós viários e expansão aparentemente descontrolada. O termo é regularmente tido como pejorativo e, até, retirado do vocabulário do planeamento urbano. Parece haver pouco interesse em compreender como é que as pessoas vivem os subúrbios, como usam o seu espaço público e como é a imagem que criam deles.

Os subúrbios de Viseu apresentam inúmeras situações de interesse para abordar quanto ao modo como as pessoas usam o espaço público. Focando numa área populosa desses subúrbios - Rio de Loba - é possível aproximar-se de uma análise mais profunda da vida que existe no espaço público suburbano e do modo como a sua forma molda esses usos.

Sustentado por autores que abordam esta teoria da imagem e uso da cidade, pelo estudo do desenvolvimento urbano recente de Viseu, bem como por uma metodologia cuidada (com recurso a cartografia, fotografia e recolha de testemunhos em trabalho de campo), desenvolve-se um dispositivo de observação de Rio de Loba. Da análise destes subúrbios viseenses, o beco sem saída toma a forma de uma síntese de todo um modo de desenvolvimento suburbano onde se podem observar as principais características deste tipo de território da cidade.

Abstract

The suburbs remain as ignored urban spaces when it comes to the study of the city, as if they did not exist beyond the complexity of road junctions and seemingly uncontrolled expansion. The term is regularly held as pejorative and even removed from the vocabulary of urban planning. There seems to be little interest in understanding how people live in the suburbs, how they use their public space, and what is the image people create of them.

Viseu's suburbs present numerous situations of interest to address as to how people use its public space. By focusing on a populous area of these suburbs - Rio de Loba - it is possible to approach the life that exists in the suburban public space on a deeper level and understand how its form shapes these uses.

Supported by authors who approach this theory of image and use of the city, by the study of the recent urban development of Viseu, and also by a careful methodology (using cartography, photography and collection of testimonies in fieldwork), an observation device of Rio de Loba is developed. From the analysis of these suburbs of Viseu, the *cul-de-sac* takes shape as a synthesis of a greater mode of suburban development where the main characteristics of this type of city territory can be observed.

Sumário

Introdução 12

1. Enquadramento teórico

1.1. A imagem e o uso do espaço público **16**

1.1.1. Imagem e legibilidade **17**

1.1.2. Uso e usuário **19**

1.1.3. Imagem e uso aplicados na forma do espaço **20**

1.2. Uma definição de "subúrbios" **22**

2. Método

2.1. Metodologia de análise **29**

2.1.1. Cartografia **31**

2.1.2. Fotografia e legendas **32**

2.1.3. Contacto com os usuários e recolha de testemunhos **33**

3. Análise do caso de estudo: Rio de Loba

3.1. Contexto **35**

3.1.1. Expansão urbana de Viseu a partir da segunda metade do séc. XX **35**

3.1.2. Viseu à escala municipal **36**

3.1.3. Urbanismo viseense no séc. XX e XXI **39**

3.2. Delimitação de uma área de estudo **43**

3.3. O espaço público de Rio de Loba **46**

3.3.1. Leitura da cartografia de Rio de Loba **46**

3.3.2. Composição da rede viária **50**

3.3.3. O beco sem saída **53**

3.4. Análise do espaço público dos becos **55**

3.4.1. Técnicas metodológicas **57**

3.5. Um dispositivo de observação **67**

3.5.1. Estacionamento **67**

3.5.2. Passeio público **71**

3.5.3. Vedações **75**

3.5.4. Percepção do verde: árvores e outra vegetação perceptível **77**

3.5.5. Elementos marcantes dos becos **80**

3.5.6. Terrenos verdes **84**

3.5.7. Uso dos becos pelos seus usuários - actividades observadas e referidas nos testemunhos **89**

3.5.8. A falta de atravessamento e o controlo de entradas no beco **92**

3.6. A condição de *ser* beco **95**

4. Considerações finais **98**

Bibliografia **101**

Lista de figuras e tabelas e respectivas fontes **105**

Anexos

- Pandemia e o passeio higiénico **112**

- Catálogo de becos **114**

- Tabela síntese da análise **129**

- Guião de perguntas **130**

- Testemunhos **131**

- Inventário dos usos dos becos **139**

- Cartografia desenhada

  - Planta 2: Localização dos becos analisados e das zonas **143**

  - Planta 3: Testemunhos **144**

  - Planta 4: Mancha verde e parede contínua **145**

  - Planta 5: Terrenos verdes e edificado **146**

- Cartografia auxiliar

  - Planta 6: Cartas militares de 1987 e 1989 **148**

  - Planta 7: Plano Director Municipal (2013) **149**

  - Planta 8: Edificado pré 1975 e entre 1975 a 2000 **150**

- Digitalização dos mapas das zonas usados no trabalho de campo **151**

Introdução

"You always seemed so sure / That one day we'd be fighting / In a suburban war / Your part of town against mine / I saw you standing on the opposite shore"[1]

As cidades são muitas vezes vistas como o produto da essência do ser humano. A multiplicidade de espaços urbanos é o resultado das suas vontades, ideais e problemas[2]. Contudo, os subúrbios são muitas vezes descartados de uma análise aprofundada quanto à forma como são vistos e usados, apesar de fazerem parte dessa multiplicidade de espaços urbanos que as cidades oferecem. Integrá-los na teoria da imagem da cidade ajudará a que se-

[1] Arcade Fire, "The Suburbs," in *The Suburbs* (2010).

[2] "From the very beginning, the multiplicity of urban living spaces has reflected people's cultural achievements and social problems. Cities are not constructed out of stone, concrete, and wood alone, they are also complex systems of signs offering information about living conditions and the zeitgeist. They are expressions of the ideas and beliefs, lifestyles and desires, fears and dreams of the people who have lived and live in them." Lukas Feireiss, Tatjana Schneider, and TheGreenEyl, Living the City: Of Cities, People and Stories, ed. Spector Books (Leipzig, 2020), 52.

jam compreendidos como uma área fulcral da cidade.

O espaço público dos subúrbios não acarreta o mesmo nível de detalhe de projecto que o espaço público das cidades consolidadas. Os espaços que integram esse espaço público suburbano são sempre comparados com os espaços da cidade consolidada, planeada e desenhada, pelo que são descartados de interesse[3]. No entanto, não quer isso dizer que não mereçam uma análise aprofundada, já que, afinal, grande parte da população das cidades vive nos subúrbios. Está-se a perder um enorme laboratório de pesquisa quanto aos modos de uso do espaço público ao descartar-se o seu estudo.

Os subúrbios são pouco compreendidos quanto ao modo como as pessoas absorvem e aproveitam o seu espaço público[4]. A rede viária é vista pela sua hierarquia, pelo número de nós e interfaces que apresenta[5] ou pelo volume de pessoas e mercadorias que movimenta. Não é vista como um espaço de encontro de pessoas. Os lotes não construídos são vistos como espaços sobrantes, resultado da fragmentação da urbanização[6]. Não se sabe como é que as pessoas que com eles coabitam diariamente os interiorizam no seu espaço da vida. Em suma, os subúrbios são regularmente vistos como desenvolvimento urbano, mas não como um local onde vivem pessoas. Por essa razão mantêm-se frios, sem identidade, abstractos, hipotéticos. Portanto, apesar de ser dito que é preciso dar uma identidade a estes espaços, nunca se chega realmente a procurar qual é a identidade própria de um bairro suburbano.

O estudo das expressões do subúrbio mantém-se sempre a uma escala afastada, sempre num entendimento do porquê da sua génese e compreensão do seu desenvolvimento a um nível regional, nacional ou mesmo internacional. Continua a evitar-se uma aproximação a uma escala mais palpável. Analisar a imagem que as pessoas criam do espaço que usam surge então como uma possível aproximação mais sensível a este tipo de território suburbano. Trata-se de mostrar que existem pessoas reais a viver nos subúrbios e de procurar de que modo os subúrbios influenciam as actividades dessa população - trata-se de dar vida aos subúrbios. Inte-

[3] Álvaro Domingues, Nuno Portas, and João Cabral, *Políticas Urbanas II: Transformações, regulação e projectos* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011), 187.

[4] "É portanto necessário retomar o estudo das tipologias dos espaçamentos. Algo que passará certamente pelo constante desenvolvimento de novas propostas de uso do espaço público mas que terá antes de mais de partir da análise dos espaços públicos e privados existentes no urbano extensivo e das práticas que lhes estão associadas. Definitivamente, é obrigatório pensar o espaço não construído: os seus usos, as suas vivências, a sua identidade." Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 207.

[5] Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 197.

[6] Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 206.

grar o espaço público dos subúrbios na teoria da imagem da cidade pode finalmente ajudar a entender este tipo de território como uma área fulcral da cidade (ainda que com deficiências no seu planeamento).

Com a convicção de que o nome tem também um papel fulcral na imagem de um território[7], procura-se usar o máximo de vezes possível o termo "subúrbio" ao invés de "urbano disperso", "extensivo", "periurbano", entre outros. Compreendendo o valor negativo que "subúrbio" consegue supor, procura-se dar aqui uma definição a esse tipo de territórios que remeta mais para a sua expressão física do que para a sua reputação. Reconhecendo também que os subúrbios apresentam (muitas) diferentes expressões pelo mundo fora[8], torna-se necessário focar a ideia de subúrbio num contexto concreto.

Por ser a cidade que o autor melhor conhece, Viseu foi escolhida como esse contexto concreto. Rio de Loba, uma das suas freguesias, representa uma grande e populosa área dos subúrbios desta cidade, rica em situações curiosas para se estudar, pelo que ficou definida como caso de estudo. Em Rio de Loba procurar-se-á compreender que tipo de actividades é que as pessoas realizam tendo em conta o espaço público que têm ao seu dispor e a influência que este consegue exercer no tipo de actividades realizadas. Este estudo é feito com o intuito de se encontrar uma imagem destes subúrbios viseenses. Através das ferramentas da arquitectura e das que são próprias de outras disciplinas, o arquitecto pode qualificar a sua visão da cidade. Assim, com uma base metodológica apoiada em ferramentas características da sócio-arquitectura e da etnografia, vai-se desenrolar a análise da imagem de Rio de Loba.

[7] "Há também outros factores influenciadores da imagem, tais como o significado social de uma área, a sua função, a sua história ou, até, o seu nome." Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade* (Lisboa: Edições 70, 1999), 57.

[8] *Suburban form: an international perspective*, ed. Kiril Stanilov and Brenda Case Scheer (New York: Routledge, 2004), 6-7.

1. Enquadramento teórico

1.1. A imagem e o uso do espaço público

De entre todas as teorias que existem que se dedicam ao estudo da cidade, aquelas que foram escolhidas como âncora de todos os passos realizados no âmbito desta dissertação foram as teoria do imaginário e do uso do espaço urbano. Dos autores lidos, os mais requisitados foram Kevin Lynch, com as obras *A Imagem da Cidade* e *A Boa Forma da Cidade*, e Daniel Pinson, com a obra *Usage et Architecture*. O primeiro é convocado pela sua pioneira teoria de análise do espaço público da cidade, baseado na leitura e assimilação que os seus habitantes fazem do meio ambiente que observam. O segundo é referido ao longo do trabalho devido à concretização que fez quanto ao uso que as pessoas dão à cidade (e à

arquitectura) e das influências a que estão sujeitas ao realizar essas actividades. Além disso, Pinson é ainda mencionado como referência para o método adoptado no trabalho de campo. Estas teorias vivem em torno de alguns termos que lhe são inerentes cujos significados é necessário compreender para se poder abordar a teoria de modo mais completo. Assim, "meio ambiente", "imagem", "legibilidade", "uso" e "usuário" são esses conceitos que se aprofundam com maior detalhe.

Para poder dar o contexto dos restantes conceitos, importa, em primeiro lugar, compreender a ideia de "meio ambiente", já que se está a estudar o espaço público da cidade. O "meio ambiente" representa todo o tipo de condições e contexto, sejam eles físicos, sociais ou culturais, que são exteriores ao organismo em análise (seres humanos, neste caso)[9]. Como esta dissertação se foca no espaço urbano, as referências ao meio ambiente serão todas ou quase todas direccionadas para os aspectos físicos do meio ambiente, o espaço da cidade, aquele que os autores apontados estudaram.

[9] Amos Rapoport, *Aspectos humanos de la forma urbana: hacia una confrontación de las Ciencias Sociales com el diseño de la forma urbana* (Barcelona: Gustavo Gil, 1978), 23-24.

1.1.1. Imagem e legibilidade

O produto da reacção dos sentidos de uma pessoa ao contactar com um meio ambiente físico é uma "imagem". "(...) uma imagem é uma representação interna e, no que diz respeito ao meio ambiente, é 'uma representação do meio por parte do indivíduo, através da experiência de qualquer tipo que o segundo tenha do primeiro' (incluindo a experiência indirecta)"[10]. "As imagens do meio ambiente são o resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio. O meio ambiente sugere distinções e relações e o observador – com grande adaptação e à luz dos seus objectivos próprios – selecciona, organiza e dota de sentido aquilo que vê. A imagem, agora é posta à prova contra a capacidade de registo perceptual, num processo de constante interacção. Assim, a imagem de uma dada realidade pode variar significativamente entre diferentes observadores."[11]

[10] John Harrison and Philip Sarre, "Personal construct theory in the measurements of environmental images," *Environment and Behavior*, 1971., citado em Rapoport, *Aspectos humanos de la forma urbana*, 54.

[11] Lynch, *A Imagem da Cidade*, 16.

Por outras palavras, cada pessoa cria de forma inconsciente a imagem mental dos espaços que observa. O espaço, através da sua organização e forma, está constantemente a invadir as pessoas com signos e estímulos, organizados em estruturas (umas mais visíveis que outras) que as pessoas vão apreendendo. Na sua percepção do meio ambiente, uma pessoa lê esses estímulos e estruturas e cria significados para o que necessita, montando a sua imagem do meio ambiente. O que interioriza do meio ambiente para essa imagem cria um "meio ambiente percebido", uma cópia mental do meio ambiente físico real, transformada por cada um de acordo com o seu contexto social, económico, político, etc. – em suma, a sua cultura[12].

Sobre a nitidez das imagens mentais criadas pelas pessoas, Lynch introduz o conceito de "legibilidade" (conceito esse que no seu último livro, *A Boa Forma da Cidade*, actualizou para "sentido"). Legibilidade significa a capacidade que uma cidade tem de ser correctamente percebida, ou seja, de ser capaz de proporcionar às pessoas as condições que possibilitem a criação de imagens mentais claras[13]. Esta competência das cidades é fundamental porque é o que permite às pessoas criarem com maior ou menor facilidade essa imagem. "Esta é a união entre a forma do ambiente e os processos humanos de percepção e de cognição. (...) esta qualidade está na base dos sentimentos pessoais acerca das cidades. Não pode ser analisada senão como interacção entre a pessoa e o local. A percepção é um acto criativo e não uma recepção passiva."[14]

A troca de "legibilidade" para "sentido" terá sido feita com o intuito de integrar todos os sentidos na percepção de um espaço. Afinal, já em *A Imagem da Cidade*, Lynch dizia que "quase todos os sentidos estão envolvidos e a imagem é o composto resultante de todos eles."[15] Legibilidade poderia dar a ideia de que a visão era o único sentido a actuar na absorção de um ambiente espacial por remeter para a acção da leitura, feita com os olhos. Afinal, basta perceber como as memórias são criadas com todos os sentidos para compreender que a visão não tem o monopólio da criação das imagens mentais[16].

[12] Rapoport, *Aspectos humanos de la forma urbana*, 43.

[13] Lynch, *A Imagem da Cidade*, 13.

[14] Kevin Lynch, *A Boa Forma da Cidade* (Lisboa: Edições 70, 2018), 127.

[15] Lynch, *A Imagem da Cidade*, 12.

[16] "Existe um prazer enorme em sentir o mundo: o jogo da luz, a sensação e o odor do vento, os toques, os sons, as cores, as formas. Um local bom é acessível a todos esses sentidos, torna visíveis as correntes do ar, cativa as percepções dos seus habitantes." Lynch, *A Boa Forma da Cidade*, 127-28.
Thomas Sieverts também expõe claramente esta ideia de sentir um espaço com mais do que um sentido, invocando a sua imagem mental de Hyde Park com o auxílio das memórias guardadas por cada um dos sentidos. Thomas Sieverts, *Cities without cities: an interpretation on the Zwischenstadt* (London: Spon Press, 2003), 108.

1.1.2. Uso e usuário

Como a imagem se trata de um conceito tão aéreo e, de facto, invisível, a análise do efeito do espaço público nas pessoas beneficia de algo mais concreto e observável para ser concretizada. Será interessante perceber se essa imagem tem algum tipo de implicação nas actividades da vida humana. O conceito de "uso", explicado aqui a partir da concepção que é dada por Daniel Pinson, torna-se então nessa peça que fortalece a análise do espaço público.

"Uso" é um conceito que engloba todo o tipo de actividades realizadas por um indivíduo num determinado espaço, independentemente de qualquer função que tenha sido delineada para esse mesmo espaço. Distingue-se, portanto do conceito de "função" porque, enquanto este último determina uma acção específica que um indivíduo hipotético e universal deve executar com um objecto ou num espaço, "uso" põe o foco no indivíduo, que executa acções influenciadas pelas suas necessidades e vontades e que podem estar "em concordância ou conflito" com o objecto ou o espaço que usa[17]. Estará até mais próximo da ideia de "apropriação" devido a essa flexibilidade e complexidade de actividades que se podem executar. Com "uso" o indivíduo que pratica essas actividades é, pois, mais complexo, realista, rico, não uma entidade humana simplificada e rígida, estanque[18].

Este tipo de indivíduo que produz um uso do espaço passa assim a denominar-se "usuário". Tendo por base a obra de Daniel Pinson, a escolha deste último termo é feita por confronto com o conceito de "habitante". Tanto "habitante" como "usuário" remetem para esse indivíduo mais complexo[19], não se tratando, portanto, de opostos. A sua maior diferença estará presente no tipo de espaços em análise. Ou seja, num ponto de vista um pouco redutor, se o uso é feito num espaço doméstico será habitante; se é feito num espaço público já será usuário. "Usuário" descreve alguém "para quem a arquitectura era um lugar de vida ou de actividades"[20], pelo que se trata de um conceito que vai além do espaço doméstico, já que

[17] Daniel Pinson, *Usage et Architecture* (Paris: L'Harmattan, 1993), 89.

[18] Pinson, *Usage et Architecture*, 88-89.

[19] Pinson, *Usage et Architecture*, 86.

[20] Pinson, *Usage et Architecture*, 87.

pode incluir todo o tipo de edifícios públicos, onde não se habita, mas também se vive.

1.1.3. Imagem e uso aplicados na forma do espaço

Nesta dissertação e nas obras aqui apresentadas, a imagem e o uso tratam-se, somente, do meio pelo qual o espaço da cidade é analisado. A forma e a organização do espaço são, ultimamente, aquilo que o arquitecto ambiciona conhecer e moldar. Daí que Kevin Lynch, a partir da sua análise, estruture os elementos físicos do espaço urbano em grupos segundo o seu papel na imagem da cidade (sendo eles: vias; limites; bairros; cruzamentos; elementos marcantes)[21].

Quando se começa a observar um espaço em concreto tendo em conta o uso e a imagem que as pessoas fazem e têm dele, surgem outro tipo de conceitos satélite e situações a ter em conta. Por exemplo, no estudo da imagem de um espaço, cada pessoa cria a sua própria imagem de um local. Quanto maior o número de imagens, mais fácil será encontrar semelhanças e divergências entre todas e ir criando uma imagem geral de um espaço[22]. A noção de "cultura" também costuma aparecer neste tipo de análises. Por exemplo, Edward T. Hall é regularmente invocado pela definição de "proxémia", que descreve o "conjunto das observações e teorias referentes ao uso que o homem faz do espaço enquanto produto cultural específico."[23] Contudo, cultura é um termo extremamente complexo de se sintetizar[24] pelo que não se vai seguir esse caminho. Além da proxémia, Hall introduz também o conceito de espaços sociófugos e sociópetos que interessa mais recordar para esta dissertação. Os espaços sociófugos são espaços que mantêm os indivíduos estanques entre si, ou seja, dificultam contactos sociais. Os espaços sociópetos são o oposto porque descrevem os espaços que provocam contactos[25]. Estas ideias não serão para se prolongar directamente para a análise de uma parte dos subúrbios de Viseu, já que não há a intenção de procurar diferenciar quais são as

[21] Lynch, *A Imagem da Cidade*, 57.

[22] Lynch, *A Imagem da Cidade*, 17, 57.

[23] Edward T. Hall, *A Dimensão Oculta* (Lisboa: Relógio d'Água, 1986), 11.

[24] Entre todas as definições possíveis, fica esta de Amos Rapoport, já que mostra como a cultura influencia as actividades realizadas por uma pessoa: cultura diz respeito a "um grupo de pessoas que partilham um conjunto de valores, crenças, pontos de vista, sobre o mundo em geral e um sistema de símbolos que se aprendem e se transmitem. Isto gera um sistema de regras e costumes que reflecte os ideais e que produz um estilo de vida, guia do comportamento, dos papéis sociais, das maneiras, do sistema de alimentação assim como da maneira de construir." Rapoport, *Aspectos humanos de la forma urbana*, 29.

[25] Hall, *A Dimensão Oculta*, 127-29.

ruas, largos, campos ou passeios que são sociópetos ou sociófugos. Interessa, contudo, lembrar estas ideias na análise que for feita para poder compreender de que forma os espaços estudados evitam ou incitam o contacto social.

Analisar as actividades que as pessoas executam num determinado espaço trata-se (ela própria) de uma actividade extremamente aliciante de se fazer. Através dessa análise os objectos e os espaços começam a ser desvendados e a ganhar visibilidade quanto ao que funciona e ao que não funciona. Edward T. Hall faz referência a um estudo sobre o modo como as pessoas se sentam à volta de uma mesa para concluir quais são as configurações que provocam a maior quantidade de interacções entre as pessoas[26]. Contudo, um estudo mais interessante para este trabalho (por também tratar o espaço público da cidade) é feito por William Whyte Jr. e corporizado no documentário "The Social Life of Small Urban Spaces", realizado pelo mesmo. Este estudo analisa as praças de Nova Iorque quanto aos usos que a população da cidade lhes dá, procurando entender porque é que umas praças são mais usadas e outras menos[27], enquanto descobrem quais são os elementos do espaço público de que as pessoas mais usufruem. O documentário ganha pela simplicidade das conclusões a que chega e por demonstrar de forma clara como a forma e organização do espaço público determinam as acções das pessoas (**Fig. 1, 2 e 3**).

[26] Hall, *A Dimensão Oculta*, 126.

[27] William Whyte Jr., "The Social Life of Small Urban Spaces," (USA, 1980), 03:20 a 03:45. https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2089178.

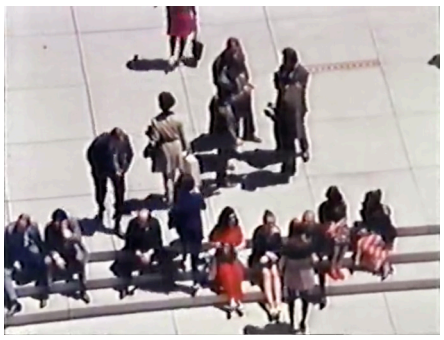


Fig. 1. Diferentes modos de socialização à volta de uma curta escadaria. Whythe Jr., "The Social Life of Small Urban Spaces", 08:02.



Fig. 2. O trabalho de campo do estudo das praças de Nova Iorque. Whythe Jr., "The Social Life of Small Urban Spaces", 04:06.



Fig. 3. As conclusões obtidas a partir do trabalho de campo acabaram por ser extremamente simples. Whythe Jr., "The Social Life of Small Urban Spaces", 12:15.

1.2. Uma definição de "subúrbios"

O objectivo da dissertação passa por aplicar esta teoria no espaço suburbano, espaço esse desvalorizado e raramente observado com este intuito. Como “subúrbio” se trata de um termo tão controverso e flexível consoante o contexto em que é utilizado, acabou por ser necessário construir uma definição simplificada de “subúrbio” que fosse circunscrita ao contexto viseense.

Tal como assinalaram Domingues, Portas e Cabral, “É necessário olhar para o território urbanizado a partir do urbano extensivo e reconhecê-lo como um sistema complexo com características autónomas, com uma lógica e uma identidade próprias, do qual o núcleo urbano tradicional não é centro único mas apenas uma

das partes."[28]

Pela complexidade dos espaços que descreve e pela multiplicidade de situações com que é associado, "subúrbio" tornou-se num termo extremamente genérico. A definição de "subúrbios" sofre metamorfoses consoante o meio em que eles se inserem. São áreas urbanas que se alteram de cultura para cultura, de país para país, de cidade para cidade. No entanto, é uma palavra que carrega uma imagem muito viva e muito forte, principalmente quando diz respeito a subúrbios residenciais[29]. A intenção deste trabalho consiste em aplicar a teoria da imagem e uso da cidade nos subúrbios de Viseu, mas, para tal, é preciso tornar o termo "subúrbio" mais manuseável, sem ter toda uma carga genérica em cima. Assim, através de uma recolha das definições que existem para este tipo de desenvolvimento urbano, deverá ser possível delimitar uma definição de subúrbios desde que se circunscreva a uma cultura e local em específico (Viseu, neste caso).

Quanto ao desenvolvimento de uma definição de "subúrbio" foram recolhidas as entradas do termo (e de outros que lhe sejam satélites) em dicionários tanto físicos como online. Também foram analisadas algumas obras que tratam o tema, incluindo um glossário do Conselho Europeu que determina a definição das expressões chave do planeamento urbano. Dentro dos termos satélite a "subúrbio", vale a pena destacar alguns, como "Urban Sprawl", amplamente usado, se bem que muito intrínseco ao contexto norte americano, e "periurbano", que actualmente aparece com maior frequência e que parece estar associado exactamente ao mesmo tipo de espaços que "subúrbio" descreve.

Todas as definições recolhidas, dos dicionários, glossários e obras, reconhecem subúrbios como áreas urbanas que se situam na proximidade ou em redor da cidade[30]. Esta é a única interpretação que é transversal a todas as definições analisadas. Além deste significado, as definições compartilham entre si outras semelhanças e interpretações, que mesmo não sendo paralelas a todas, ajudam a dar forma ao termo.

Uma outra concepção frequente, apresentada no Dicioná-

[28] Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 169.

[29] "Se à questão 'Onde mora?', eu responder 'Nos subúrbios', e não uma cidade ou um ponto cardeal, seguirá imediatamente na mente do meu interlocutor uma cascata de imagens e palavras associadas que lhe darão uma presciência imaginária de mim. Numa palavra, ter-me-á 'situado'." Alain Foure, "Un faubourg, des banlieues, ou la déclinaison du rejet," in *Les mots de la stigmatisation urbaine*, ed. Jean-Charles Depaule (Paris: Éditions Unesco/Maison des sciences de l'homme, 2006), 1. Traduzido pelo autor.

[30] *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. s.v. "subúrbio," consultado a 08-03-2022, https://dicionario.priberam.org/sub%C3%BArbio.

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto Editora, s.v. "subúrbio," consultado a 08-03-2022, https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/subúrbio.

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto Editora, s.v. "área suburbana," consultado a 23-03-2022, https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$area-suburbana.

Dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa: Verbo, 2000, s.v. "subúrbio."

Dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa: Verbo, 2000, s.v. "suburbano."

Spatial Planning and Landscape Division, "CEMAT Glossary of Key Expressions used in Spatial Development Policies in Europe" (paper presented at the European Conference of Ministers Responsible for Spatial/Regional Planning (CEMAT), Lisboa, 2006), 18.

rio Infopédia da Língua Portuguesa e no Dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa, representa a ideia de que os subúrbios são dependentes do centro da cidade[31]. Afinal, tratam-se de áreas que usufruíram do progresso do automóvel, máquina essa que permitiu às pessoas morar mais longe do centro (ou dos vários "centros") da cidade, onde trabalhavam[32]. Esse afastamento entre o local de trabalho e o local da residência provocou os chamados movimentos pendulares[33] que esvaziam as zonas residenciais durante o dia enquanto a sua população vai trabalhar.

A ideia de uma zona residencial em contraponto com uma de trabalho, constitui uma outra premissa, presente no glossário CEMAT a propósito de "urban sprawl", de que os subúrbios se caracterizem como uma zona monofuncional da área urbana, defendendo que estas zonas se podem apresentar com a função residencial, comercial ou industrial[34].

Eric Mumford descreve ainda os subúrbios como uma área de baixa densidade e que, por essa razão, não se conseguem tornar em cidades por si só[35]. O glossário CEMAT e a obra "Territórios Periurbanos", ao descrever "periurbano", acrescentam que estes territórios se situam entre o urbano e o rural, usufruindo do solo de um modo fragmentado, onde sobram terrenos por edificar por entre o desenvolvimento urbano. Por essa razão, quando é comparado com as partes consolidadas da cidade, este território suburbano é caracterizado como sendo disperso e de baixa densidade[36]. Essa ocupação do espaço de um modo disperso traz problemas tanto a nível administrativo (com a criação e manutenção de largas redes infra-estruturais) como a nível ambiental (com a intensa impermeabilização do território sem um plano concreto)[37].

Uma procura pelas expressões e representações dos subúrbios em diferentes culturas também se revela extremamente benéfica para situar os subúrbios de Viseu em comparação com os do resto do mundo. Em *Suburban Form*, com uma grande capacidade de síntese (e de generalização), são apresentadas quatro expressões dos subúrbios pelo mundo: "planned new towns", "in-

[31] *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*. Porto Editora, s.v. "subúrbio."
Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto Editora, s.v. "área suburbana."
Dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa: Verbo, 2000, s.v. "subúrbio."

[32] *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*. Porto Editora, s.v. "área suburbana."

[33] Maria de Fátima Ferreiro et al., *Territórios Periurbanos* (Lisboa: DGT - Direção-Geral do Território, 2019), 94.

[34] Spatial Planning and Landscape Division, "CEMAT Glossary of Key Expressions used in Spatial Development Policies in Europe," 24.

[35] Eric Mumford, *Designing the modern city: urbanism since 1850* (New Haven: Yale University Press, 2018), 266.

[36] Spatial Planning and Landscape Division, "CEMAT Glossary of Key Expressions used in Spatial Development Policies in Europe," 14. Ver também Ferreiro et al., *Territórios Periurbanos*, 94.

[37] Álvaro Domingues, Nuno Portas, and João Cabral, *Políticas Urbanas: Tendências, Estratégias e Oportunidades* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003), 44. Ver também Ferreiro et al., *Territórios Periurbanos*, 94.

formal settlements", "edge cities" e "sprawl". De entre estas expressões, "Sprawl" é aquela que vai ter o foco. Este termo define uma área suburbana como um desenvolvimento extenso que atravessa os limites administrativos das cidades enquanto devora território e recursos naturais[38]. O "urban sprawl" é um termo utilizado regularmente nos Estados Unidos da América para descrever os seus típicos subúrbios. Tendo em conta a disseminação que a cultura estadunidense tem no mundo contemporâneo, o subúrbio americano é aquele que será o mais fácil de imaginar, numa imagem caracterizada por bairros de baixas casas isoladas, armazéns e centros comerciais que se prolongam infinitamente pela paisagem[39]. Ainda assim, "sprawl" é um termo recorrente não só na América do Norte como também na Europa[40]. Para a definição proposta neste capítulo, o que mais interessará reter do "sprawl" é a sua expressão residencial e dispersa num largo território[41].

No mundo existem muitos tipos diferentes de subúrbios, mas até em Portugal é possível encontrar grandes divergências nas expressões do território suburbano. A ideia de "subúrbio" como uma área urbana necessariamente dependente do centro da cidade começa a desvanecer-se quando se chega às áreas metropolitanas do Porto e de Lisboa, onde concelhos inteiros são engolidos pelas suas zonas de influência e até eles se começam a considerar periferias do núcleo forte das áreas metropolitanas e a tornar-se "subúrbios" desses núcleos. Apesar de estarem integrados na esfera de influência da área metropolitana, estes concelhos não só apresentam séculos de história independente bem visíveis nas suas ruas, praças, portos, edifícios, muralhas, etc., como também conseguem gerar os seus próprios pólos, longe do centro da área metropolitana, e as suas próprias relações e ligações com outros municípios, formando redes urbanas homogéneas ao longo de uma grande extensão do território[42].

Viseu não se situa nestas áreas metropolitanas, mas tem uma dimensão, história e posição no território que possibilitou o aparecimento de uma área central densa e uma área circundante dispersa[43]. Os subúrbios de Viseu são predominantemente re-

[38] *Suburban form*, 6-7.

[39] "Sometimes I wonder if the World's so small/That we can never get away from the sprawl/Living in the sprawl/Dead shopping malls rise like mountains beyond mountains/ And there's no end in sight/I need the darkness, someone please cut the lights" Arcade Fire, "Sprawl II (Mountains Beyond Mountains)," in *The Suburbs* (2010).

[40] Ver Reid Ewing, Rolf Pendall, and Don Chen, *MEASURING SPRAWL AND ITS IMPACT* (Washington, DC: Smart Growth America, 2002), https://community-wealth.org/sites/clone.community-wealth.org/files/downloads/report-ewing-et-al14.PDF. Ver também Spatial Planning and Landscape Division, "CEMAT Glossary of Key Expressions used in Spatial Development Policies in Europe", 24.

[41] Uma crítica comum da generalização que o termo "subúrbio" supõe está relacionada com o facto dos subúrbios integrarem todo o espectro de camadas sociais, tornando difícil a concretização de uma análise sociológica a este tipo de desenvolvimentos urbanos quando o termo que o descreve é o mesmo. Sobre as diferenças entre "subúrbio dourado" e "subúrbio vermelho" ver Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 143.

[42] Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 120.

[43] Facilmente verificável pela leitura da cartografia do Plano Director Municipal de Viseu, situação em análise nos capítulos seguintes.

sidenciais, sendo pontuados por alguma indústria, farmácias, oficinas, pequeno comércio e restauração. Com a excepção de duas zonas industriais (do Mundão e de Coimbrões), a maioria da indústria integra-se com garagens e oficinas ao longo dos principais corredores de entrada e saída de Viseu. Além destas zonas industriais, a quase totalidade das funções estruturantes (administrativas, judiciais, económicas, comerciais, sociais, culturais, etc.[44]) situa-se dentro do Viseu consolidado, de tal forma que os subúrbios viseenses apresentam essa expressão residencial dispersa e extensa, um pouco à maneira do "sprawl", se bem que não com a mesma dimensão.

Integrado no caso específico de Viseu e supondo uma análise de Rio de Loba, propõe-se aqui, por fim, uma definição de "subúrbios" que sintetize as definições recolhidas. Esta definição será aquela que deve ser tida em conta ao longo da restante dissertação sempre que se falar de subúrbios.

Subúrbios – Áreas que surgem na proximidade ou na periferia de centros urbanos densos e consolidados. Como têm falta de funções estruturantes de uma cidade, os subúrbios dependem dos centros urbanos consolidados, onde essas funções normalmente se localizam. No entanto, esses centros também dependem dos subúrbios, já que é nestes que uma grande parte da população vive, fornecendo mão de obra para o funcionamento da cidade. Tratam-se de áreas onde a diversidade de funções é muito reduzida, de tal forma que são regularmente vistas como monofuncionais, podendo ser subúrbios residenciais, industriais ou comerciais. A imagem mais forte e comum dos subúrbios é a que os apresenta como espaços residenciais de baixa densidade, por oposição aos centros densos e fortalecidos das cidades. Descrevem a área que fica entre o que é descrito como "urbano" e o "rural", apresentando muitas vezes um desenvolvimento de modo disperso e de baixa densidade, com extensos pedaços de território não construído que fazem o pano de fundo. A sua dispersão pelo território obriga a custosos prolongamentos das infra-estruturas e ao consumo exagerado de recursos naturais.

[44] o modelo "uma cidade – um centro" detém, entre outras qualidades, a aglomeração de funções com carácter direccional nas várias esferas da vida social (militar, religiosa, político-administrativa, económica, cultural, etc.); Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 41.

Caixa de texto 1

Pelo menos em relação a "subúrbio", "periurbano" é um termo recente, já que não aparece no "Dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa", do ano 2000. Tendo em conta obras e textos mais recentes, como "Territórios Periurbanos" e o "CEMAT Glossary of Key Expressions used in Spatial Development Policies in Europe", "periurbano" parece ter substituído "subúrbio" quanto à descrição deste tipo de áreas urbanas, já que "subúrbio" é uma palavra evitada por completo nos dois textos indicados. Tendo em conta que o segundo texto se trata de um documento proveniente do Conselho Europeu, dá a ideia de que "subúrbio" se tornou num termo a evitar, possivelmente pela conotação negativa a que está associado. Basta lembrar a má fama dos bairros sociais dos subúrbios franceses[45] ou mesmo a simples definição de "suburbano", que indica "pessoa que tem mau gosto"[46]. Porém trata-se de uma situação confusa, já que "periurbano" tem uma definição que é virtualmente a mesma que "subúrbio", pelo que volta a cair na crítica da generalização que afecta este termo, se é que era esse o propósito da sua criação. Além disso, torna-se difícil considerar o glossário CEMAT quando muitas das definições ou vêm acompanhadas de excertos de páginas da Wikipedia ou são por completo retiradas dessas páginas. Com toda esta situação, "subúrbio" mantém-se no termo preferido para se usar ao longo da dissertação, já que pela sua história tem uma imagem muito mais viva que "periurbano".

[45] Foure, "Un faubourg, des banlieues, ou la déclinaison du rejet," 16.

[46] *Dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Verbo, 2000, s.v. "suburbano."

2. Método

2.1. Metodologia de análise

Para abordar a problemática em causa, ou seja, para poder compreender o espaço público de Rio de Loba segundo a teoria proposta da imagem e uso da cidade, foi preciso definir um traçado metodológico estável. Assim, a partir de alguns estudos de Daniel Pinson e Douglas Harper sobre o papel da etnografia como parte integrante do estudo arquitectónico e, mais em concreto sobre a fotografia etnográfica, foi delineado um método de análise.

Em *Usage et Architecture* e em "Ethnographie de l'habitat ouvrier en Basse-Loire (Du logement pour tous aux maisons en tous genres)", Daniel Pinson apresenta o cruzamento da interpretação da entrevista com a interpretação do espaço observado como

algo que diz respeito à teoria da arquitectura (apesar de descrever um método de análise etnográfico), na medida em que intersecta um determinado espaço com um conjunto de usos específicos que as pessoas lhe dão[47]. No segundo artigo, Pinson descreve o seu procedimento no estudo das habitações de um grupo de operários de duas fábricas. A metodologia aí adoptada integra a visita ao espaço em estudo, a cobertura fotográfica do mesmo e a utilização de documentos gráficos como plantas e licenças de construção. Além disso, para criar uma imagem mais completa, a fotografia e os desenhos vêm acompanhados de legendas que remetem para as actividades realizadas nesses espaços capturados. No que diz respeito a este tipo de levantamentos etnográficos, Pinson conclui que "[ao] contrário dos levantamentos estritamente arquitectónicos, eles restauram, além do espaço construído, a ocupação e os vestígios de apropriação"[48].

No artigo *Framing photographic etnography*, Harper alerta para uma atenção redobrada que se deve ter quando se faz um estudo fotográfico num trabalho etnográfico. Todos os parâmetros e características da câmara estão em jogo e têm influência na recepção da foto por aqueles que a vêem. Apoiando-se no registo fotográfico feito no âmbito de um estudo sobre o dia-a-dia nas quintas de produção de lacticínios, Harper explica o resultado das limitações das câmaras usadas nesse estudo. O enquadramento, a selecção dos elementos a representar e a posição da câmara são uma parte basilar da fotografia, mas uma parte a que vale a pena estar atento, pois há muita informação a ser retirada somente a partir do que está dentro do enquadramento e do que não está, sendo possível compreender as intenções do fotógrafo e a mensagem que ele pretende passar[49]. O último tema a retirar deste artigo trata da manipulação das situações fotografadas. Harper expõe como a manipulação do posicionamento das personagens capturadas ou da intensidade da luz da cena, pode vir a favorecer a interpretação do cenário que se está a retratar. Ao evitar situações mal iluminadas, ainda que reais, o fotógrafo consegue mostrar com maior capacidade as actividades diárias dos agricultores e não a falta de

[47] Pinson, *Usage et Architecture*, 163.

[48] Daniel Pinson, "Ethnographie de l'habitat ouvrier en Basse-Loire (Du logement pour tous aux maisons en tous genres)," *Les Cahiers de la recherche architecturale / Les Cahiers de la recherche architecturale et urbaine*, 1992, 152, https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01121408.

[49] Douglas Harper, "Framing photographic etnography: A case study," *Etnography*, 2003, 241, 54.

rede eléctrica nas quintas americanas (no caso específico do artigo escrito por Harper)[50].

Deste modo, numa primeira fase, a cidade de Viseu foi estudada pela sua cartografia de modo a não só compreender a génese do seu desenvolvimento urbano, mas também para procurar os limites de uma área de estudo, que se veio a revelar como Rio de Loba. A visita ao espaço em estudo era uma situação indispensável para se poder aprofundar a análise de Rio de Loba sobre a forma e organização do seu espaço público aliadas à imagem e actividades que as pessoas têm dele e realizam nele[51]. Assim, uma série de princípios metodológicos foram delineados para se aplicar num trabalho de campo pela área de estudo – cartografia desenhada e diário de campo para registo das observações; recolha fotográfica de situações a analisar do espaço público; contacto com os usuários de Rio de Loba e subsequente recolha de testemunhos.

[50] Harper, "Framing photographic etnography," 253-54.

[51] Tanto William Whyte Jr. como Daniel Pinson serviram de referências principais quanto ao tipo de trabalho de campo a realizar em Rio de Loba.

2.1.1. Cartografia

A análise cartográfica está presente a diferentes escalas. A cidade de Viseu começa por ser estudada à escala do seu município através de imagens de satélite do Google Earth, de cartas militares (de 1987 e 1989), do Plano Director Municipal vigente (de 2013), da planta do Ante-Plano Geral de Urbanização de Viseu (de 1950), entre outras cartografias (como uma planta do edificado pré 1975 e o edificado entre 1975 e 2000).

Em seguida, será desenhada uma base cartográfica da área de estudo preparada pelo autor e baseada nas plantas cedidas pela Câmara Municipal de Viseu. Embora essa nova cartografia se mantenha a uma escala relativamente afastada de uma escala própria para a análise do desenho do espaço público, toda essa aproximação será feita no trabalho de campo através da recolha fotográfica.

2.1.2. Fotografia e legendas

A câmara escolhida para fazer o retrato fotográfico do espaço público foi uma câmara de filmar Sony FDR-AX43. Esta câmara foi escolhida ao invés de uma normal de fotografia pelo formato da imagem tirada em 16:9, formato esse mais alongado que os formatos mais comuns de 3:2 e 4:3. Este formato mais alongado tem o intuito de criar a ideia de movimento ao se aproximar mais da proporção das imagens dos filmes que da proporção das fotografias. Além disso, possibilita a gravação de imagem e som de algumas situações, já que é essa a função primária da câmara.

Não sendo uma câmara de fotografia, apresenta algumas limitações no que respeita à alteração dos parâmetros de ISO, abertura e velocidade de obturação. O ISO não tem qualquer possibilidade de ser manipulado e a abertura da lente e a velocidade de obturação não têm forma de ser manipulados os dois ao mesmo tempo – manipulando um, o outro volta ao valor automático. A câmara tem no entanto um botão para a modificação da exposição da lente, combinando os dois últimos parâmetros (tendo sido uma função que viria a ser utilizada extensivamente). A velocidade de obturação seria manipulada isoladamente em situações onde se pretendesse dar ainda mais a ideia de movimento, como em ruas com elevado e veloz tráfego automóvel.

Quanto às legendas das fotos, Harper foi novamente tido como referência principal. Em vez de escrever legendas com notas puramente informativas, como a data, o local e nome dos participantes, Harper aponta o efeito causado na compreensão da foto ao se criar legendas com frases baseadas na experiência[52]. Deste modo, as legendas das fotos com pessoas no enquadramento descrevem as acções realizadas por elas no momento em que foram capturadas.

[52] Harper, "Framing photographic etnography," 262.

2.1.3. Contacto com os usuários e recolha de testemunhos

Durante o trabalho de campo, o contacto com os usuários de Rio de Loba é recolhido em diário de campo através de anotações e gravações das conversas tidas. As conversas foram orientadas com o propósito de aproximar este trabalho da visão que os habitantes da área de estudo têm do seu habitat. Tal como *A Imagem da Cidade* procura a percepção que os utilizadores da cidade têm do espaço onde vivem todos os dias, também neste caso se pretendia ter a visão do usuário de Rio de Loba. Assim, o objectivo desta parte remete para a interligação do espaço público existente com a vivência das pessoas que o usam. Estes testemunhos obtidos tiveram um guião de perguntas a servir de referência, mas que não seria para ser tomado à letra: o que se pretendia era uma conversa informal com os habitantes sobre as questões relevantes para o trabalho e não as respostas a um inquérito.

3. Análise do caso de estudo: Rio de Loba

3.1. Contexto

3.1.1. Expansão urbana de Viseu a partir da segunda metade do séc. XX

Viseu é uma cidade constantemente descrita como sendo um caso de excepção no padrão nacional[53]. Apesar de não se encontrar no litoral, consegue criar uma esfera de influência com cidades circundantes que é rara no interior do continente português. Como capital da unidade territorial Viseu Dão Lafões, Viseu estrutura uma rede regional de aglomerações urbanas da qual é o centro geográfico e económico[54]. As relações mais fortes estabelecem-se com Tondela e Mangualde, mas também existe um fluxo de pessoas com expressão relevante provocado pelos movimentos pen-

[53] "Viseu é uma cidade média com uma dimensão razoável no contexto nacional que se afirmou claramente no espaço de intermediação entre a alta e a baixa densidade, entre o litoral e o interior, graças a um forte dinamismo comercial e industrial." Joana Chorincas et al., *Portugal no Centro* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016), 60. Ver também: Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas*, 137.

dulares casa-trabalho entre Viseu e os centros urbanos de Nelas, Sátão, Castro Daire, São Pedro do Sul e Vouzela[55]. Os pólos logísticos e industriais estão dispersos por Viseu e por estes núcleos satélite, provocando esses movimentos pendulares e estabelecendo Viseu no centro deste conjunto de estruturas urbanas[56].

Numa perspectiva tipológica das expressões do desenvolvimento urbano em Portugal, Viseu chega a ser uma cidade integrada num "Sistema Metropolitano do Centro Litoral", uma área desenhada pelo triângulo Aveiro-Leiria-Viseu, com Coimbra e Figueira da Foz no meio. Contudo, é um sistema que não tem a escala de população, movimento e interfaces que têm as áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto[57], pelo que não será um tema explorado daqui em diante. Por outro lado, Viseu é muito mais facilmente compreendida como uma "cidade confinada"[58]. Ao contrário das que criam áreas metropolitanas este tipo de cidades desenvolve-se e contém a população dentro dos limites do concelho[59]. Apesar de serem cidades mais "contidas" e não apresentarem um desenvolvimento urbano que se estenda ao longo de vários concelhos, as cidades confinadas não escapam à expressão do *urbano difuso*, "expansivo, fragmentário, caótico"[60]. Aliás, apresentam até um forte contraste entre a cidade consolidada, "histórica", e a restante urbanização, "emergente"[61], com a normal expressão desse *urbano difuso*. Essa dualidade cria de forma muito clara a distinção entre o centro - a cidade antiga - e a restante, circundante - subúrbios.

3.1.2. Viseu à escala municipal

Viseu organiza-se ao nível primário da hierarquia viária através de um sistema muito claro de eixos radiais e vias circulares[62] (**Fig. 4**). Os eixos radiais apontam para os núcleos urbanos satélite da região do Dão, previamente enumerados. As circulares são compostas pela Circunvalação, a circular de menor diâmetro que envolve o núcleo de Viseu, e a 1ª Circular (Norte e Sul), duas vias que não se ligam uma à outra e que facilitam a ligação entre os bairros dos subúrbios de Viseu, a Norte e a Sul. Por fim, a maior circular é efec-

[54] Domingues descreve a influência regional de Viseu como um modelo "christalleriano" Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 79.; Partindo da geografia, a Teoria dos Lugares Centrais, de Walter Christaller, é uma teoria económica que descreve a organização do território de um modo radioconcêntrico, com o agrupamento de funções de comércio e serviços (funções centrais) em centros, "lugares centrais". A sua hierarquia é determinada pela quantidade e densidade de funções, que quanto maior for, maior será o seu "efeito gravitacional organizador de áreas de influência" Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 41.

[55] Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 79.

[56] Na Comunidade Intermunicipal de Viseu e Dão Lafões, as indústrias automóvel, florestal e metalomecânica são importantes pólos ao nível de empregabilidade, tendo a indústria automóvel e florestal um elevado volume de negócio e exportações. Estas indústrias situam-se nesses centros urbanos satélite a Viseu, nomeadamente Mangualde, Nelas, Tondela, Vouzela e Oliveira de Frades. Chorincas et al., *Portugal no Centro*, 512-15. Ver também Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas*, 137.

[57] Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 69.

[58] Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 77.

[59] Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 75.

[60] Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas*, 43.

[61] Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 137.

[62] Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 77.

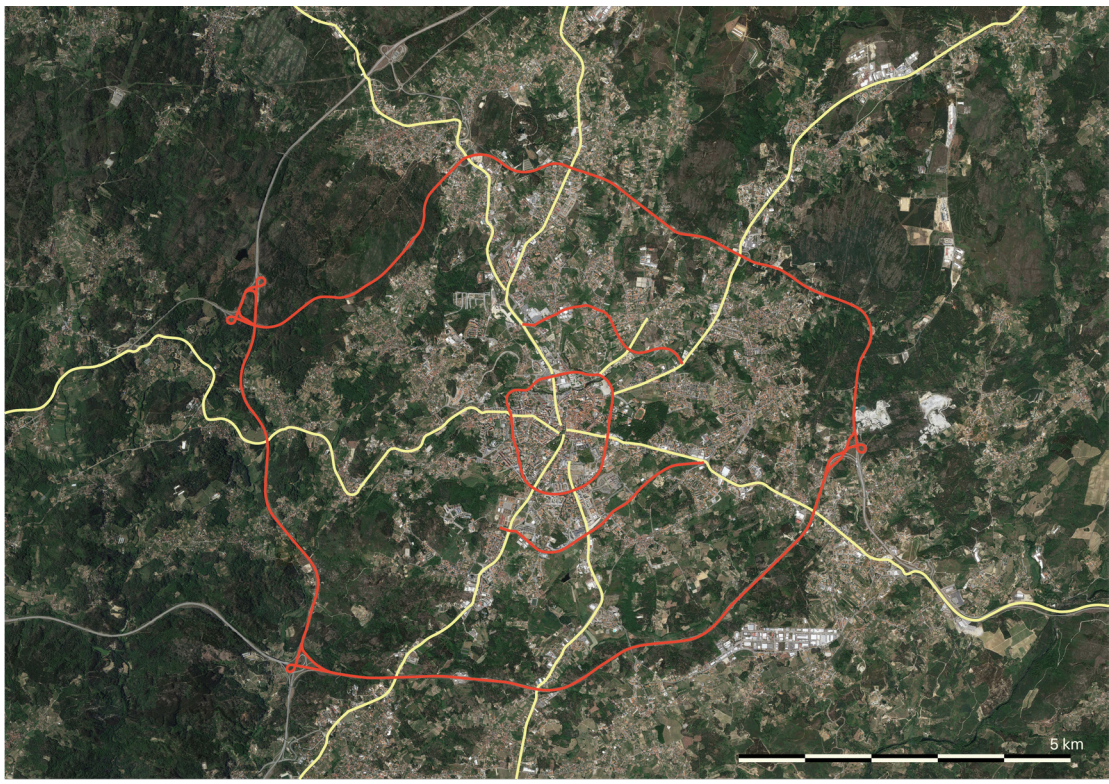


Fig. 4. Mapa das vias radiais e circulares de Viseu.

tivamente uma colagem de excertos do Itinerário Principal 5 (IP5) com as Auto-estradas da Beira Litoral e Alta (A25) e do Interior Norte (A24). Estas envolvem Viseu como uma circular com um raio de cerca de 5 quilómetros a partir do centro da cidade. Esta rede rodoviária de trânsito rápido, à qual se junta o IP3, serve igualmente de conexão de Viseu com os centros urbanos do Viseu Dão-Lafões e com as capitais de distrito mais próximas (Coimbra, Aveiro, Vila Real e Guarda).

Em Viseu, a distinção entre a cidade histórica e a emergente, essa característica das "cidades confinadas", é claríssima. A Circunvalação define, grosso modo, o limite da cidade consolidada, pois integra no seu interior todo o núcleo histórico e as expansões mais antigas de Viseu, feitas ao longo do séc. XIX e primeira metade do séc. XX[63]. A maior parte dos serviços localiza-se nesta área, bem como a maioria das funções e equipamentos essenciais de uma cidade[64]. Para lá da Circunvalação (com a excepção de núcleos mais densos e consolidados a Sul e Poente, adjacentes a esta via), Viseu torna-se mais irregular e intermitente - subúrbio. Basta ver o PDM de Viseu, em vigor desde 2013, para se perceber como toda a área definida como "Espaço central" está incluída dentro da Cir-

[63] Inês Vaz, Fátima Eusébio, and Luís Fernandes, "Capítulo 3 | Breve história urbana de Viseu," in *Guia para a reabilitação do centro histórico de Viseu* (Viseu: Câmara Municipal de Viseu, Universidade Católica Portuguesa, 2010), 35. Ver também Eduardo Lemos, "Capítulo 4 | Principais características do espaço público," in *Guia para a reabilitação do centro histórico de Viseu* (Viseu: Câmara Municipal de Viseu, Universidade Católica Portuguesa, 2010), 60-64.

[64] Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas*, 136-137.

cunvalação (**Fig. 66.** Planta 7: PDM - anexos). Esta área é descrita como essencial para a cidade "(...) sob o ponto de vista histórico e de identidade (...)" e por ter grande "(...) concentração de actividades terciárias e residenciais (...)"[65]. Em contrapartida, a cidade exterior à Circunvalação é quase toda definida como "Espaços residenciais", descritos (tal como o nome indica) como "(...) áreas que se destinam preferencialmente a funções residenciais (...)"[66]. Fora da Circunvalação, os edifícios tornam-se mais dispersos, surgem superfícies comerciais, armazéns e pequena indústria, bem como oficinas, cafés, pequenas mercearias e supermercados, mas a habitação torna-se de forma inequívoca na função predominante[67]. Por entre esta área suburbana da cidade estão incluídas antigas aldeias e povoações que são agora, cada uma delas, parte integrante do tecido urbano como mais um bairro de Viseu. Apesar de ser considerada como uma área difusa da cidade, toda ela é passível de ser contida no interior de uma circunferência de 5 quilómetros de raio a partir do centro. Na área delimitada por esta circunferência está aquilo que passará a ser considerado ao longo desta dissertação como cidade de Viseu, consolidada e subúrbios (**Fig. 5**).

Analisar os dados da população do concelho, ajuda a apoiar esta ideia. O concelho de Viseu tem uma população de 99 561 habitantes. Porém, na área mencionada vivem entre 60 000 a 70 000 habitantes[68]. Logo, apesar de ser um concelho com 507,10 km², a maior parte da população do concelho encontra-se dentro deste círculo com 78,54 km². Outro dado interessante prende-se com a diferença entre a cidade de Viseu consolidada e a suburbana. A freguesia de Viseu, a do centro da cidade, perfaz 25 804 residentes, pelo que os subúrbios de Viseu terão entre 35 000 a 45 000 residentes, a larga maioria da população da cidade.

[65] Segundo o Artigo 69º do PDM de Viseu.

[66] Segundo o Artigo 72º do PDM de Viseu.

[67] Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas*, 137.

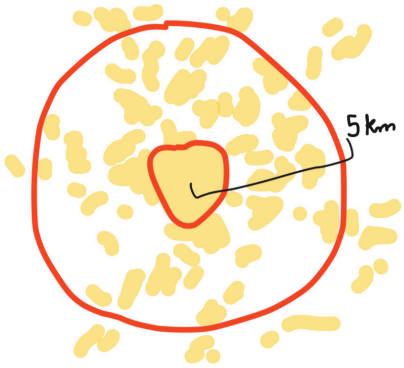


Fig. 5. Viseu, consolidada e subúrbios.

[68] Estimativa feita a partir dos dados da população das freguesias do concelho. Freguesias completamente abrangidas pelo raio de 5km (Abraveses, Orgens, Ranhados, Repeses e São Salvador, Rio de Loba, Viseu) = 59 469 habitantes. Somatório das anteriores freguesias com as que são só parcialmente abrangidas pelo raio de 5km (Campo, Mundão, São João de Lourosa) = 71 374 pessoas. Instituto Nacional de Estatística, Resultados Provisórios do XVI Recenseamento Geral da População e VI Recenseamento Geral da Habitação - Censos 2021, (2021).

3.1.3. Urbanismo de Viseu no séc. XX e XXI

Focando a história do urbanismo viseense ao longo do séc. XX, é possível compreender as razões para as diferenças entre a cidade de Viseu nuclear e a suburbana. Nos anos 30 e 40, Portugal começou a seguir o urbanismo institucional da restante Europa. Com a tomada de posse de Duarte Pacheco como Ministro das Obras Públicas[69] e com o intuito de organizar o urbanismo a nível nacional, as câmaras municipais foram obrigadas a criar planos gerais de urbanização, já que "nenhuma obra de urbanização se realizará que não seja parte integrante de um plano geral de urbanização devidamente concebido"[70]. Viseu, como sede do município, fez parte integrante deste projecto nacional e em 1950 ficou terminado o Ante-Plano Geral de Urbanização de Viseu[71]. João António de Aguiar, autor do Ante-Plano, assumiu como uma das prioridades o controlo do tráfego de veículos pelo centro da cidade e o acesso aos eixos viários regionais. Como propostas para facilitar essa circulação, João de Aguiar, além de ter determinado demolições no centro histórico, propôs a criação da "via periférica"[72], uma via circular que rodeava e limitava a expansão urbana da cidade com o intuito de interligar todos os eixos radiais que ligam Viseu aos restantes núcleos urbanos da região do Dão e limitar o atravessamento do centro da cidade (**Fig. 6**). Este limite da expansão urbana da cidade é definido também pela delineação dos terrenos exteriores à via periférica como "zona rural", território destinado à produção agrícola, onde só era permitida a edificação de estruturas de apoio agrícola entre outros edifícios de excepção[73].

A demarcação dos terrenos rurais e da via periférica, mais tarde designada por Circunvalação, acabou por criar uma fronteira que cedo se revelou excessivamente apertada para o crescimento urbano da cidade. Em 1965, a Câmara Municipal apercebeu-se do aparecimento de planos de urbanização de particulares fora da área do Ante-Plano, em zonas próximas da cidade[74] e no início dos anos 70 já Viseu apresentava 4000 fogos e 6000 habitantes a mais do que o previsto por João de Aguiar[75].

[69] Margarida Souza Lôbo, *Planos de Urbanização - A Época de Duarte Pacheco* (DGOTDU FAUP Publicações, 1995), 37.

[70] Segundo o Decreto-Lei 24.802 de 21 de Dezembro de 1934, citado em Lôbo, *Planos de Urbanização - A Época de Duarte Pacheco*, 39.

[71] Lôbo, *Planos de Urbanização - A Época de Duarte Pacheco*, 180.

[72] Lôbo, *Planos de Urbanização - A Época de Duarte Pacheco*, 183.

[73] Jorge Almeida, "A dinâmica urbana de Viseu na segunda metade do século XX – o contributo dos planos urbanísticos dos particulares na formação da cidade" (Dissertação de Mestrado em Geografia - Dinâmicas Espaciais e Ordenamento do Território, Universidade do Porto, 2000), 56.

[74] Lôbo, *Planos de Urbanização - A Época de Duarte Pacheco*, 183.

[75] Almeida, "A dinâmica urbana de Viseu na segunda metade do século XX," 59.



Fig. 6. Anteplano Geral de Urbanização de Viseu (1950).

A expansão urbana exterior ao Ante-Plano desenvolveu os subúrbios da cidade ao longo das restantes décadas do século XX[76], já que, apesar da câmara municipal ter tentado em vários momentos rever o projecto de João de Aguiar (nomeadamente em 1975 e 1985), este plano foi vigente até 1995, ano da implementação do Plano Director Municipal (PDM)[77]. No entanto, no decorrer deste período, foram sendo feitas alterações pontuais ao Ante-Plano que foram permitindo algumas acções urbanas em zonas de terrenos rurais[78]. Ainda assim, a posse dos terrenos rurais anexos à Circunvalação por diversas instituições públicas e privadas manteve a expansão da cidade na periferia, no território que fica além do delimitado pelo Ante-Plano[79]. É precisamente por esta situação que a Circunvalação acabou por se tornar no limite entre a cidade consolidada e a cidade suburbana, como se se tratasse da muralha

[76] "Na década de 80, acentua-se o desenvolvimento centrífugo da cidade, nos lugares periféricos que se urbanizam de modo espontâneo, muito pelo advento da lei do loteamento, DL 289/73 de 6 de Junho e 400/84 de 31 de Dezembro, que se traduziu na maior área loteada nos últimos vinte e cinco anos [1975-2000], cerca de 45% do total de área loteada." Almeida, "A dinâmica urbana de Viseu na segunda metade do século XX," 60.

[77] Almeida, "A dinâmica urbana de Viseu na segunda metade do século XX," 58.

[78] Almeida, "A dinâmica urbana de Viseu na segunda metade do século XX," 60.

[79] Entre zonas industriais e terrenos agrícolas dessa "zona rural" do anteplano, situavam-se: a Nascente, a Quinta Agrária, a Mata do Fontelo, o Seminário Maior e as Quintas do Viso Norte e Sul; A Sul, o Quartel de Infantaria 14; a Poente, a Quinta de Marzovelos; A Norte, os Caminhos de Ferro Portugueses e a Cava de Viriato (Monumento Nacional desde 1910). Almeida, "A dinâmica urbana de Viseu na segunda metade do século XX," 79-80.

contemporânea de Viseu.

A expressão dos subúrbios viseenses foi-se alterando ao longo deste período. Desde os anos 70 até ao final dos anos 90, a iniciativa privada sustentou em Viseu cerca de 91% do número de fogos criados, com a iniciativa pública a criar os restante 9% de fogos[80]. Com a propagação dos loteamentos dos particulares e das empresas de construção, o papel da administração ficou reduzido à fiscalização das normas urbanísticas e complementação da sua infra-estrutura[81]. É possível notar-se as diferenças de forma e tipologia dos loteamentos ao longo das décadas. Ao longo dos anos 70 e até meados da década de 80, a imagem mais marcante desta expansão urbana periférica caracteriza-se por moradias uni e bi-familiares, de dois a três pisos, com pequeno quintal, construídas em quintas loteadas pelos herdeiros. Na proximidade da Circunvalação, os edifícios são mais altos (seis a sete pisos). De meados dos anos 80 ao fim da década de 90, assiste-se a uma maior densidade de fogos por loteamentos, com o aumento de moradias em banda, em detrimento das isoladas dos anos 70, e com maior quantidade de edifícios com mais de quatro pisos e de edifícios mistos, com habitação plurifamiliar conjugada com comércio e serviços[82]. Estas tipologias de habitação acarretam diferentes formas e diferentes modos de organização do espaço urbano, pelo que serão um dos elementos em foco ao longo da análise do caso de estudo.

A implementação do PDM em 1995 possibilitou que Viseu, ao fim de quatro décadas de vigência do Ante-Plano, tivesse um projecto que coordenasse todo o desenvolvimento urbano do município, tanto o consolidado como o mais disperso, o interior e o exterior à Circunvalação. No PDM (nas suas várias versões até à actual, de 2013) é perceptível que a Câmara de Viseu decidiu guiar esse desenvolvimento urbano através do planeamento de novas radiais e de circulares com diversos diâmetros, numa perspectiva semelhante à da Circunvalação, que tanto facilita a deslocação automóvel pela cidade. As novas vias são mais largas e dão acesso a grandes rotundas nas intersecções de maior relevância, tendo por princípio facilitar a circulação por entre os subúrbios da cidade ao

[80] Almeida, "A dinâmica urbana de Viseu na segunda metade do século XX," 154.

[81] Almeida, "A dinâmica urbana de Viseu na segunda metade do século XX," 78-79.

[82] Almeida, "A dinâmica urbana de Viseu na segunda metade do século XX," 86-88.

evitar o atravessamento dos loteamentos.

Quanto ao entendimento que o PDM faz da cidade de Viseu, tem interesse apontar as tipologias de solo da cidade. Uma das circunstâncias mais importantes do plano reside na divisão da cidade em "solo urbanizado" e "solo urbanizável". O "solo urbanizado" envolve a cidade consolidada e não consolidada, enquanto o "solo urbanizável" descreve todo o território que se pode tornar urbanizado, ficando então englobado por planos de pormenor[83] para que isso possa acontecer, onde estão definidos os limites das cérceas, o traçado viário e índices de construção.

O PDM encontra-se em discussão no tempo da escrita desta dissertação e existem já algumas alterações quanto ao panorama do planeamento de Viseu. Por exemplo, o projecto da 2ª Circular será abandonado por completo. Foi feito um estudo que concluiu que a rede viária existente é suficiente para servir até o dobro da população actual das freguesias afectadas pela proposta da circular[84]. Tendo em conta que desde 2011 Viseu manteve a sua população (teve um aumento muito reduzido de 0,3%, equivalente a 287 habitantes) e situando-se num território regional onde a população está em tendência decrescente, criar uma infra-estrutura como esta circular não tinha qualquer tipo de proveito. Outra situação do novo PDM com importância significativa para os subúrbios de Viseu está relacionada com a redução da área edificável[85]. O objectivo é claro: ao reduzir a área edificável, reduz-se também as infra-estruturas que a câmara tem de expandir com o aparecimento de novas edificações. As infra-estruturas de água, gás e electricidade já estão criadas na restante área edificada, onde existe espaço suficiente para nova construção, pelo que desta forma já não é necessário prolongar mais as existentes, diminuindo os gastos e minimizando um dos problemas mais comuns associados à expansão suburbana[86].

[83] Descritos no PDM como Unidades Operativas de Planeamento e Gestão (UOPG).

[84] Notar como na freguesia de Rio de Loba, o plano da 2ª Circular passa muito próximo da IP5, via que já serve como a circular maior de Viseu; a 2ª Circular parece uma redundância (**Fig. 66.** Planta 7: PDM - anexos).

[85] Informações obtidas a partir da conversa com o presidente da Junta de Freguesia de Rio de Loba, Berito Esteves, a 8 de Abril de 2022.

[86] Em Políticas Urbanas, é apresentada uma pequena listagem dos factores negativos da urbanização difusa: "destruição de unidades de paisagem longamente estabilizadas, consumo excessivo de solo, destruição ou obliteração de sistemas biofísicos, gasto de energia e de infra-estrutura, etc." Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas*, 44.

3.2. Delimitação de uma área de estudo em Viseu

Na necessidade de encontrar uma área dos subúrbios viseenses para aplicar um estudo sobre a sua imagem e uso, o foco incidiu sobre Rio de Loba. Com uma população de 9 009 habitantes, esta freguesia é a mais populosa dos subúrbios da cidade e a segunda mais populosa do concelho, só atrás da freguesia de Viseu, do centro da cidade[87]. Contudo, tendo em conta a teoria já exposta, ao invés dos limites administrativos da freguesia de Rio de Loba, a área de estudo ficou delimitada por quatro vias estruturantes da cidade: Estrada Nacional 229 (EN229) a Noroeste, Estrada da Circunvalação a Poente, Estrada Nacional 16 (EN16) a Sul, IP5 e A25 de Norte a Nascente (**Fig. 7**). Estes limites foram escolhidos,

[87] Instituto Nacional de Estatística, Resultados Provisórios do XVI Recenseamento Geral da População e VI Recenseamento Geral da Habitação - Censos 2021.

ao invés dos limites administrativos da freguesia, por se tratarem de fronteiras físicas, visíveis, sensíveis, algo que numa dissertação focada na imagem do espaço público tem muito mais impacto do que a fronteira "imaginária" da freguesia. Os limites da área são vias com um elevado tráfego viário. O seu atravessamento implica quase sempre a utilização de um veículo automóvel, já que o tráfego veloz praticamente impossibilita trespassar estas vias a pé.



Fig. 7. Mapa da área de estudo com as vias que a limitam assinaladas.

Com estes limites, a maior parte da freguesia de Rio de Loba fica incluída dentro da área, pelo menos, a maioria da sua parte habitada. Dentro da área existem ainda dois bairros que já pertencem à freguesia de Viseu: Gumirães e Santa Eugénia. Por estarem "separados" da restante freguesia pelas vias limite da área e pela Mata do Fontelo (o maior parque da cidade, muito apreciado pelos viseenses), estes bairros foram também estudados como os de Rio de Loba. Ainda assim, apesar dos limites englobarem estes dois bairros, a área de estudo será denominada Rio de Loba na maior parte das situações descritas ao longo deste trabalho pela sua predominância e influência dentro dos limites traçados.

A área de estudo é composta por um conjunto de bairros criados em diferentes fases da expansão urbana da cidade. Os núcleos mais antigos são facilmente identificados nas cartas militares de 1987 e 1989 (**Fig. 65.** Planta 6: Carta Militar de Rio de Loba; **Fig. 67.** Planta 8: Edificado pré 1975 e entre 1975 a 2000 - anexos), sendo eles: Rio de Loba; Travassós de Cima; Gumirães; Póvoa de Sobrinhos. Esses núcleos compõem antigas aldeias que quando comparados com a restante área apresentam uma maior densidade de edifícios e ruas mais estreitas e sinuosas.

Gumirães trata-se de um bairro composto por uma antiga aldeia (de Gumirães) e por uma das mais antigas expansões suburbanas da cidade. Efectivamente, Gumirães e o Bairro de Santa Eugénia tiveram um desenvolvimento urbano anterior à da restante área, já que se situam na proximidade da Circunvalação e ainda dentro da Freguesia de Viseu. Santa Eugénia apresenta até uma morfologia semelhante a outros bairros do Viseu interior à Circunvalação, com edifícios que chegam até aos sete pisos[88]. No entanto, a maior parte da expansão urbana da área de estudo (e dos restantes subúrbios de Viseu) fez-se durante os anos 70 e 80 de um modo mais próximo da morfologia de Gumirães, que é composta por moradias baixas e isoladas (2 a 3 pisos) e com um pequeno quintal[89]. Ao longo dos anos 80 e 90, tal como em todo o município, em Rio de Loba surgem modos de habitação mais densos com a proliferação da moradia em banda e de edifícios de habitação plurifamiliar (com mais de 3 pisos)[90].

[88] A expansão de Gumirães fez-se através do loteamento da Quinta de Santo António, nos anos 70 e 80; o Bairro de Santa Eugénia data dos anos 80; Almeida, "A dinâmica urbana de Viseu na segunda metade do século XX," 59-60, 87.

[89] Como é o caso dos loteamentos das Quintas da Ramalhosa, de São João da Carreira e do Viso Norte; Almeida, "A dinâmica urbana de Viseu na segunda metade do século XX," 60.

[90] Almeida, "A dinâmica urbana de Viseu na segunda metade do século XX," 87-88.

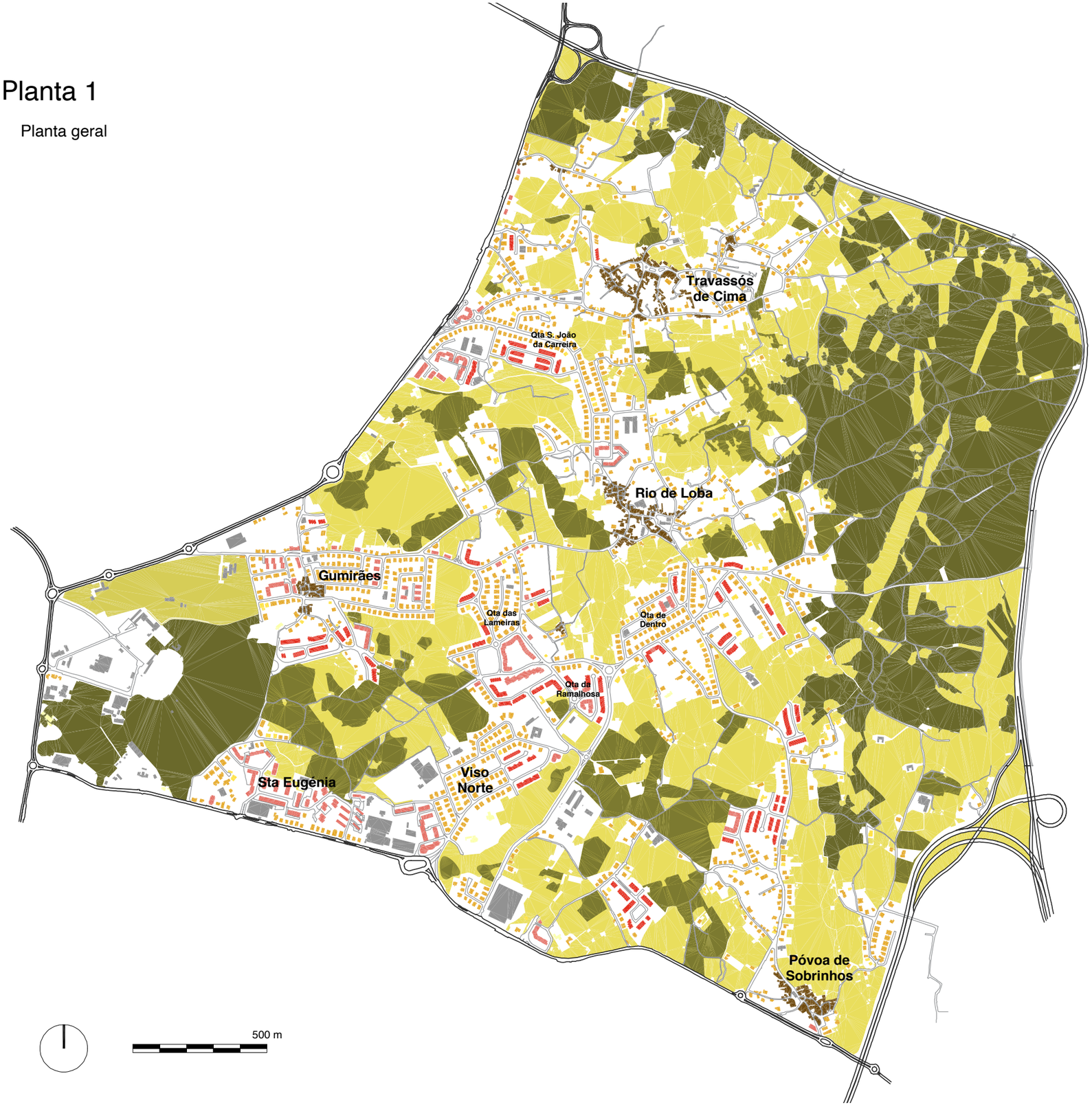
3.3. O espaço público de Rio de Loba

3.3.1. Leitura da cartografia de Rio de Loba

A cartografia aqui apresentada põe em foco o traçado da rede viária, a forma e organização dos edifícios e os terrenos não construídos - agrícolas e florestais. O mapa da área está limitado pelas vias anteriormente citadas como os limites da área de estudo. Além dessas vias, também se encontram diferenciadas as grandes manchas de árvores da Mata do Fontelo a Poente e toda a área florestal a Nascente que, para além das vias de fronteira, acabam por delimitar a parte habitada da área de estudo (**Fig. 8.** Planta 1, na pág. 47).

Planta 1

Planta geral



Edificado

- Moradias em banda
- Edifícios plurifamiliares (4 ou mais pisos)
- Moradias isoladas ou geminadas (2 a 3 pisos)
- Moradias isoladas ou geminadas (1 piso)
- Quintas
- Frente antiga e densa
- Outros

Terrenos verdes

- Pouca densidade de árvores
- Muita densidade de árvores
- Fontelo / Floresta de Rio de Loba

Fonte: Elaboração do autor a partir das plantas cedidas pela Câmara Municipal de Viseu.

A rede viária encontra-se representada pelo limite do passeio ou dos lotes com a superfície alcatroada. A rede interior da área está a cinzento e as vias que fronteiram a área de estudo a cinzento mais escuro.

Como são os modos de habitação mais recorrentes e representativos do desenvolvimento de Rio de Loba, a moradia isolada (e geminada), a moradia em banda e o edifício plurifamiliar são outros elementos em foco nesta cartografia. Pela especificidade da sua forma, os edifícios estão divididos por volumetria em vez de tipologia de habitação ou época de construção. Tendo em conta a teoria basilar desta dissertação, a organização do espaço é algo muito mais perceptível para as pessoas do que a forma e elementos arquitectónicos ou tipologias de habitação[91]. As fachadas das habitações privadas criam uma fachada de percepção pública e é principalmente a volumetria dos edifícios que influencia essa percepção. Uma rua de casas isoladas (volumes baixos e separados uns dos outros) deixa transparecer a paisagem que fica escondida atrás delas com um ritmo cadenciado, enquanto uma rua de casas em banda (um volume baixo e contínuo) não permite essa percepção da paisagem envolvente à rua (**Fig. 9 e 10**). Já os edifícios plurifamiliares com quatro ou mais pisos cobrem por completo tudo o que esteja atrás deles, se bem que, quando surgem isolados, servirão melhor como ponto de referência do que como "protecção" daquilo que escondem. Assim, os edifícios são retratados por tramas coloridas numa palete de cores quentes (do amarelo mais claro ao vermelho), de tal forma que cada cor representa uma volumetria específica: edifícios plurifamiliares (mais de três pisos - rosa), moradias em banda (vermelho), moradias isoladas de dois/três pisos (podendo ser casas geminadas, bifamiliares ou unifamiliares - laranja), moradias isoladas de um piso (amarelo) e quintas (amarelo mais claro). Tratando-se das tipologias de edifícios de habitação com maior expressão em Viseu ao longo da sua expansão na segunda metade do séc. XX, as moradias isoladas, moradias em banda e os edifícios plurifamiliares acarretam uma análise mais aprofundada neste trabalho. Além destas divisões para os edifícios de

[91] Rapoport, *Aspectos humanos de la forma urbana*, 24. Ver também Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 203, 05.



Fig. 9. Casas em banda tapam o que está atrás delas.



Fig. 10. Casas isoladas permitem ver o que está atrás delas.

habitação, acrescentou-se uma tipologia para uma frente urbana mais antiga e densa (castanho), derivada das aldeias que foram englobadas pela expansão urbana, e mais uma para edifícios com outras funções que não a residencial (a cinzento), como armazéns, igrejas, escolas, oficinas, entre outros, ou seja, edifícios cuja forma é visivelmente distinta da forma das habitações.

Os terrenos não construídos, terrenos agrícolas e florestais, analisados igualmente neste estudo e representados nos mapas, passam daqui a diante a ser denominados de "terrenos verdes". Toda a teoria lida sobre o desenvolvimento urbano fala sobre terrenos na expressão urbana que se apresentam vazios de edificação, podendo ser abandonados, pós-industriais, florestais, etc. Em suma, território que sobrou por construir no meio do desenvolvimento urbano. Apesar de serem descritos como "partes fundamentais do sistema urbano"[92], os nomes que lhes são dados, como "terrenos vagos", "solo vazio", "amnésias urbanas"[93], parecem retratar este tipo de território sempre pelo que não têm (edifícios) em vez do que têm (natureza, por mais que ela seja resultado da intervenção do ser humano), por isso, são logo à partida lidos pela negativa. "Área verde" também não será o termo indicado por representar normalmente os jardins, parques e canteiros espalhados pela cidade. Helena Madureira foi quem mais se aproximou do termo aqui empregue. A autora descreve a "infraestrutura verde" como todo o tipo de espaços naturais na cidade e na sua envolvente, sejam eles de uso público ou privado. Esclarece que se trata de um sistema com "múltiplos benefícios, sejam de ordem ambiental, (...) sejam de ordem sociocultural, promovendo o nosso contacto com a natureza, contribuindo para a saúde física e mental e para o bem-estar geral, facilitando a prática de atividades ao ar livre, ou ainda contribuindo para a imagem da cidade"[94]. Como no caso concreto desta dissertação se está a focar particularmente nos terrenos agrícolas e florestais e não em absolutamente toda a "infraestrutura verde" de que Madureira fala, "terrenos verdes" fica assim como o termo delineado para estes terrenos que, tal como a "infraestrutura verde", são vistos pelos seus efeitos socioculturais.

[92] Álvaro Domingues, *Cidade e democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal* (Lisboa: Argumentum, 2006), 35.

[93] Domingues, *Cidade e democracia*, 35-36.

[94] Helena Madureira, "Natureza," in *Geografia do Porto*, ed. José Alberto Rio Fernandes (Porto: Book Cover, 2020), 180.

Os terrenos verdes estão divididos com uma ideia semelhante à dos edifícios: por volumetria (da mancha de árvores). Ao percorrer as ruas, seja de carro ou a pé, é perceptível a diferença entre estar rodeado de árvores ou estar rodeado de campos agrícolas e descampados. Assim, assinalados também com tramas coloridas de verde, dividem-se os terrenos em terrenos com densa mancha arbórea (verde escuro) e terrenos com vegetação mais rasa, inexistente ou árvores mais isoladas (verde claro). Esta diferenciação foi totalmente esboçada pela percepção do autor.

Falta fazer referência ao que não está a ser representado na cartografia. Como existem imensas situações que não se revelam importantes para a presente análise, existe uma grande quantidade de motivos que se encontra englobada numa mancha branca de fundo, presente em todos os mapas desenhados. O limite dos lotes está incluído nessa mancha branca, já que interessava mais saber como era a noção do espaço público do que a divisão entre as várias habitações. As hortas, canteiros, jardins públicos e restante vegetação presente em separadores viários e rotundas também se integram no branco por não fazerem parte dos elementos em foco. Como já foi referido, estes elementos de vegetação participam na percepção do verde de que Helena Madureira fala, mas não pertencem ao conceito proposto dos terrenos verdes. À escala tratada, os passeios também aparecem a branco. Será possível pressupor a sua localização no espaço conformado pelas linhas da rede viária e o limite mais próximo das manchas dos edifícios. Embora as árvores dispersas ao longo de todo o espaço público de Rio de Loba não estejam assinaladas na cartografia, foram ainda integradas na análise de Rio de Loba pelo *corpus* fotográfico.

3.3.2. Composição da rede viária

Rio de Loba está fora do Ante-Plano Geral de Urbanização de Viseu. Como tal, não usufruiu de um planeamento urbano claro como toda a região incluída no Ante-Plano. O facto de não estar abrangida por um projecto geral não impediu que a região se desenvolvesse, com dezenas de planos particulares a proliferar ao longo da segunda metade do século XX como resposta à procura habitacional. Porém, esse desenvolvimento não ficou regrado com as ideias de facilidade de atravessamento e de circulação que o Ante-Plano impôs através da Circunvalação e das vias que acedem ao centro da cidade.

A rede viária de Rio de Loba é composta por um aglomerado de diferentes tipos de formações de vias. Algumas derivaram do alcatroar de antigos caminhos,

mantendo, portanto, o carácter sinuoso que eles já tivessem. Não obstante as ondulações do traçado viário, essas ruas podem ser as vias mais directas de ligação entre pólos marcantes da área. Outras resultam do planeamento de novas vias de acesso e atravessamento da área, de modo a facilitar o trânsito automóvel (PDM), tratando-se de vias mais largas e com rotundas nos nós mais importantes. Outras ainda são o resultado directo da proliferação dos loteamentos de quintas particulares, resultando em vias cuja função primordial é o acesso às habitações desses loteamentos.

A circulação por Rio de Loba durante o trabalho de campo demonstrou como estes tipos de vias não representam uma hierarquia viária como à partida poderia dar a entender, o que causa alguma confusão na orientação pela área. Os dois primeiros tipos de vias não provocam grandes complicações nessa orientação. Afinal, ou derivam de caminhos que já existiam pela sua ligação entre pontos relevantes (como as estradas que conectam as aldeias de Rio de Loba a Travassós de Cima ou a que liga Rio de Loba e Gumirães a Viseu), ou são feitas com o propósito da simplificação das deslocações por estes subúrbios. Contudo, ao contrário das anteriores, as ruas que resultam dos loteamentos não são planeadas com o propósito de organização geral de toda a área de Rio de Loba. Na verdade, são vias que olham para o seu umbigo, preocupadas somente com o acesso às habitações da quinta loteada que sustentam. A desconexão entre a rede viária dos diferentes loteamentos resulta muitas vezes em ruas que terminam de forma desconfortável e embaraçosa, em entroncamentos, carreteiros ou becos sem saída. Nas plantas é possível ainda observar-se situações constrangedoras de ruas de diferentes bairros que se encontram extremamente próximas e que ainda assim não se interligam (**Fig. 11, 12 e 13**).

Contudo, apesar desse "egoísmo" dos loteamentos, a sua rede viária integra-se na restante e chega até a integrar a maior parte dos arruamentos da área[95], onde compõem alguns dos percursos mais curtos e rápidos que atravessam Rio de Loba, mesmo com os seus cruzamentos e entroncamentos confusos[96].

[95] "A malha urbana é, na sua maior parte, constituída pela soma das estruturas viárias e espaços colectivos propostos pelas várias operações urbanísticas de promoção privada." Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 201.

[96] Um dos casos mais curiosos acontece no bairro do Viso Norte, onde os condutores preferem atravessar este bairro residencial por entre cruzamentos e entroncamentos ao invés de percorrerem o percurso mais simples por ser necessário parar num semáforo na Estrada Nacional 16, carregada de trânsito. Essa alternativa de percurso não ficou oculta da Administração, que colocou lombas nas ruas de Viso Norte para abrandar o tráfego que atravessa o bairro.

Fig. 11. Detalhe da planta geral. Beco que não se liga à restante rede viária.



Fig. 12. Detalhe da planta geral. Seis becos que não se ligam uns aos outros.



Fig. 13. Detalhe da planta geral. A Quinta das Lameiras (em cima) e o bairro do Viso Norte (em baixo), apesar de próximos, não se ligam.



3.3.3. Beco sem saída

De entre os tipos de fins incómodos das ruas de Rio de Loba, o beco sem saída revelou-se de tal forma interessante que acabou por se tornar num dos pontos fulcrais desta dissertação. A abundância de becos em Rio de Loba[97] parece espelhar um modelo de fazer subúrbios que se baseia na redução do atravessamento da área ao mínimo: "Uma estrutura urbana com base numa malha contínua propõe múltiplos percursos possíveis entre os diferentes pontos, tal como propõe diferentes modos de percorrer, em diferentes meios de transporte, com diferentes velocidades, hábitos e objectivos, possibilitando a multiplicação de paragens ao longo de cada percurso. (...) Ao contrário, no modelo que tem por paradigma o *cul-de-sac*, o atravessamento do território, não tem qualquer efeito potenciador no espaço urbano que é atravessado. Esta estrutura parte da criação de canais de atravessamento exclusivamente dedicados ao tráfego motorizado ficando a relação com os núcleos de actividades limitada aos nós da rede."[98]

Numa síntese, esta passagem descreve toda a essência dos planos dos particulares, virados sobre si mesmos e ligados à restante rede viária no mínimo de pontos possíveis. Uma rede composta por estes planos torna-se confusa: as ruas deixam de ser planeadas tendo em conta a facilidade de atravessamento e ganham cruzamentos, bifurcações e impasses. Traçam-se curvas e torções provocadas pela forma da quinta loteada[99], o que dificulta a criação de uma imagem mental clara do espaço percorrido[100]. Com tanta ambiguidade e falta de clareza dos percursos, torna-se praticamente impossível qualquer indivíduo que não esteja treinado pelo hábito conseguir atravessar esta área suburbana sem se perder no caminho.

O beco sem saída é o componente fundamental deste labirinto. Para quem nele habita, o beco representa a extremidade dos seus itinerários, ou seja, o início ou o fim dos percursos. Para quem não o habita e tenta apenas atravessar o subúrbio, o beco significa um erro de percurso, o ponto onde fazer inversão de marcha para

[97] Ao todo foram analisados oitenta becos, se bem que se encontraram em Rio de Loba mais de uma centena de exemplos.

[98] Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 197.

[99] Aliás, o principal factor que influencia o traçado destas ruas é, porventura, a própria forma da quinta loteada (**Fig. 14 e 15**).

[100] As dificuldades causadas por uma forma ambígua na percepção da cidade são apontadas por Lynch em dois casos específicos do seu estudo de Boston. O primeiro caso retrata um parque (Boston Common) que tem cinco lados, mas com cinco ângulos rectos, o que faz com que as pessoas se percam ao atravessá-lo. O segundo caso diz respeito ao cruzamento de duas vias fulcrais de Boston: "as ruas Boylston e Tremont, são de grande importância para a cidade (...). Aqui, estas duas ruas cruzam-se num ângulo quase recto, mas a grande distância, parecem ser paralelas". Lynch, *A Imagem da Cidade*, 32.

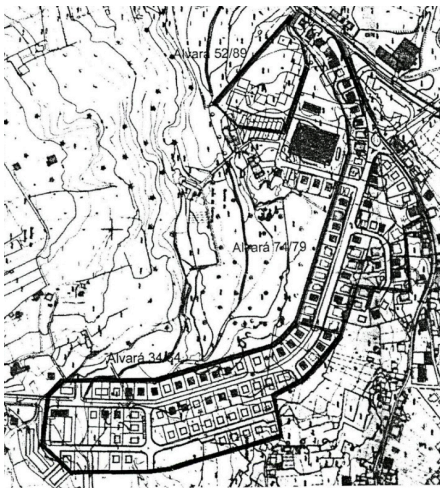


Fig. 14. Quinta de São João da Carreira. A forma da quinta traçou uma longa rua em curva.

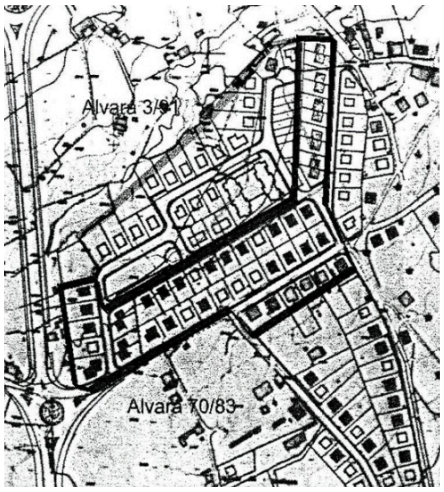


Fig. 15. Quinta de Dentro. A forma da quinta loteada definiu o traçado das ruas que a atravessam.

voltar a procurar o caminho correcto.

Além do labirinto que ajudam a criar, os becos sem saída revelam outro tipo de características que o transformam nesse elemento fundamental dos subúrbios, como se fossem a chave para a sua compreensão. A redução de atravessamentos provoca uma diminuição do movimento da rua. Com pouco movimento e cruzamento de vias, uma cidade perde possíveis pólos de encontro e interface, zonas indispensáveis para o desenvolvimento de uma cidade por criarem uma grande diversidade de funções. Sem esses nós e cruzamentos, os bairros tornam-se em partes monofuncionais da cidade[101], tal como descrito no capítulo da definição de subúrbios. Como a área de estudo escolhida integra os subúrbios de Viseu, a função predominante dos becos de Rio de Loba é a residencial. O beco representa também a problemática da manutenção de um território cada vez mais extenso. Como se tratam das pontas dos ramos do desenvolvimento urbano, os becos são os elementos que esticam as redes de infra-estrutura, limpeza e transportes públicos da cidade, tornando a sua gestão cada vez mais dispendiosa. Nos casos de impasse de ruas com terrenos verdes, os becos materializam uma representação literal dos subúrbios como espaço entre o "urbano" e o "rural", já que a interrupção abrupta da rua por causa desses terrenos marca o sítio onde a fronteira é mais visível.

[101] "o simples facto do espaço público ser percorrido faz com que diferentes estabelecimentos de comércio e serviços aí se fixem e desenvolvam." Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 197.

3.4. Análise do espaço público dos becos

Para se aplicar toda a teoria e metodologia estudadas num caso prático, o beco sem saída torna-se agora no elemento central de uma análise mais profunda. O estudo destes elementos divide-se por tipologias das ruas sem saída, definidas pelo autor através da leitura da cartografia e da observação directa em trabalho de campo: becos finitos; becos com continuação; becos de urbanizações. Os becos finitos são becos cujo final da rua tem uma fronteira intransponível, seja um muro de uma casa, uma vedação de um terreno ou um anexo para arrecadação. Na maior parte dos casos, o passeio ou contorna toda a rua no fim ou então é interrompido abruptamente pelas fronteiras enumeradas acima. Também acon-

tece o beco não ter passeio algum. Os becos com continuação são ruas sem saída para automóveis, mas com caminhos de terra por onde pessoas e bicicletas conseguem passar, ou, em casos mais específicos, carreteiros que dão acesso a mais um par de habitações. A maior parte das vezes são ruas que acabam em caminhos de serventia por entre terrenos florestais. Os becos de urbanizações encontram-se anexos ao desenvolvimento de edifícios plurifamiliares, servindo muitas vezes de acesso às garagens dos seus habitantes. Algumas vezes contornam campos de jogos ou pequenos jardins e, por essa mesma razão, apesar do carácter mais privado de acesso a garagens, são vias que continuam efectivamente a ser espaço público por darem acesso a esses campos e jardins de usufruto públicos.

A legibilidade da cidade de que Kevin Lynch fala, nomeadamente aquela que é feita ao percorrer o espaço público, também ajudou a esboçar esta tipologia de ruas sem saída. Os três tipos de becos descrevem três tipos de percursos, ou melhor, interrupções de percursos: os becos finitos obrigam a um retrocesso; os becos com continuação permitem o prolongamento do percurso ainda que só para alguns tipos de mobilidade; os becos de urbanizações integram-se de uma maneira diferente com o espaço público, apresentando passeios, carreiros, canteiros, escadas e até campos de jogos que possibilitam uma maior diversidade de percursos.

Para se compreender a expressão dos becos e o modo como são lidos pelas pessoas que os usam, um pequeno grupo de situações e acontecimentos foram escolhidos como filtros de leitura do espaço público. Assim, foram tiradas conclusões quanto: ao estacionamento dos automóveis; à estrutura dos passeios; aos muros de vedação; às árvores e restante vegetação perceptível; a elementos marcantes ou outro tipo de características que definam as ruas. Além destas situações, foram igualmente estudados os terrenos verdes da área por estarem intrinsecamente ligados a pelo menos uma tipologia de becos (os becos com continuação). Estes motivos foram escolhidos ao invés de outros por referência à teoria da imagem e do uso da cidade, pelo que se dá primazia à aná-

lise que pode ser feita a olho nu e pelos restantes sentidos ao percorrer o espaço público e pelo contacto directo com os usuários da área de estudo. Lynch tem, aliás, uma forte influência na escolha destes motivos a aprofundar. As situações das vedações e da *percepção do verde* em cada rua estão ligados à visibilidade (ou à sensibilidade) do espaço público, já que são as vedações e as árvores que cobrem e descobrem a visão das fachadas das casas. Por outro lado, a análise do estacionamento, do passeio público e dos terrenos verdes foi mais influenciada por Edward T. Hall e William H. Whyte. Como se tratam de autores que estudam o comportamento humano dado um determinado meio ambiente, é a sua teoria que está na base das relações interpretadas ao longo do estudo entre a composição do espaço público de Rio de Loba e o uso do mesmo pelos usuários. Estas três situações tratam-se de momentos em que o espaço e a actividade nele praticada se parecem relacionar muito claramente, tornando-se mais fácil propor algum tipo de conclusões quanto à influência que a forma do meio ambiente tem sobre o uso do mesmo. Por fim, os elementos marcantes dos becos foram analisados por influência directa da teoria d'*A Imagem da Cidade*. Quando Lynch escreve sobre a forma das ruas, foca-se principalmente no que diz respeito aos elementos que facilitam a leitura e interpretação da cidade[102]. A sua obra descreve os "elementos marcantes" como pontos fulcrais para a orientação pela cidade[103]. Como os subúrbios se tratam de um território tão alargado e com expressões tão semelhantes na sua extensão, é interessante compreender o modo como as ruas se distinguem umas das outras ou que marcos é que pontuam a área e se tornam visíveis aos olhos dos seus usuários.

3.4.1. Técnicas metodológicas aplicadas

Tendo em conta a metodologia estudada, apresenta-se aqui a aplicação da mesma durante a análise do espaço público dos becos de Rio de Loba. A metodologia materializou-se na cartografia desenhada, num catálogo de fotografias dos oitenta becos escolhi-

[102] "Temos a oportunidade de formar o nosso novo mundo citadino como sendo uma paisagem ideal: visível, coerente e clara." Lynch, *A Imagem da Cidade*, 103.

[103] "Pontos [ou Elementos] Marcantes: estes são outro tipo de referência, mas, neste caso, o observador não está dentro deles, pois são externos. São normalmente representados por um objecto físico, definido de um modo simples: edifício, sinal, loja, montanha. O seu uso implica a sua distinção e evidência em relação a uma quantidade enorme de outros elementos. Alguns pontos marcantes situam-se a grande distância, acima dos cumes de outros elementos mais pequenos e são usados como referências radiais. Podem situar-se dentro da cidade ou a uma tal distância que desempenham a função constante de símbolo de direcção. É o caso de torres isoladas, cúpulas douradas, colinas extensas. (...) Outros pontos marcantes são essencialmente locais, podendo ser avistados apenas em regiões restritas e a certa proximidade. Estes são os sinais inumeráveis, as fachadas de lojas, árvores, puxadores de portas e outros detalhes urbanos que completam a imagem da maior parte dos observadores e são, normalmente, usados como indicações de identidade e até de estrutura. Parecem adquirir um significado crescente à medida que as deslocações se vão tornando cada vez mais familiares." Lynch, *A Imagem da Cidade*, 59.

dos, numa tabela que sintetiza o trabalho de campo, assim como na análise dos testemunhos obtidos e pelo inventário dos usos observados (**Plates 1-14**: catálogo de fotos dos becos; Tabela 1; testemunhos; inventário dos usos - anexos).

- Cartografia

As ruas sem saída, como situação que merece uma análise mais detalhada, estão divididas por tipologia e assinaladas por círculos em tons de azul: becos finitos (azul escuro), becos com continuação (azul) e becos de urbanizações (azul claro), bem como becos de excepção (azul mais escuro) que não se integravam em nenhuma destas tipologias, mas que também mereciam apreciação. Toda a diferenciação entre as tipologias e sua nomenclatura partiu da observação directa e da interpretação do autor. Para um mais fácil manuseamento durante o trabalho de campo e melhor processamento da informação a recolher sobre os becos, o mapa da área de estudo foi separado em cinco zonas (**Fig. 61.** Planta 2 - anexos), cinco folhas A4 com o território à escala 1:5000. Cada uma destas folhas tem assinalada a respectiva identificação (com a letra da zona, o nome dos lugares mais importantes dentro da mesma e a escala), tem as ruas sem saída numeradas dentro de cada uma das tipologias e tem os elementos previamente expostos como a rede viária, o edificado e os "terrenos verdes" (**Fig. 16-20**, da página 60 à 64, respectivamente Zona A, B, C, D e E).

Todas as observações do trabalho de campo foram sendo anotadas nas folhas A4 das zonas. Os mapas serviam para anotar e localizar determinadas situações de maior importância, fosse o movimento de pessoas ou veículos, os locais de contacto com os habitantes de Rio de Loba e qual a sua residência, o espaço que usavam mais, os caminhos que faziam ou que viam a ser percorridos, a existência de passeio e a sua interrupção, etc. A parte de trás das folhas, em branco, servia para anotar o depoimento das pessoas com quem se conversou além de outras situações e actividades ocorridas nas ruas. Além disso, era anotado igualmente a identificação do beco, a hora e a data da visita e do contacto com os habitantes (**Fig. 68-81.** Digitalização dos mapas - anexos). Por fim, todas estas observações e anotações foram transcritas para um ficheiro no computador para mais fácil tratamento da informação.

- Testemunhos

O guião para as conversas que foram sendo tidas ao longo do trabalho de campo incide de modo diferente na imagem e no uso do espaço público. Quanto à imagem, as perguntas centram-se na compreensão dos limites da cidade, de Rio de

Loba e da sua rua ou bairro. Quanto ao uso, o foco é dirigido para as actividades realizadas na rua em questão e da restante área de estudo. O passeio pelo bairro é um dos focos principais nesta matéria do uso do espaço público, pois joga com um misto da percepção das áreas que as pessoas sentem como mais agradáveis com o uso que fazem delas. Os testemunhos aparecem ao longo dos momentos de análise sempre que faça referência ao tema examinado para poder ter a visão do usuário.

O objectivo dos testemunhos cingia-se a compreender o modo como os usuários (não os habitantes) usavam o espaço público dos becos. Contudo, em retrospectiva, poder-se-ia dizer que o espaço público dos becos analisados integra o habitat dos indivíduos cujos testemunhos foram recolhidos, já que, na grande maioria dos casos, se trataram de pessoas que viviam numa casa da rua em questão. Logo, seria possível considerar as pessoas com quem se conversou como "habitantes" das ruas sobre as quais falavam. No entanto, a análise feita pretendia ter o ponto de vista de qualquer pessoa que usufruísse do espaço público dos subúrbios, daqueles que lá vivem e daqueles que o usam esporadicamente ou por necessidade pontual. A abrangência de indivíduos que podiam ser interpelados estaria a ser restringida caso se escolhesse abordar apenas os habitantes da área, daí que tenha sido feita a distinção entre habitante e usuário no enquadramento teórico (**Fig. 62.** Planta 3 - anexos).

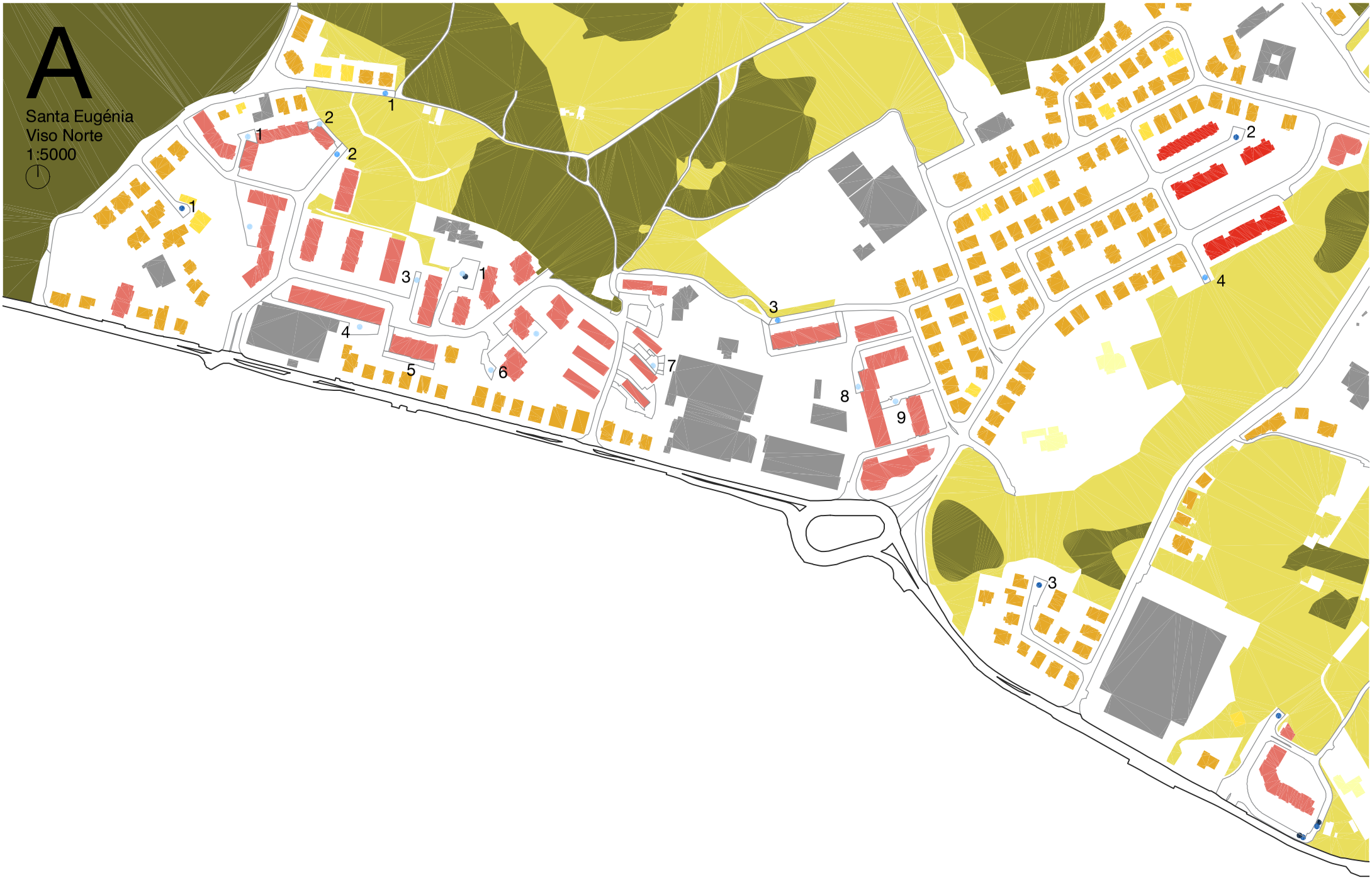
Caixa de texto 2

No cerne desta pesquisa etnográfica, o tripé revelou-se como uma peça fulcral, não só como apoio à fotografia, mas também por ser um "quebra-gelo" de conversa fenomenal.

Ainda antes de começar a recolha fotográfica, num momento em que apenas andava a sondar as ruas a percorrer para o trabalho de campo e somente de câmara na mão, era possível sentir uma atmosfera de vigilância em qualquer rua sem saída que eu entrasse. Parecia haver uma enorme curiosidade por parte dos habitantes em saber porque razão andaria alguém pela sua rua com uma câmara de filmar. Criava-se até um muito intenso sentimento de constante vigia que me fazia sentir como um forasteiro, diminuindo (com grande eficácia) a minha vontade de permanecer na rua.

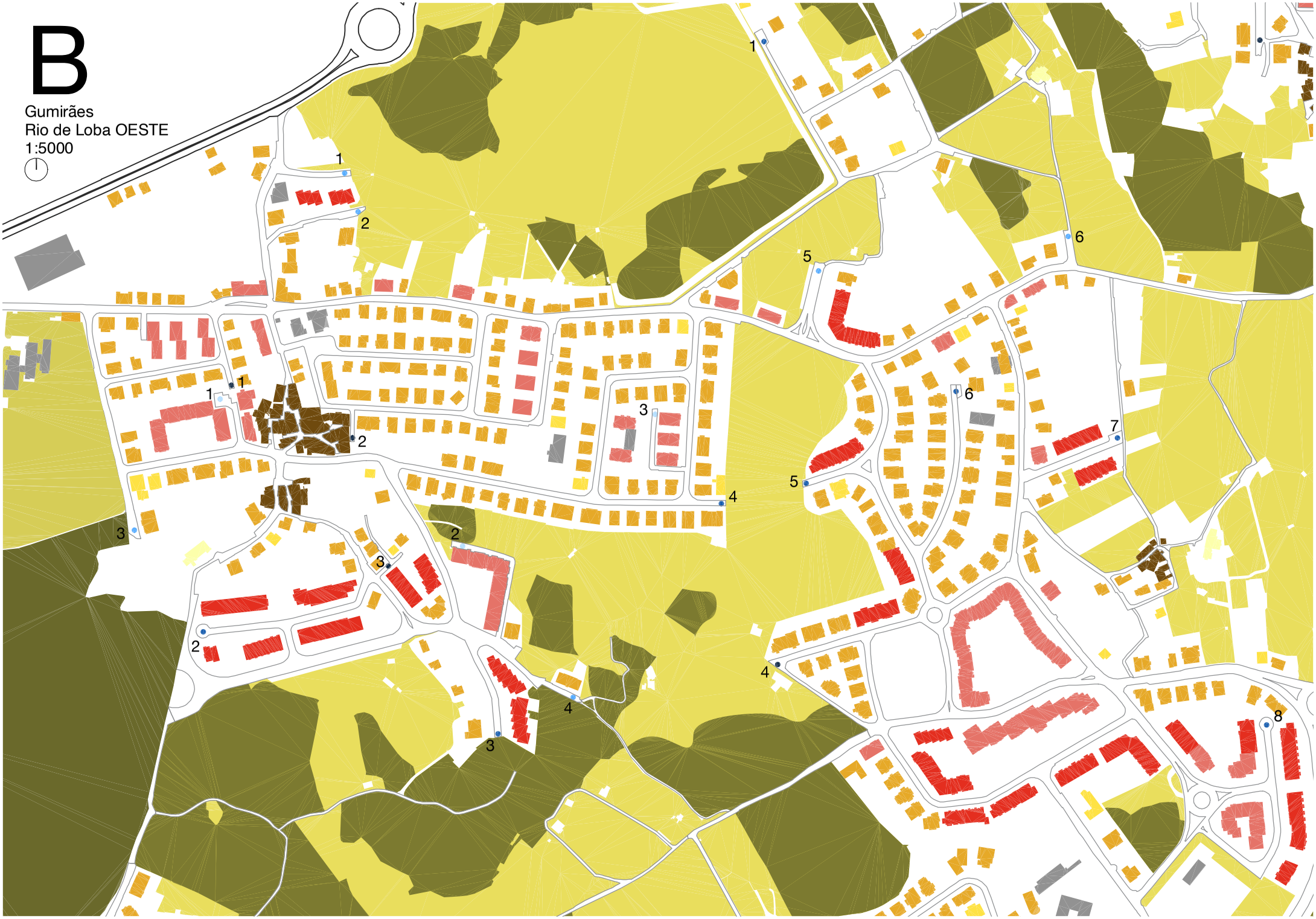
A partir do momento em que eu passei a usar o tripé como auxílio para fotografar as ruas, essa curiosidade das pessoas começou a materializar-se em perguntas. As pessoas passaram a perguntar-me se se estaria a fazer algum levantamento ou se estaria planeado para a sua rua mais algum estacionamento ou continuação do traçado. O tripé com a câmara montada foi constantemente confundido com material de levantamento topográfico.

Além de ser vantajoso para a fotografia, o uso do tripé passa uma ideia de profissionalismo que não era atingido só com a câmara de filmar. Efectivamente, as fotos passaram a ser tiradas com mais cuidado na sua composição devido ao uso do tripé, ou seja, passou realmente a ser feito com mais "profissionalismo". No entanto, a imagem de maior competência que passava às pessoas terá sido tão importante para este trabalho como o papel que desempenha como ferramenta fotográfica.


A
Santa Eugénia
Viso Norte
1:5000
1
2
1
2
1
3
1
4
5
6
7
3
8
9
2
4
3

B

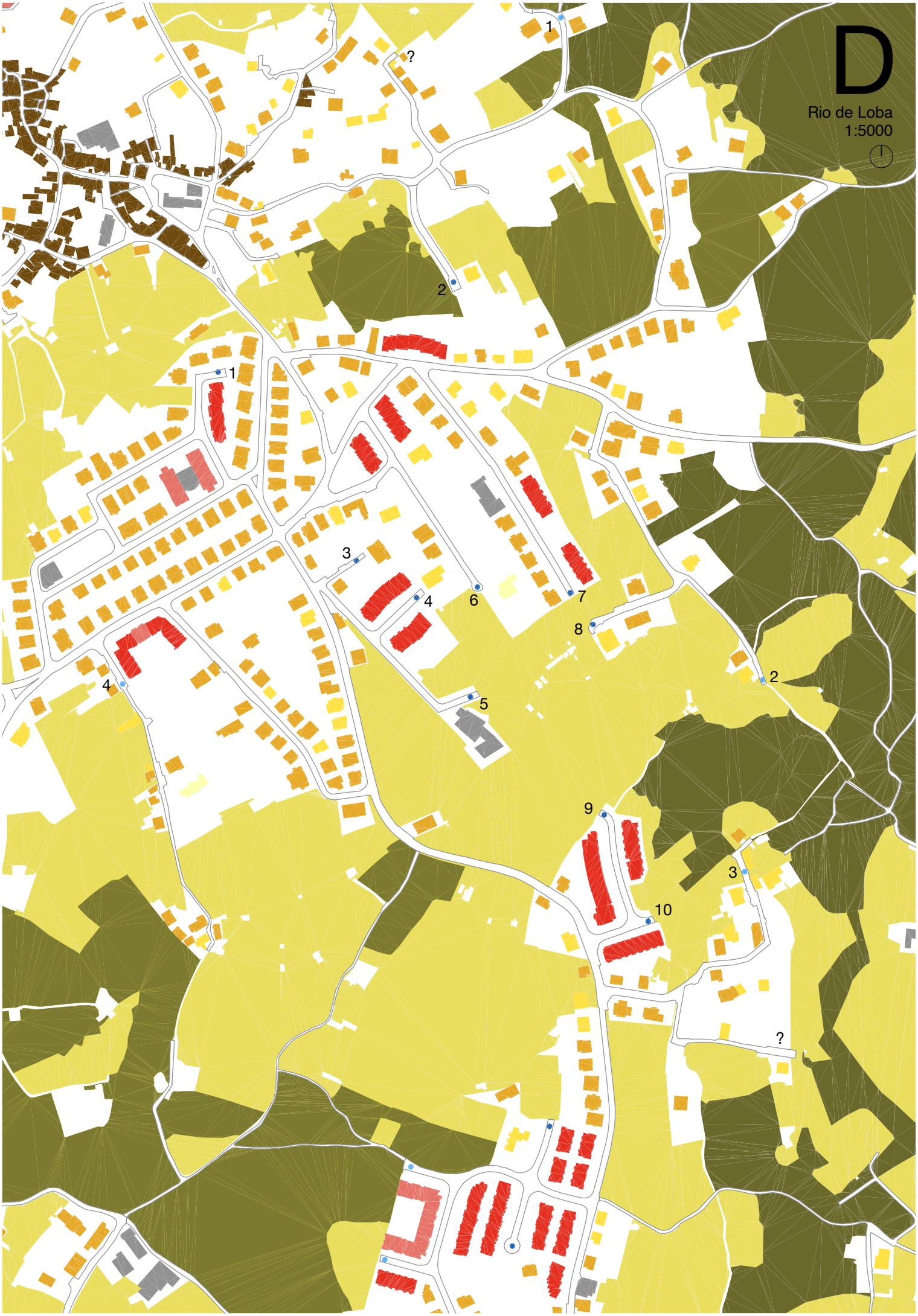
Gumirães
Rio de Loba OESTE
1:5000

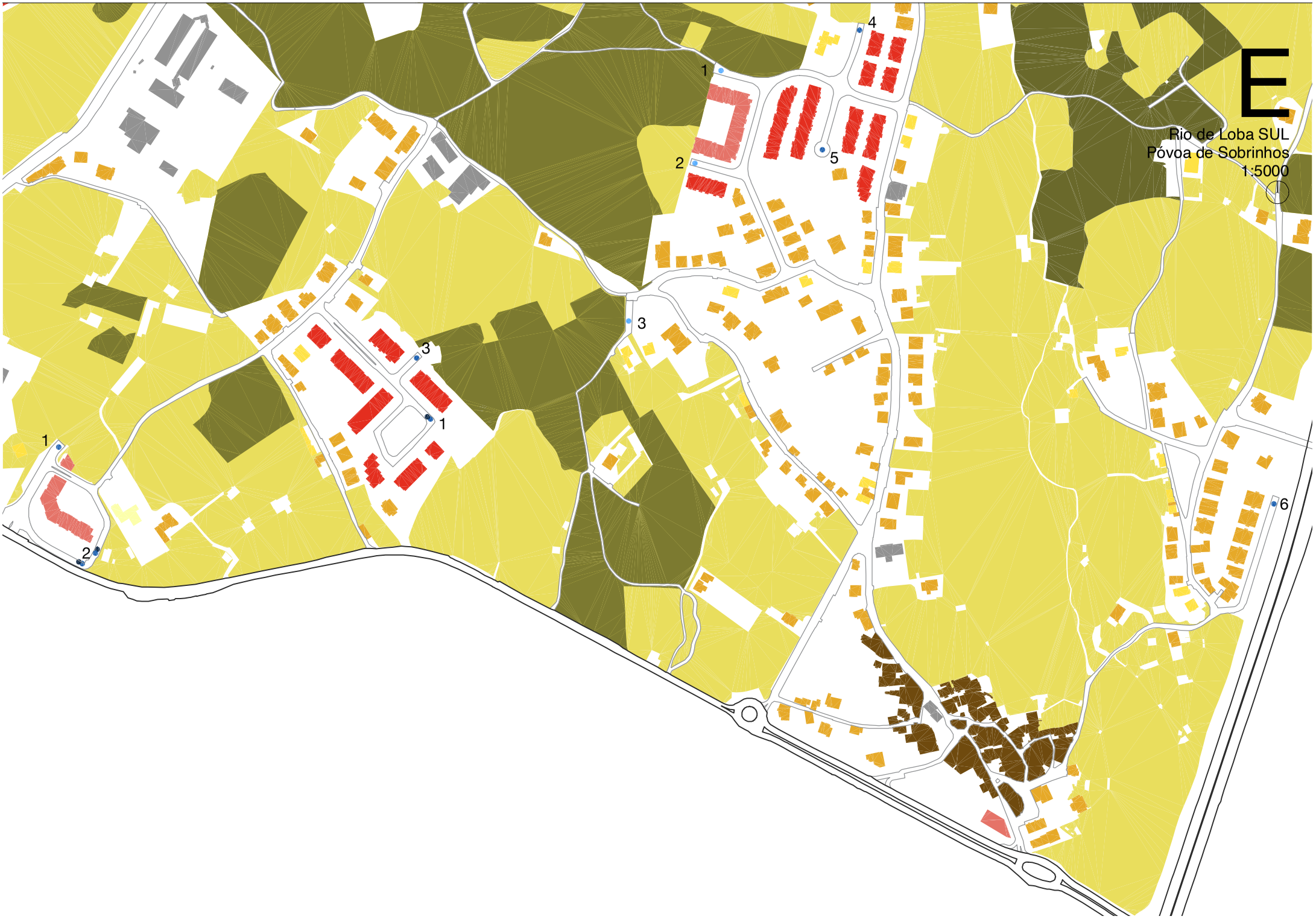


C

Travassós de Cima
Rio de Loba NORTE
1:5000




D
Rio de Loba
1:5000
1
?
2
1
3
4
6
7
8
2
4
5
9
3
10
?


E
Rio de Loba SUL
Póvoa de Sobrinhos
1:5000
1
2
3
4
5
6

- Catálogo de fotos dos becos

A partir do momento em que ficou decidido que se devia criar um *corpus* fotográfico das ruas sem saída de Rio de Loba, foi preciso definir algumas constantes ao longo do trabalho de campo para que o espaço público se tornasse no foco evidente do trabalho. Assim, ao comparar todas as fotos tiradas as diferenças entre os becos começariam a sobressair. Douglas Harper ditou que parâmetros é que se podiam manipular através do controlo da câmara fotográfica. No entanto, Bernd e Hilla Becher foram as principais referências quanto ao tipo de fotografia que se pretendia capturar. Os Becher criaram um catálogo tipológico de edifícios na esfera da indústria do carvão e do aço, como reservatórios de água ou gás, fornalhas ou torres de arrefecimento[104]. Ao longo de quatro décadas de pesquisa e recolha dos dois lados do Oceano Atlântico, mantiveram sempre constantes a posição em relação ao objecto capturado e o dia nublado (o que minimiza as sombras própria e projectada dos objectos)[105]. Deste modo, quando as fotos são dispostas umas ao lado das outras, o objecto em foco fica completamente destacado[106] e é possível comparar todo o espólio fotografado (**Fig. 21**). Todo este cuidado com as constantes a manter resulta num produto que transpõe uma ideia de neutralidade e objectividade também procurada durante o trabalho de campo desta dissertação. Tendo em conta que não dá para controlar tudo, trabalhou-se com as ferramentas que estavam ao dispor. O controlo da exposição da câmara durante o trabalho de campo sofreu pela reduzida mestria do autor em matéria de fotografia. Felizmente, os dias nublados de Inverno ajudaram a manter uma luz mais constante e homogénea nas cenas capturadas. A posição da câmara em relação à cena observada manteve-se também constante. Através do uso do tripé foi possível manter a câmara sempre na mesma posição em todos os becos estudados: à altura do peito, de nível (de modo a facilitar a percepção da inclinação da rua). As fotos foram tiradas com o mesmo ponto de vista: no meio da rua, a eixo da rua, no início e no fim do beco e para ambos os lados. As fachadas das casas servem assim de limites laterais da fotografia, e limites da imagem pú-

[104] Bernd & Hilla Becher, *Typologies* (Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2004), 7.

[105] Becher, *Typologies*, 8.

[106] "(...) the perspective, the angle, the lighting, the formal organization, and the composition hardly allow for variations, if you so will. In principle always the same, essentially immutable (in fact we could almost say stereotypical) angle is taken, not only isolating the subject matter but thus dominating it, regardless of whether it is a bay warehouse, a cooling tower, or a blast furnace." Becher, *Typologies*, 9.

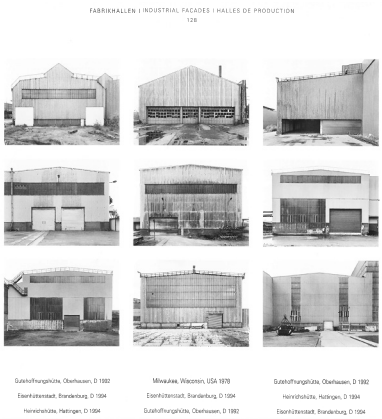


Fig. 21. Fachadas industriais. Becher, *Typologies*, Plate 128.

blica da rua[107]. Além das situações que integram o catálogo de becos, foram ainda capturadas outras situações que merecessem a atenção, como a composição do passeio público, actividades que estivessem a acontecer ou o tráfego automóvel. De modo a minimizar a distorção do espaço e para que seja perceptível o máximo de profundidade possível, todas as fotos foram tiradas sem zoom.

No catálogo dos becos (nos anexos, apesar de ter sido extremamente importante para a análise) apresenta-se somente uma fotografia para cada rua sem saída. Para os becos finitos e para os becos de urbanizações, a foto escolhida é a que foi tirada do início para o fim do beco e em que se veja o seu termo. Para as fotos dos becos com continuação a situação representada é o momento em que o alcatrão passa a terra ou gravilha. Além do catálogo de becos, acrescem três páginas demonstrativas de ruas com moradias isoladas, ruas com moradias em banda e ruas com edifícios plurifamiliares, para se comparar as diferentes expressões de volumetria e ritmo que apresentam.

- Tabela e gráficos

A comparação do espaço público de todos os becos a partir do *corpus* fotográfico precisou de um meio para se concretizar. Felizmente, o Microsoft Excel existe e é fácil de usar. Alinhando os oitenta becos estudados e organizando-os por tipologia, foi possível estruturar uma tabela com todos os motivos que se queriam abordar em matéria de espaço público (estacionamento, passeio público, etc.) e anotar em que becos é que essas situações se passavam.

Uma tabela é útil como processo, mas quando toma a dimensão que esta tomou torna-se difícil de ser compreendida se for exibida como resultado final da análise. O Microsoft Excel surge novamente em auxílio para tornar operacional e apresentar de forma inteligível as conclusões obtidas. Os gráficos aqui apresentados foram criados segundo os dados recolhidos na tabela de modo a que as situações descritas em relação a cada motivo também possam ser lidas em matéria gráfica além da matéria escrita.

[107] Esta ideia da imagem pública de um objecto privado, já previamente descrito sobre a fachada pública da rua, é interpretado a partir da exposição que Helena Madureira faz ao descrever como o "efeito dos jardins privados extravasa para o espaço público". Helena Madureira, "Processos de transformação da estrutura verde no Porto" (Dissertação de Mestrado em Planeamento e Projecto do Ambiente Urbano, Universidade do Porto, 2000), 89.

3.5. Um dispositivo de observação

3.5.1. Estacionamento

Os becos sem saída estão repletos de automóveis estacionados que ocupam grande parte do espaço público. Se não estiverem parados, ou estão a entrar e sair das garagens ou encontram-se a fazer inversão de marcha. Como o carro estacionado é um elemento quase omnipresente em todas as fotografias tiradas dos becos de Rio de Loba, vale a pena fazer uma análise mais detalhada do tipo de estacionamento que existe nas ruas sem saída, comparando a existência de lugares desenhados na via pública, paralelos ou perpendiculares, com a sua inexistência (Ver **Fig. 22** - Gráfico 01).

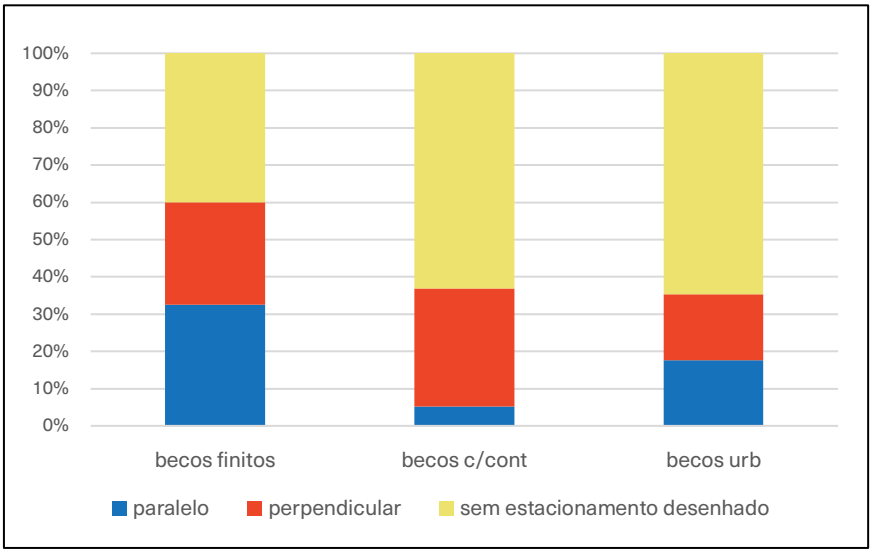


Fig. 22. Gráfico 01. Tipo de estacionamento por tipo de ruas sem saída.
Nota:
becos c/cont = becos com continuação
becos urb = becos de urbanizações

Fonte: tratamento efectuado segundo o *corpus* fotográfico.

Becos finitos: são o tipo de becos onde existe maior quantidade de estacionamento planeado, em paralelo ou perpendicular à rua. A maior existência desses lugares desenhados, em comparação com os outros tipos de becos, poderá dever-se ao facto dos becos finitos serem muitas vezes resultado de algum (mínimo) planeamento em vez de uma simples interrupção ou impossibilidade de continuar. Muitos becos apresentam até um alargamento no fim da rua de forma a que os carros possam inverter a marcha mais facilmente (**Fig. 23**).

Becos com continuação: o estacionamento sem desenho é dominante (**Fig. 24**). Como alguns dos becos se tratam de ruas resultantes do alcatroamento de um trecho de um antigo carreteiro (confirmando com as cartas militares de 1987 e 1989), estes becos transparecem a ideia de se tratarem de ruas expectantes, à espera que se termine o asfalto do caminho que ainda resta em terra (ver **Plates 6 a 8** do catálogo de becos, nos anexos). A condição de ser beco não parece ser tão permanente como nos becos finitos, onde as chances de que a rua se prolongue e se una a outra é quase impossível. Como parece o resultado de um plano inacabado, faz sentido que haja menos planeamento quanto ao estacionamento ou à inversão de marcha, contrariamente ao que acontece nos becos finitos. Ainda assim, quando estes becos são conjugados com moradias em banda ou com edifícios plurifamiliares é mais comum encontrar lugares de estacionamento paralelos ou perpendiculares (**Fig. 25**).

Becos de urbanizações: É caricato como apesar de serem feitos com o propósito de acesso às garagens dos edifícios plurifamiliares, são estes os becos que aparentam ter menos automóveis estacionados, provavelmente por estarem dentro das mesmas ou noutros sítios que evitem bloquear o único acesso disponível. O estacionamento que não acontece nas garagens é maioritariamente feito paralelo à rua, mes-

mo sem estarem desenhados os lugares. São poucos os becos de urbanizações que têm desenhado um espaço específico para lugares paralelos ou perpendiculares à via. Há espaços ambíguos quanto ao seu propósito/uso, sendo usados muitas vezes para estacionar automóveis (**Fig. 26 e 27**).

Deve notar-se que o facto de existir espaço para estacionar em paralelo ou perpendicular não impede que os carros se estacionem onde não há lugares desenhados, ou mesmo que estacionem na perpendicular em lugares paralelos e vice-versa (**Fig. 28**). As ruas são largas, o movimento é pouco e a proximidade da entrada da habitação é a principal razão para a escolha do sítio onde estacionar o carro.



Fig. 23. Zona B - Beco finito 2.
Estacionamento na perpendicular e em paralelo na mesma rua; alargamento para inversão de marcha.



Fig. 24. Zona A - Beco com continuação 1.
Sem estacionamento desenhado.



Fig. 25. Zona E - Beco com continuação 1.
Estacionamento desenhado na perpendicular num beco com continuação com edifício pluri-familiar.



Fig. 26. Zona B - Beco de urbanização 3.
Não há carros estacionados na via a impedir a passagem.



Fig. 27. Zona C - Beco de urbanização 3.
Espaço largo e ambíguo quanto à sua função.



Fig. 28. Zona D - Beco finito 4.
Neste beco encontram-se dois automóveis estacionados em paralelo no espaço que lhes é destinado, dois estacionados em paralelo na via de circulação, dois na perpendicular no estacionamento paralelo, um a meio da via no fim da rua e dois em cima do passeio.

3.5.2. Passeio público

O passeio foi estudado segundo a sua existência e inexistência ao longo de toda a extensão da rua e também segundo os modos como é interrompido.

A existência de passeio nos dois lados da rua é o caso mais comum em grande parte dos becos finitos analisados. Quando não existe de ambos os lados, deve existir pelo menos de um lado da rua. Apenas 4 em 38 becos não têm passeio algum. Quanto a becos com continuação e becos de urbanizações, a situação mais recorrente é a inexistência de passeios. Aliás, ruas com passeios de ambos os lados torna-se até no caso mais invulgar (Ver **Fig. 29** - Gráfico 02).

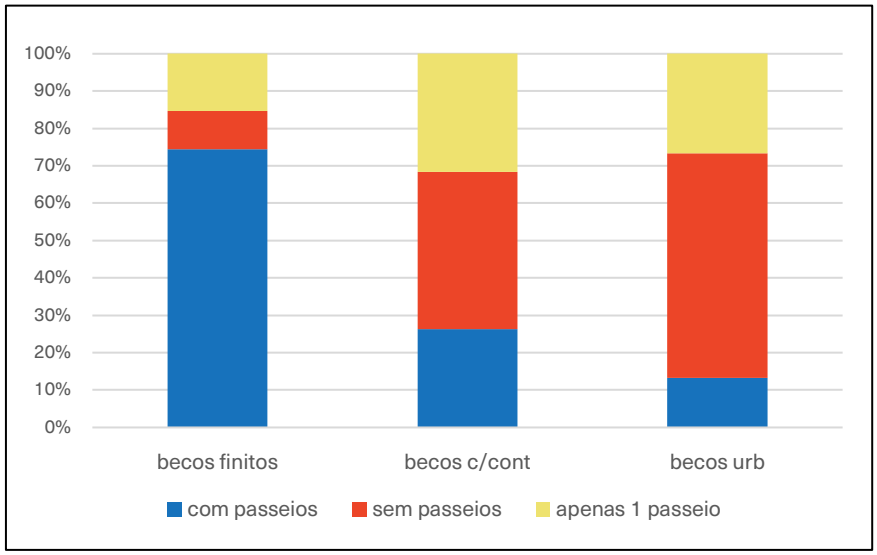


Fig. 29. Gráfico 02. Tipo de passeio por tipo de ruas sem saída.
Fonte: tratamento efectuado segundo o *corpus* fotográfico.

Há passeios que apresentam musgo e outros tipos de vegetação rasteira a crescer entre as pedras de calcário ou granito, possível indício de que os passeios

são pouco usados. Além disso, parece haver pouco interesse em corrigir os estragos provocados pelas raízes das árvores ou em resolver as situações de bloqueio de passagem que estas provocam para os peões. Mais uma vez, pode indicar que os passeios ou são pouco usados ou as pessoas não se importam de passar para a via de circulação automóvel para contornar as árvores, já que o movimento automóvel e pedonal é muito reduzido nos becos sem saída. Por se tratarem de ruas nos subúrbios, onde o carro é o principal meio de transporte (para entrar ou sair do beco), os carros param à frente de casa, logo, as pessoas não precisam de percorrer grandes troços de passeio.

O passeio é interrompido de várias maneiras. Há casos em que o passeio é interrompido abruptamente por uma fronteira, como um muro ou vedação (**Fig. 32**). Noutros casos, o passeio é simplesmente rematado por tufos de vegetação de terrenos verdes. Se se tratarem de passeios com pouca manutenção, esses onde aparece vegetação rasteira na estereotomia do pavimento, o passeio parece diluir-se nos terrenos verdes e caminhos de serventia (**Fig. 33**). Estes fins interrompidos são os que dão uma ideia muito forte de que a rua devia ter uma continuação. Alguns becos têm a faixa de rodagem e os passeios extremamente completos, mas apresentam fins tão bruscos que parece que duas realidades se sobrepuseram, uma "construída" e outra "natural" (**Fig. 34**).

Quando não há passeios, a rua torna-se flexível e acumula funções no mesmo espaço. Se não há passeio, não há estacionamento planeado, logo, os carros são estacionados em paralelo, onde convém. A falta de passeio também significa que o espaço público dedicado aos peões passa a ser o mesmo que o dos automóveis. As entradas das casas passam a ser feitas directamente para o alcatrão (**Fig. 35**). Nos becos de urbanizações, a indefinição do espaço fica ainda mais reforçada. O cubo de granito, material usado para pavimentar passeios, preenche muitas vezes todo o espaço público dos becos; canteiros, escadas e caminhos têm acesso directo para o espaço onde os carros podem circular (ver **Plates 9 e 10** do catálogo de becos - anexos).

Os testemunhos abordam muito pouco o tema dos passeios públicos de Rio de Loba, mas ainda é possível retirar algumas observações. Carlos Alberto, do beco finito 4 da zona B (Gumirães), quando questionado sobre as actividades que via acontecerem na sua rua, lembrou-se de pessoas que de vez em quando decidem saltar por cima do muro que remata o beco, algumas até com as suas bicicletas. Relembra a altura em que existia um caminho a ligar este beco com o que está do outro lado do



Fig. 30. Imagem de satélite de Junho de 2013.



Fig. 31. Imagem de satélite de Junho de 2019.

terreno verde, o beco finito 5 da mesma zona. Havia muitas crianças que faziam esse percurso porque viviam em Rio de Loba mas tinham aulas na escola primária de Gumirães. Aliás, a conexão entre os Becos 4 e 5 da zona B é uma ligação tão óbvia que tem até raízes na história recente. Até pelo menos 2013 (segundo as imagens de satélite obtidas no Google Earth - **Fig. 30 e 31**) existia um caminho de pé posto a ligar os dois becos. Guilherme Marta, no seu testemunho, lembra-se que aquele caminho existiu durante a sua infância. Guilherme vive no Beco 8 da mesma zona (B) e costumava cruzar o terreno que divide os Becos 4 e 5 através desse caminho de pé posto para chegar a casa de um amigo em Gumirães.

Segundo Carlos, hoje em dia, é mais comum ver pessoas a saltar o muro na altura das festas de Gumirães, em Maio, quando os jovens decidem transpor o muro para fazer o percurso mais curto, rápido e seguro entre Gumirães e Rio de Loba. "Seguro" porque a ligação entre estas duas povoações pela rede viária existente não só é mais longa como também não tem passeio, o que faz com que o percurso pedonal tenha de ser feito na berma da estrada, estrada essa muito movimentada, já que é uma das ligações mais directas entre a área de estudo e o centro de Viseu.

Já Filipe e Carlos, junto ao Beco 6 da zona D (Rio de Loba), quando questionados sobre as interrupções do passeio público ao longo dos seus percursos a pé, pareceram nunca se ter apercebido dessas situações. Quando foram interpelados, Filipe e Carlos estavam a começar um passeio que partia do Beco 6 até à Junta de Freguesia de Rio de Loba, num percurso onde o passeio público deixa de existir duas vezes em partes onde as ruas estreitam e a faixa de rodagem e os passeios não podiam coexistir. Mesmo atravessando algumas ruas movimentadas durante esses trechos sem passeio público, Filipe e Carlos disseram que não se podiam queixar dos passeios existentes. Aliás, reagiram à questão como se nunca tivessem pensado no assunto[108].

Enquanto no primeiro caso, a falta de passeio provoca a sensação de falta de segurança no seu utilizador, no segundo caso, a falta de passeio não foi percebida.

[108] " [As pessoas] Não se apercebem do que uma estrutura pode significar em termos de satisfação diária, de abrigo para a sua existência, ou como um prolongamento do sentido ou riqueza do mundo." Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade*, 12.



Fig. 32. Zona B - Beco finito 5.
Árvore a impedir a passagem pelo passeio, que vem depois a ser interrompido por uma vedação no fim da rua.



Fig. 33. Zona C - Beco exceção 4.
Passeio dilui-se com caminho de serventia.



Fig. 34. Zona A - Beco finito 4.
Sobreposição do “natural” e do “construído”.

Fig. 35. Zona C - Beco com continuação 1.
O mesmo espaço público serve para peões e automóveis.



3.5.3. Vedações

Quanto aos muros de vedação foram analisados aqueles que deixam transparecer o interior do lote, ou seja, vedações baixas, e aqueles que impedem a visão, vedações altas (seja com sebes ou muros metálicos). Não foi possível encontrar muitas correlações entre o tipo de ruas ou o tipo de habitações e as vedações. A única situação registável mostra que as moradias em banda apresentam unicamente vedações baixas, ao contrário das moradias isoladas que podem apresentar tanto vedações baixas como altas. Como cada moradia em banda faz parte de um conjunto de imagem homogénea (quanto à forma, organização do espaço e materiais usados), qualquer morador que decidir fazer uma vedação mais alta vai-se destacar dos outros. Numa tipologia de habitação onde cada agregado familiar vive a uma parede de meação do seguinte, um muro mais alto de sebes ou chapas metálicas feito no curto espaço que antecede a entrada das habitações também vai influenciar o curto espaço de entrada dos vizinhos (Ver **Fig. 36** - Gráfico 03).

Por exibirem somente vedações baixas, os conjuntos de moradias em banda criam ruas que têm uma abertura visual mais larga que não fica limitada pelos muros de entrada ou pelas fachadas dos edifícios plurifamiliares. Torna-se possível ver os momentos que acontecem entre o portão e a porta de entrada, como se desse para vislumbrar um pouco mais da vida da rua, mesmo que dentro de propriedade privada: alguém chega a casa depois do trabalho; os canteiros estão a ser regados; as crianças brincam entre a porta e o portão da garagem abertos num dia de sol. Como a densidade de habitações é mais alta em ruas de moradias em banda do que em

ruas de moradias isoladas, o número de agregados familiares também será maior, de modo que existe verdadeiramente "mais vida" numa rua do primeiro caso. Não quer isto dizer que ruas de casas isoladas não possam ter este tipo de abertura visual, mas as ruas de moradias em banda são aquelas em que esta situação acontece inevitavelmente (**Fig. 37 e 38**).

Fig. 36. Gráfico 03. Vedações altas ou baixas nas ruas sem saída com moradias em banda. Fonte: tratamento efectuado segundo o *corpus* fotográfico.

Nota: Os dois casos de vedações altas apontados no gráfico remetem para becos que se situam no topo de conjuntos de moradias em banda, ou seja, a vedação alta acontece somente na última casa do conjunto.

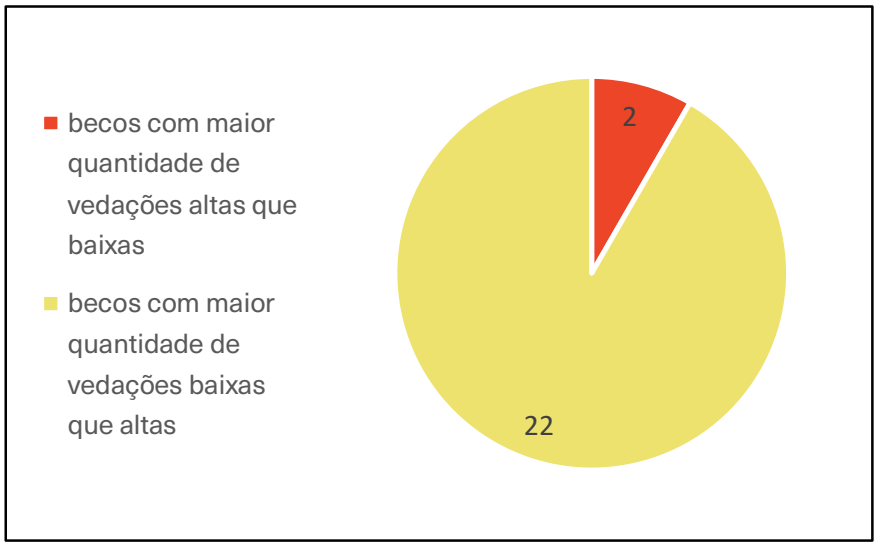


Fig. 37. Zona D - Beco finito 9. Rua visualmente “aberta” - as vedações deixam ver o interior do lote.





Fig. 38. Zona C - Beco finito 10. Rua visualmente "fechada" - as vedações não deixam ver o interior do lote.

3.5.4. *Percepção do verde*: árvores e outra vegetação perceptível

Quanto à *percepção* de verde[109] a partir do espaço público, é feita uma análise conjunta sobre a presença de árvores na rua pública, em propriedade privada, nos terrenos verdes envolventes e ainda a existência de outro tipo de vegetação que possa existir na rua. Como as fotos foram capturadas no Inverno, com as árvores despidas, torna-se mais complicado entender o verdadeiro aspecto do "verde" das ruas. Há ruas onde as árvores de folha caduca deixam transparecer as fachadas das casas, que estariam escondidas pela folhagem dessas mesmas árvores na Primavera e no Verão (**Fig. 41**). Contudo, a realidade capturada nestas fotos continua a ser aquela que existe durante metade do ano, pelo que também tem relevo na análise da fachada pública da rua. Além do mais, tem a capacidade de revelar com maior facilidade o aspecto construído das ruas: as cores, os materiais, os vãos, as varandas e a altura das casas.

Os becos com continuação são o tipo de ruas sem saída com menos árvores no espaço público. No entanto, todos os becos desta tipologia são vizinhos de terrenos verdes, de modo que acabam por ser a tipologia de rua com a maior percepção de verde. Afinal, a maioria dos caminhos de terra que se podem percorrer

[109] Madureira, "Natureza", 187.

quando se chega ao fim do alcatrão dos becos com continuação são caminhos de serventia por entre esses terrenos verdes. No caso oposto, os becos de urbanizações são aqueles que apresentam mais árvores no espaço público, mas também são os que têm menos terrenos verdes contíguos (Ver **Fig. 39 e 40** - Gráficos 04 e 05).

A partir da análise da tabela, é possível concluir que quase todas as ruas têm pelo menos uma árvore, seja no espaço público, em propriedade privada ou em terrenos verdes contíguos. Em oitenta ruas sem saída analisadas, apenas duas não possuem qualquer árvore no espaço público ou propriedade privada. No entanto, mesmo esses dois becos ou têm algum tipo de canteiros, ou têm visão para árvores de outras ruas ou de terrenos verdes nas proximidades (**Fig. 42 e 43**). Assim, será possível concluir que a percepção de verde atinge todas as ruas sem saída de Rio de Loba, seja através das árvores nos passeios, dos quintais e das hortas, dos terrenos verdes ou dos pequenos canteiros que criam pontos de espaço verde na cidade.

Fig. 39. Gráfico 04. Existência de árvores no espaço público por tipo de rua sem saída.
Fonte: tratamento efectuado segundo o *corpus* fotográfico.

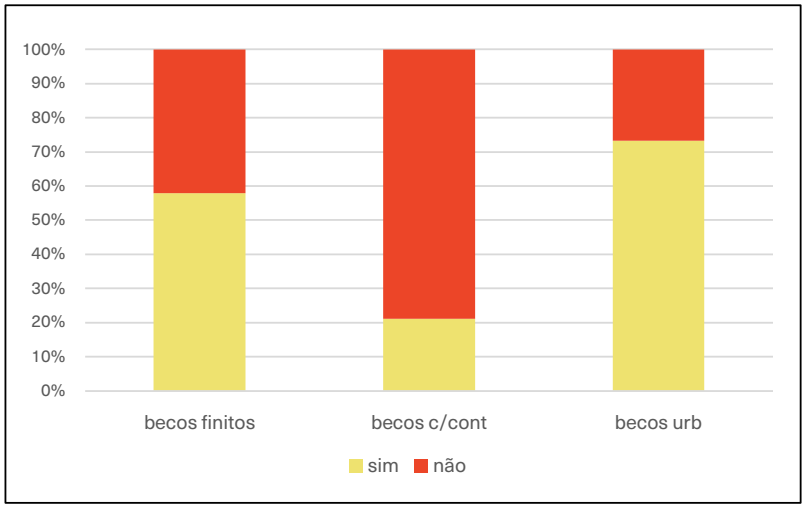


Fig. 40. Gráfico 05. Proximidade a terrenos verdes por tipo de rua sem saída.
Fonte: tratamento efectuado segundo o *corpus* fotográfico.

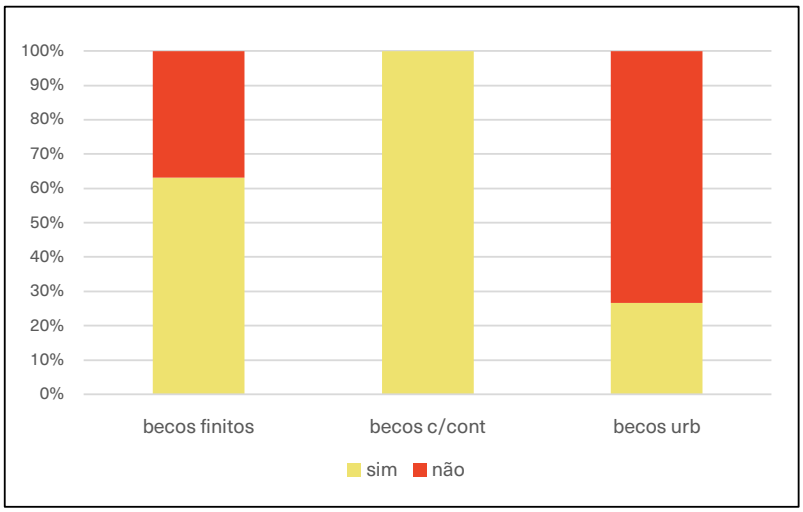


Fig. 41. Zona B - Beco finito 7.
Fachadas escondidas pelas árvores no lado esquerdo da rua e à vista no lado direito.



Fig. 42. Zona A - Beco de urbanização 1.
Árvores de um terreno verde próximo espreitam por trás das garagens.



Fig. 43. Zona A - Beco de urbanização 4.
Árvores de outra rua olham de cima para esta rua sem saída.



3.5.5. Elementos marcantes dos becos

Kevin Lynch fala sobre o modo como os elementos marcantes da cidade e as características definidoras das ruas são ferramentas que auxiliam a orientação pela cidade e a criação de um percurso claro[110]. Como este estudo está mais focado nas ruas sem saída, ruas que só fazem parte de percursos se forem o início ou o fim de um caminho, uma análise das características marcantes dos becos não é feita com o mesmo propósito que as análises de Lynch. Porém, como ainda existem becos por onde é possível continuar por caminhos de terra, que ligam a outros becos e bairros - os becos com continuação - ainda persistem algumas ruas sem saída que conseguem fazer parte de um percurso sem ser o seu fim ou início. Mais: mesmo que sejam os extremos dos percursos, os becos continuam a fazer parte deles. Como Lynch descreve, dar às ruas características que as destaquem de outras ruas possibilita que as pessoas pensem "estou quase a chegar", o que torna o percurso muito mais rico, mesmo que seja no final do caminho: "Alguém poderia afirmar que este ou aquele lugares se situam 'mesmo antes da rua se tornar muito estreita' ou 'no cimo da colina, antes de começar a descer'. O peão pensa não só 'estou na direcção certa' como também 'estou quase lá'. Quando o percurso está enriquecido por tais elementos diferenciadores, o atingir e o passar certas 'metas' que se sucedem, o percurso assume um significado muito maior e torna-se uma verdadeira experiência, em todo o seu sentido."[111]

Os elementos marcantes de Rio de Loba que Lynch descreveria como os marcos mais importantes são poucos: Serra do Caramulo, Serra da Estrela, Mata do Fontelo e a silhueta da cidade antiga com a Sé no topo. São os elementos marcantes mais importantes porque são aqueles que ajudam as pessoas a situar-se no território - passam a orientar o seu caminho segundo estes elementos[112] (**Fig. 44 e 45**). As igrejas e capelas da área de estudo também poderão ajudar, mas são baixas e apenas visíveis quando se está muito próximo delas[113].

Quanto a outras características que definam as ruas, existem algumas conclusões a ser tiradas[114]. A característica mais comum

[110] Lynch, *A Imagem da Cidade*, 108-10.

[111] Lynch, *A Imagem da Cidade*, 109-10.

[112] "Os elementos marcantes, pontos de referência considerados exteriores ao observador, são simples elementos físicos variáveis em tamanho. Para aqueles que conhecem bem uma cidade, está comprovado que os elementos marcantes funcionam como indicações absolutamente seguras do caminho a seguir" Lynch, *A Imagem da Cidade*, 90.

[113] Contudo, quando conjugadas com a abertura dos terrenos verdes, criam uma imagem muito forte. Por exemplo, o Beco 7 da zona B encontra-se elevado sobre a paisagem (**Fig. 46**). No enfiamento da rua, do outro lado dos terrenos verdes contíguos ao beco, vê-se o núcleo antigo de Rio de Loba com a torre da igreja bem visível no topo. A horas certas, o sino da igreja toca o que faz com que seja possível localizar o núcleo antigo com mais do que um sentido (visão e audição), criando uma imagem bucólica facilmente imaginada.

[114] A recolha das características foi feita a partir da observação e interpretação do autor.

observada nos becos está relacionada com o "verde", sejam massas de árvores, terrenos verdes, jardins ou árvores destacadas. Outras características comuns remetem para a largura e comprimento da rua, para torções que a rua possa ter e para a continuidade e ritmo das fachadas das casas.

As ruas distinguem-se umas das outras através de pequenas diferenças. Umas têm mais árvores; outras são mais largas; umas são muito curtas; algumas são mais inclinadas; umas têm casas muito iguais. Alguns dos becos distinguem-se dos restantes por terem elementos marcantes mais específicos e que ajudam a identificar a rua rapidamente. Por exemplo, há ruas que têm elementos a marcar a entrada do beco, como uma árvore mais alta que as restantes (Zona D, beco finito 6 - **Fig. 47**), uma estátua (Zona C, beco c/cont 1), ou uma pastelaria movimentada (Zona D, beco finito 1). Outras têm algum tipo de situação a acontecer a meio da rua, como uma oficina (D, beco finito 7), um lote vazio no meio de um conjunto coeso (B, beco finito 8), ou mesmo a própria inclinação da rua que se altera a meio (C, beco excepção 1). Também existem ruas que terminam de uma forma memorável, como uma árvore no meio da rua para se poder inverter a marcha (C, beco urb 1 - **Fig. 48**), uma placa sinalizadora de um fim abrupto (C, beco finito 11), ou uma casa solitária (D, beco finito 2). Por fim, há todo um conjunto de becos que apresentam características eminentemente diferentes de todos os outros. Seja pela proximidade com as estradas nacionais (e com o seu trânsito intenso) que limitam a área de estudo (E, beco finito 2), ou por ter barreiras sonoras da A25 num dos lados da rua (E, beco finito 6 - **Fig. 49**), ou por terminar num pequeno miradouro para um beco próximo (B, beco excepção 1), ou por ter um campo de ténis envolto por moradias em banda (D, beco c/cont 4).

A partir do testemunho de Guilherme Marta, dá para se perceber como estes elementos marcantes das ruas desenharam a memória que ele tem do espaço onde vive. Guilherme lembra-se do Beco 1 da zona D com grande intensidade porque se recorda de brincar à volta da grande árvore que remata a rua. O seu infantário situava-se a cerca de 300 metros do beco, pelo que ele e os seus colegas costumavam ir para lá brincar muitas vezes, já que o beco tinha pouquíssimo tráfego automóvel. Além do Beco 1, Guilherme também se lembrava do Beco com continuação 4 porque costumava ir jogar ténis para o campo que lá se encontra. Teve dificuldade em encontrar a rua no mapa, mas a lembrança dessa rua persistiu na sua memória pela sensação do campo de ténis estar envolto pelas traseiras das moradias em banda.



Fig. 44. Serra da Estrela no horizonte, vista a partir dos Becos finitos 3, 4 e 5 da Zona D.



Fig. 45. Mata do Fontelo, silhueta da Sé e Serra do Caramulo vistas a partir do Beco com continuação 3 da Zona B. Os três elementos marcantes no mesmo ponto de vista criam uma imagem extremamente imaginável.



Fig. 46. Núcleo antigo de Rio de Loba, com a igreja a sobressair do conjunto, no enfiamento do Beco finito 7 da Zona B.

Fig. 47. Zona D - Beco finito 6.
As árvores altas são as porteiras da rua.



Fig. 48. Zona C - Beco de urbanização 1.
A árvore faz de eixo de rotação da inversão de marcha



Fig. 49. Zona E - Beco finito 6.
Barreiras sonoras da A25 ocupam todo o lado direito da rua



3.5.6. Terrenos verdes

Segundo Kevin Lynch, "Um limite pode tornar-se algo mais do que um simples obstáculo dominante se permitirmos que dele façam parte algumas qualidades motoras e visuais (...). Torna-se então mais uma 'costura' do que uma barreira, uma linha de intercâmbio ao longo da qual foram 'alinhavadas' duas áreas."[115]

[115] Lynch, *A Imagem da Cidade*, 113.

Efectivamente, os terrenos verdes de Rio de Loba compõem uma mancha que limita e define cada um dos bairros e loteamentos destes subúrbios. Todavia, tal como Lynch descreve, são limites que também conseguem ligar esses mesmos bairros que separam. Acontece muitas vezes ser por entre os terrenos verdes que se traçam as ligações viárias entre os bairros, sejam por ruas alcatroadas ou por carreteiros. Os terrenos verdes passam a funcionar como pórticos entre os bairros e como a costura de uma manta de retalhos urbanos.

Nestes subúrbios, a habitação é de tal forma predominante e densa (o suficiente) que cria uma parede contínua de casas de volume semelhante. Esta situação dificulta a criação de elementos marcantes que ordenem os percursos dos utilizadores da área ao percorrerem o seu meio ambiente imaginado. Os terrenos verdes tornam-se, portanto, nos principais elementos que dividem a imagem mental dos diferentes bairros[116] ao estabelecerem um espaço de respiração no meio dessa parede contínua de casas (**Fig. 63.** Planta 4 - anexos). Por exemplo, a separação entre a Quinta da Ramalhosa e a aldeia de Rio de Loba ou Póvoa de Sobrinhos e Rio de Loba será fácil de identificar por se atravessarem conjuntos coesos de terrenos verdes. Pelo contrário, por não se passar por entre nenhum terreno verde no caminho entre Travassós de Cima e Rio de Loba, a delimitação das suas fronteiras torna-se mais complicada de se imaginar.

[116] "Uma multiplicidade de espaços colectivos que nunca foram pensados como elementos estruturantes do território, mas apenas como infra-estruturas e respectivas sobras e, no entanto, são eles que acabam por promover e organizar a construção do espaço urbano. Mesmo sem o desejarem, são focos de urbanização e pontos de referência." Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 206.

É curioso notar como há muita intercomunicação por entre esta mancha verde, agrícola e florestal. Quando vista em cartografia consegue até dar a ideia de que estes terrenos verdes compõem um hipotético parque sinuoso ao longo de Rio de Loba (**Fig. 64.**

Planta 5 - anexos). Pelo menos, criarão aquilo que Helena Madureira retrata como parte de uma infra-estrutura verde, com todos os benefícios ambientais e socioculturais já mencionados[117]. Aliás, esses benefícios ficaram bem patentes nos testemunhos de Fátima, de Daniel e de Carlos (Becos com continuação 2 e 3 da zona D), que vêem a proximidade dos terrenos verdes como uma das principais razões para apreciarem a rua onde vivem. São áreas fulcrais para a sua qualidade de vida por os aproximar de uma "paisagem de campo" que eles tanto apreciam. Certamente, não terão em mente esta infra-estrutura em mancha de toda a área de Rio de Loba e dos subúrbios viseenses, visível somente em cartografia, mas são áreas que guardam perto da sua alma.

Nos mapas, o que está representado a verde não inclui jardins nem hortas. Por mais que se incluam na infra-estrutura verde de Madureira e que contribuam para a *percepção do verde*, não descrevem os terrenos verdes, esses cuja ambiguidade quanto à sua propriedade possibilita passeios livres no meio da natureza e proporcionam uma verdadeira sensação de proximidade com o campo ou floresta, livres do cimento e tijolo das construções do ser humano. Como se procura estudar espaços pouco compreendidos quanto à sua imagem e uso pelos seus utilizadores, descartam-se as normais "áreas verdes" (canteiros, jardins e parques – com excepção da Mata do Fontelo que será usada de um modo semelhante aos terrenos verdes) e as hortas por serem espaços regularmente manipulados pelo ser humano.

Os terrenos verdes tratam-se de um tema que aparece regularmente nos testemunhos obtidos. Carlos e Daniel contaram que costumam ver pessoas a passear por aquela rua a pé ou de bicicleta, a ir e voltar dos terrenos verdes que começam quando o beco acaba. Aliás, no momento em que foi obtido este testemunho, Carlos tinha acabado de voltar de um passeio que tinha feito com a sua mulher por esses terrenos. Carlos parecia conhecer muito bem esses terrenos, pois fez referência a quintas específicas que se encontravam pelo meio do trajecto, como marcos importantes de um caminho, e mencionou também que os caminhos de terra

[117] Sobre estrutura vs infra-estrutura: uma é visível, a outra invisível; uma permite que a construção se sustente, a outra garante a existência e o funcionamento da cidade. Madureira parece ter trocado "infra-estrutura verde" (2016) por "estrutura verde" (2020). No entanto, o melhor termo a empregar para descrever a ideia de terrenos verdes será, porventura, "infra-estrutura", já que os terrenos verdes são "invisíveis" aos olhos da administração, que só os vêem como possível espaço edificável, mantendo-se, ainda assim, necessários para a coesão da cidade e da imagem dos subúrbios. Afinal, são espaços "invisíveis" mais por incompreensão que por falta de visão, já que eles são bastante perceptíveis para qualquer pessoa que passe junto deles.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. s.v. "estrutura," consultado a 19-05-22.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. s.v. "infra-estrutura," consultado a 19-05-22.

Helena Madureira, "Promover os serviços ecossistémicos urbanos com infraestruturas verdes," in *Geografia, paisagem e riscos: livro de homenagem ao Prof. Doutor António Pedrosa*, ed. Luciano Lourenço (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016), 150.

Madureira, "Natureza," 184, 87.

iam dar até à Barbeita, povoação já para lá do IP5, num percurso de cerca de 2 Km a pé. Fátima Fonseca também fez referência a uma grande quantidade de pessoas (segundo o seu testemunho são cada vez mais desde que começou a pandemia) que passeiam na sua rua para seguirem pelos caminhos de serventia dos terrenos verdes. Fátima olha para a rua onde vive com muito carinho precisamente por estar envolvida pelos terrenos verdes. Estima a calma que eles criam e sente-se livre por poder usar toda aquela floresta que a rodeia como bem entender. Um dos usos mais curiosos que revelou dizia respeito ao terreno em frente a sua casa, do outro lado da rua. O seu marido trabalha na construção civil e precisa de guardar alguns materiais de construção. Para o fazer, pediu ao dono desse terreno que o deixasse usá-lo para os colocar abrigados pela copa de um pinheiro manso (**Fig. 50**).

Sobre este tipo de usos específicos dos terrenos verdes, é importante referir os testemunhos de Lino Almeida e Ana Maria sobre as hortas em terrenos públicos. Ao discutir o uso do espaço público de Rio de Loba, Lino mencionou logo os terrenos que fazem fronteira com a sua casa. Acessíveis pela sua rua, estes terrenos pertencem à Junta de Freguesia de Rio de Loba. Quando os terrenos foram limpos da vegetação silvestre que lá crescia, os moradores das redondezas pediram à Junta para poder usar estes terrenos verdes como hortas. Como Lino conta, a Junta deixou que essas hortas fossem feitas pelo menos enquanto o terreno não fosse ocupado com uma unidade de saúde que estaria prevista para aquele local (**Fig. 51**). Uma das novas hortas deste terreno pertence a Ana Maria, vizinha de Lino, do outro lado do beco. Ana acrescentou ao testemunho de Lino que a limpeza daqueles terrenos cabe agora aos que lá plantaram as suas hortas. A plantação destas hortas parece ter fortalecido as relações entre a vizinhança - a maioria do seu relato é feito à base de histórias dos vizinhos, de como limparam os terrenos e afastaram cobras e matilhas de cães que por lá prosperavam (**Fig. 52**).

Por fim, os testemunhos de Guilherme Marta e de Jorge Rodrigues servem também para demonstrar as actividades realizadas na floresta de Rio de Loba, a maior área de terrenos verdes ininterruptos da área de estudo. Guilherme descreveu uma clareira que descobriu ao passear com Jorge Rodrigues, seu amigo, clareira essa que existe junto de um dos caminhos de serventia e não muito longe da rua que serve de entrada na floresta. Gosta daquele espaço por parecer um mundo paralelo, um espaço aberto, do tamanho de um estádio, sem qualquer tipo de construções e ao mesmo tempo não muito longe das ruas de Rio de Loba. Guilherme aproveitou para ir para lá à noite com os seus amigos para ver as estrelas, já que havia pouquíssima poluição

luminosa (**Fig. 53**). Já Jorge Rodrigues aproveitou o facto da clareira ser pouco conhecida e longe de multidões para fazer o seu primeiro convívio com um pequeno grupo de amigos após o início da pandemia. Ainda nesta floresta, Jorge Rodrigues levou o autor até uma outra clareira provocada pela passagem dos cabos de alta tensão. Descobriu-a há cerca de três anos e era nesta clareira que durante a pandemia Jorge fazia os seus passeios higiénicos (**Fig. 54**).



Fig. 50. Zona D - Beco com continuação 2.
O proprietário do terreno à frente da casa amarela de Fátima deixa o seu marido guardar os materiais de construção por baixo do pinheiro manso.



Fig. 51. Zona C - Beco excepção 2.
Hortas nos terrenos públicos.



Fig. 52. Zona C - Beco excepção 2.
Após colher uma couve para a sopa que já estava a fazer, Ana Maria recorda-se como aquele terreno da Junta de Freguesia era um silvado abandonado.



Fig. 53. A clareira "do tamanho de um estádio", como foi descrita por Guilherme Marta.



Fig. 54. Floresta de Rio de Loba, faixa corta-fogo para passagem dos cabos de alta tensão.
Jorge Rodrigues explica como gostava de passear por aqui durante a pandemia, enquanto se mantém de máscara cirúrgica posta e afastado do autor.

3.5.7. Uso dos becos pelos seus usuários - actividades observadas e referidas nos testemunhos

A partir do inventário das actividades que foram observadas, é aqui exposta uma síntese do uso do espaço público dos becos sem saída de Rio de Loba.

O uso do automóvel é constante em todos os becos analisados. Se não é visto a ser estacionado, a fazer inversão de marcha ou a sair das garagens, o automóvel é visto então a servir de apoio para um trabalho de carga e descarga de mercadoria ou como meio de transporte de qualquer empresa que esteja a consertar os sistemas de telecomunicações ou de esgotos. Além de serem as actividades mais observadas na análise da área de estudo, estacionar automóveis e fazer inversão de marcha são também os usos mais referidos pelos usuários de Rio de Loba. O automóvel é um elemento que é mencionado constantemente, seja para comparar o tráfego dos becos sem saída com o de outras ruas (José Alberto), seja pelo espaço que ocupa (Joaquim Escada), seja por ser visto a entrar e sair das casas (Urbano e António; Daniel e Carlos), seja por ser observado como forasteiro (Fátima Fonseca). É uma máquina útil, sem dúvida, mas também é larga e barulhenta – é pouco discreta nos seus movimentos, principalmente quando é levada ao engano para um beco onde tem de fazer inversão de marcha para continuar o caminho desejado.

Passear revelou-se como um dos usos mais comuns das ruas sem saída. Se se tratassem de becos com continuação, ver pessoas a passear tornava-se mais recorrente. Isto revelou-se verdadeiro tanto a partir das observações do espaço público como a partir dos testemunhos, já que Fátima, Daniel e Carlos dão conta da existência de muita gente a passar pelas suas ruas. Nos becos finitos, passear continua a ser uma actividade realizada, seja por ser o início ou fim de um percurso ou mesmo por ser um bom local para passear os cães (**Fig. 55**).

Uma outra actividade que é frequente, ou, pelo menos, memorável, é a das crianças a brincar na rua. Pelos testemunhos, o uso da rua como espaço para brincar parece manter-se principalmente na memória das pessoas. Apesar de se ter circulado por Rio de Loba em diferentes dias da semana e fim de semana, e a diversas horas, só se viram crianças a brincar na rua em duas instâncias. As restantes referências às brincadeiras vieram dos testemunhos obtidos, sendo que muitos relembravam como era no passado (António Bispo, José Alberto, Guilherme Marta). Pelo contrário, passear os cães é uma actividade muito observada, mas nunca referida nas conversas que foram tidas.

A rua também se revelou por vezes como um espaço de conversas. Todas as conversas observadas realizavam-se junto de algum ponto específico, como se houvesse um elemento do espaço público que servisse de intermediário da discussão[118]. Algumas conversas eram feitas entre uma pessoa no seu quintal e uma pessoa na rua, cada uma de cada lado do muro de vedação. Outras eram realizadas na rua, junto do portão de entrada de uma casa. Aconteceu ainda uma conversa entre quatro pessoas ser feita à volta de um carro parado no estacionamento.

Além dos usos mais observados, houve todo um conjunto de outro tipo de actividades mais específicas que também ajudam a revelar a essência das ruas sem saída. No Beco com continuação 2 da zona C, pela sua proximidade com terrenos verdes, foi observado um pai com os seus dois filhos a recolherem musgo, situação que por ter ocorrido durante a época natalícia, se presumiu que servisse para enfeitar o presépio de Natal. Também por ser contíguo com um terreno verde, no Beco de excepção 4 da zona B observou-se uma senhora a apanhar lenha desse terreno para pôr no porta-bagagens do seu carro estacionado. Segundo o testemunho de Urbano, do Beco finito 3 da zona D, às segundas e quintas feiras reúne-se no fim da rua um conjunto de pessoas pertencentes a uma associação espiritual que se realiza numa das casas dessa rua. A entrada na rua é estreita, mas o fim é mais largo, de tal forma que serve de *foyer* para a associação espiritual (**Fig. 56**). Por fim, o Beco finito 2 da zona D tornou-se uma rua extremamente curiosa. Na visita ao beco foram vistos diversos objectos perdidos pelo chão, desde isqueiros, peças de jogos de tabuleiro ou preservativos usados. Esta rua encontra-se rodeada de terrenos verdes com uma grande mancha de árvores e tem apenas uma casa no topo da rua. A meio do longo beco, entre os lotes por edificar cheios de vegetação silvestre, encontra-se um pequeno jardim com a relva tratada, árvores, bancos, mesas e calçadas. Guilherme Marta forneceu um testemunho importante para compreender os usos dados a este beco. Ao visitar a rua à noite quando passeava com Jorge Rodrigues, Guilherme percebeu que o jardim podia ser um bom sítio para

[118] Um dos momentos mais relevantes a retirar do documentário "The Social Life of Small Urban Spaces" ocorre quando o narrador descreve como as pessoas decidem parar para conversar junto de certos elementos do espaço público. Ao anotar os pontos onde as pessoas paravam para conversar na praça do edifício Seagram em Nova Iorque, Whyte concluiu que as pessoas nunca param no meio da praça para o fazer, preferindo encontrar degraus ou esquinas para conversar.
Whythe Jr., "The Social Life of Small Urban Spaces", 10:45-11:12.

conviver com os seus amigos. Além de ter bancos e mesas, o beco fica relativamente próximo de sua casa, mantendo-se suficientemente afastado de habitações para que se possa fazer barulho sem incomodar ninguém. Por fim, este jardim também permite permanecer junto da luz dos candeeiros da rua ou na sombra das árvores do jardim, escolha essa que Guilherme pareceu valorizar como uma das suas mais valias. Assim, Guilherme usufruiu deste beco para fazer dois convívios entre amigos, um deles o seu próprio aniversário, onde fizeram um churrasco e aproveitaram a inclinação da rua para a descer de skate. Guilherme esclareceu ainda que escolheu aquele sítio para estes convívios por estar pouco exposto a movimento de pessoas ou carros, algo mais difícil de conseguir noutros jardins espalhados por Rio de Loba.



Fig. 55. Zona D - Beco finito 2.
Um senhor sobe até ao topo da rua enquanto passeia os cães e volta para trás.



Fig. 56. Zona D - Beco finito 3.
A seguir ao poste de electricidade, a rua alarga, o que ajuda a receber as pessoas da associação espiritual.

3.5.8. A falta de atravessamento e o controlo de entradas no beco

Uma das conclusões mais concretas a retirar de todos os testemunhos está relacionada com o controlo que se consegue ter de quem entra e sai da rua sem saída. A condição de ser beco provoca um tráfego automóvel muito reduzido. Como a entrada e a saída da rua se fazem no mesmo ponto, o beco acaba por definir uma "península" de habitantes, o que torna mais fácil conhecer toda a gente que vive na rua. Quem usa o beco é quem lá vive e não qualquer usuário da cidade, como acontece numa rua que pertença a uma malha fortemente interligada.

A "península" de habitantes é explicada por José Alberto. José mudou-se para aquela rua (Beco finito 6 da zona B) no início dos anos 90, tendo-a escolhido por ser calma e sem trânsito, um sítio perfeito para as crianças brincarem. Argumentou que os miúdos não conseguem brincar na rua que dá acesso à sua porque há muito movimento automóvel. Gosta do ambiente da rua porque toda a gente se conhece. Acrescentou, aliás, que os vizinhos se conhecem porque quem entra naquele beco ou mora lá, ou vai lá fazer algum trabalho, ou se enganou no caminho. No Beco finito 8 da zona B, Joaquim mostrou até que ponto conhecia os vizinhos da sua rua. Questionado sobre as actividades que via a acontecerem no espaço público, lembrou-se de um rapaz com uma pequena mota a "fazer cavalinhos" e uma rapariga a treinar para uma corrida de fundo, a "fazer piscinas" de um lado ao outro do beco. Joaquim não só sabia onde eles viviam, como também sabia quem eram os pais e os irmãos e o que eles faziam.

Certamente que os becos sem saída não serão as únicas ruas com vizinhos que se conhecem bem, mas todos os testemunhos recolhidos foram prova de que é mais fácil conhecer os vizinhos quando existe apenas uma entrada e saída na rua. Do testemunho de Carlos e Daniel, do beco com continuação 3 da zona D, nota-se que não só falam regularmente um com o outro (como referiram, na verdade) como também se conhecem bem, assim como os seus vizinhos (**Fig. 57**). Além dos cumprimentos que fizeram a pessoas que passavam de carro, tanto Daniel como António, morador da última casa deste beco, sabiam que tinha sido o pai de Carlos a lotear a sua quinta, quinta essa onde agora residem. O testemunho de Urbano e António, do Beco finito 3 da zona D, acaba por ser semelhante ao de Carlos e Daniel. Urbano e António deram o seu testemunho no momento em que falavam um com o outro, junto ao muro que separa o quintal de Urbano com a via pública (**Fig. 58**). António mora

na quinta loteada por Urbano, tal como no caso de Daniel e Carlos. Estiveram a falar durante meia hora, tempo suficiente para a mulher de Urbano trazer um saco com vegetais do seu quintal para António levar para casa.

Há quem se dedique à relação que mantém com os seus vizinhos. No Beco finito 4 da zona B, Carlos contratou uma empregada doméstica. No momento em que o testemunho foi recolhido, a senhora encontrava-se a varrer do passeio as folhas que caíram da árvore de Carlos (**Fig. 59**). Quando questionado se alguém se queixava das folhas da sua árvore no espaço público, Carlos respondeu que não, mas simplesmente não pretendia criar atritos com os seus vizinhos. Noutra perspectiva de controlo e manutenção da boa vizinhança, Fátima (Beco com continuação 2, da zona D) parece estimar muito o lugar onde vive e, por isso, queria tê-lo reservado para a sua família. Explicou que muito gostaria de ter a sua filha a viver no terreno ao lado de sua casa, que já é da família, mas onde não se pode construir por estar localizado, segundo o PDM, em Espaço Florestal de Conservação.

Caixa de texto 3

A ideia de controlo foi claramente perceptível durante o trabalho de campo. A rua sem saída transparecia a sensação de uma sobreposição entre o espaço público e o privado. Como não se vêem forasteiros a atravessar aquela rua regularmente como aconteceria noutra rua que não seja sem saída, torna-se mais fácil conhecer as pessoas que moram num beco. Era frequente sentir-me forasteiro mal entrava num beco sem saída (ler Caixa de texto 2 sobre o tripé). As pessoas vigiavam desde o quintal, da ombreira da porta de entrada, ou através das janelas aquele ser estranho que parava na sua rua e para os quais os cães alertavam sobre a sua presença. Apesar de estar no espaço público, sentia-me em solo privado, como se tivesse atravessado o portão de um condomínio privado onde não devia ter acesso. O aparecimento de um forasteiro na sua rua cria uma situação em que o controlo da vizinhança nesta rua sem saída se torna extremamente perceptível.



Fig. 57. Zona D - Beco com continuação 3.
Daniel e Carlos falam sobre os transportes públicos de Viseu. Depois da pandemia preferem falar de um quintal para o outro.



Fig. 58. Zona D - Beco finito 3.
António já tem preparado o saco de legumes que a mulher de Urbano lhe ofereceu para levar.



Fig. 59. Zona B - Beco finito 4.
Carlos não quer criar conflitos com os vizinhos, por isso contrata uma senhora como empregada doméstica que, entre outras limpezas, lhe varre do passeio as folhas que caíram da sua árvore.

3.6. A condição de *ser* beco

Quando Nuno Portas e Nuno Travasso escreviam sobre beco sem saída, descreviam também um dos princípios subjacentes a viver nesse tipo de ruas - a ideia de que a nossa casa é a casa mais importante do mundo por se situar no final do único caminho que é possível fazer até lá: "Todos vivem, não numa anónima coordenada de uma grelha mas no final de um percurso específico, na última rua, no último cul-de sac, no último condomínio de uma cidade cuja forma global é desconhecida. Na cidade cul-de-sac estamos exactamente onde sempre desejamos estar, na origem da espiral."[119] No entanto, só após este trabalho de campo e de análise é que foi possível vislumbrar com maior convicção a verdadeira con-

[119] Albert Pope, "Terminal Distribution," *Cities of Dispersal, Architectural Design*, 2008. Citado em Domingues, Portas, and Cabral, *Políticas Urbanas II*, 197.

dição de *ser* beco e de viver num beco.

O tráfego automóvel e pedonal é uma circunstância fundamental das ruas sem saída. Contudo, o passeio público parece não ser visto como um elemento indispensável à vida rotineira dos usuários de Rio de Loba, pelo menos do seu ponto de vista. Desde pessoas que preferem contornar o passeio em vez de andarem em cima dele, aos que não se apercebem das interrupções que o passeio vai tendo ao longo dos seus percursos. É comum ver musgo a crescer entre as pedras, sinal do pouco uso e/ou da sua reduzida manutenção. Não quererá isto dizer que o passeio não devesse existir só porque há quem não repare nele. Afinal, é uma infra-estrutura necessária para a segurança dos peões. Há muitos becos sem passeio, cerca de um quarto das ruas sem saída analisadas (24 em 80 becos). Isto faz com que peões e automóveis partilhem o mesmo espaço público. Esta situação seria extremamente perigosa numa rua movimentada (como se viu pelo atalho que as pessoas criaram entre os becos finitos 4 e 5 da Zona B ao invés de circularem junto da estrada principal, sem passeio), mas numa rua sem saída, onde a circulação automóvel é reduzida e lenta, o problema parece ser mínimo ou, pelo menos, nunca mencionado.

Os momentos em que esse movimento automóvel ou pedonal é interrompido ou concluído serão tão importantes para o espaço público como o próprio tráfego. O carro parado é uma peça presente em todas as ruas. Da análise foi possível observar como o tipo de desenho do estacionamento nem sempre dita que tipo de estacionamento se faz na realidade. Como se tratam de ruas sem saída o atravessamento da rua é mínimo, por isso, a paragem de um carro na via pública traz constrangimentos muito reduzidos à circulação automóvel. Por sua vez, ver pessoas paradas não era tão comum, mas também foi observado. Quando paravam era para conversarem com vizinhos ou outros transeuntes, muitas vezes com o muro do quintal ou o portão de entrada entre os intervenientes.

Entre uma infinidade de ruas de aspecto semelhante, é interessante notar como elas se diferenciam umas das outras ao percorrer toda a área de estudo. Há becos que apresentam características particulares que os distinguem dos restantes. Algumas dessas características ganham até protagonismo nos testemunhos obtidos, como uma árvore solitária no fim da rua, onde as crianças brincavam. Apesar de haver vegetação em todos os becos analisados, tanto em propriedade privada como no espaço público, ela é dispersa, com pouco ritmo e pouco ordenada. Só em casos muito específicos é que há árvores que se destacam e dão identidade a uma rua. Porém, os terrenos verdes revelam-se como importantes elementos da identidade das ruas

e dos bairros destes subúrbios. Ainda que sejam remanescentes do que o planeamento urbano não tocou, conseguem talvez apresentar uma estrutura que organiza os bairros. A uma escala ainda maior existem ainda uns poucos elementos que marcam a posição dos bairros em relação ao território e auxiliam a orientação pela área de estudo. Por serem anexos à Mata do Fontelo, os bairros de Gumirães e Santa Eugénia têm um denso núcleo de árvores que lhes serve de âncora: o Fontelo marca um dos lados dos bairros e ajuda-os a localizarem-se dentro da imagem de Viseu pela sua proximidade com um parque tão usado e vivo na memória das pessoas. Quem desce em direcção à Circunvalação passando por Gumirães também começa a ver a silhueta da cidade antiga com a Serra do Caramulo no horizonte, anunciando que se está a aproximar do destino. Assim, quanto mais próximo se estiver do centro da cidade, mais imaginável fica a área de estudo e mais fácil se torna localizar-se dentro dela.

Finalmente, uma última observação a retirar da análise prende-se com a vigilância e o controlo. Estes actos constituem possivelmente o fundamento por trás das vizinhanças coesas que os testemunhos atestavam. Afinal, como os becos não fazem parte dos caminhos de atravessamento da cidade (os becos finitos, pelo menos) só entra nestas ruas quem lá vive. O controlo de quem lá passa, a pé ou de carro, não só foi referido várias vezes pelos habitantes dos becos como também foi notado pelo autor ao longo do trabalho de campo. Contudo, o controlo não está presente somente na manutenção dessas vizinhanças. Situações singulares como a que é criada pelo Beco finito 2 da Zona D provam o poderoso efeito que a vigilância (e a falta dela) provocam nos usos dados ao espaço público. As actividades relatadas por Guilherme e as que ficaram subentendidas pelos objectos encontrados no chão da rua teriam muito mais dificuldade em acontecer no restante espaço público da cidade porque estariam sob um intenso e constante escrutínio de toda a população que cruza o espaço público urbano.

4. Considerações Finais

A Imagem da Cidade apresenta-se como um estudo tão directo e atraente do espaço público que se torna quase imprescindível realizar estudos semelhantes noutras cidades que não as apresentadas na obra de Kevin Lynch. Somada a uma teoria do uso do espaço (como a de Daniel Pinson) é possível ficar com uma compreensão da forma como as pessoas vêem, interiorizam e apropriam o espaço público que usam diariamente. Do cruzamento entre a vontade de ler a cidade pela observação e contacto directos e de abordar os subúrbios de uma cidade, por se sentir que têm pouco estudo, surgiu esta dissertação. Viseu (e Rio de Loba mais em concreto) tomou a forma do caso de estudo pelos seus subúrbios

que para o autor eram tão expressivos.

O facto de "subúrbio" ser um conceito tão abstracto deu azo e liberdade para que se procurasse uma definição mais próxima da que era imaginada inicialmente pelo autor. Rio de Loba continua a ser uma parte suburbana de Viseu, qualquer que seja o nome que se queira dar a este tipo de território urbano. Por si só, não tem as múltiplas funções de uma cidade, nem se sente a vida e o movimento de uma cidade; tem-se habitação em abundância, tem-se becos sem saída em todo o lado.

O beco sem saída deu corpo às matérias que se observaram nos subúrbios. Como conceito, o beco sintetizava a confusão e a falta de planeamento do território suburbano. Por se basearem, fundamentalmente, nos planos de particulares, os subúrbios cancelam interfaces e dificultam o movimento. Nos subúrbios, a falta de tráfego pedonal ou rodoviário e a sua constante interrupção, demonstram a importância do movimento numa cidade. Essas interrupções explicarão, em parte, a existência dos movimentos pendulares casa-trabalho: sem interfaces, não há movimento; sem movimento, não há comércio e serviços; sobra a habitação que suporta e é suportada pela existência de emprego noutras partes da cidade.

A metodologia e a teoria escolhidas, quando aplicadas no beco sem saída, possibilitaram uma aproximação à vida pública dos subúrbios. A metodologia permitiu que o trabalho realizado fosse feito com maior rigor e objectividade, de forma a que o espaço público dos subúrbios pudesse ser compreendido com o cuidado que merece. A teoria da imagem e uso da cidade é apenas uma de muitas que podiam ter sido usadas, mas foi uma que revelou quais eram as sensação que as pessoas tinham quando usavam os subúrbios e que mostrou o modo como os espaços suburbanos se distinguiam uns dos outros e permaneciam na memória das pessoas. O trabalho realizado foi profundo: a área de estudo foi estudada em detalhe, primeiramente, quanto à sua história recente e quanto à cartografia e, posteriormente, em trabalho de campo; o método usado em trabalho de campo permitiu, por fim, aprofundar a problemática da imagem da cidade de um modo que promoveu o contacto directo com o espaço em estudo e com aqueles que o usam diariamente.

Dos temas abordados na análise dos becos sem saída, os terrenos verdes ganharam o seu próprio protagonismo. Será difícil concluir que eles se organizam numa estrutura real quando se tratam, de facto, de sobras do desenvolvimento urbano. Se a estrutura existe, é acidental ou imaginada (pelos seus usuários ou pelo autor); não surge da vontade concreta de alguma entidade. Será possível, contudo, compreender este tipo de espaços segundo os benefícios sociais e ambientais que trazem à popu-

lação que os usa e que habita junto deles. Isso acabou por ser algo verdadeiramente observável. O que foi possível demonstrar foi o potencial que estes terrenos têm de se tornarem numa parte viva e imaginável da cidade caso acarretem com algum planeamento, ao invés de serem reduzidos ao que "resta". Os terrenos verdes têm benefícios, as pessoas sentem-nos; basta que sejam estudados e marcados para que se tornem numa estrutura real.

É difícil esconder o romantismo que o autor tem pelos subúrbios, romantismo esse que terá certamente sido instigado pelas opiniões contrárias que geralmente se fazem em relação a este tipo de território. Aliás, foi o amor pelos subúrbios que incitou esta dissertação. Se se partiu com ideias pré-fabricadas, foi somente para procurar se elas teriam ou não evidência no mundo real. No entanto, todos os passos dados ao longo do trabalho foram feitos com a maior objectividade e neutralidade possível. Nada contra caso as conclusões obtidas fossem opostas às ideias tidas inicialmente. No fim, o que resulta é uma parte da cidade que passou a ser melhor compreendida, o que será o melhor resultado possível ou, pelo menos, o único que um (este) estudante de arquitectura poderia realmente querer.

Fig. 60. Zona B - Beco finito 8.



Bibliografia

Almeida, Jorge. "A Dinâmica Urbana De Viseu Na Segunda Metade Do Século Xx – O Contributo Dos Planos Urbanísticos Dos Particulares Na Formação Da Cidade." Dissertação de Mestrado em Geografia - Dinâmicas Espaciais e Ordenamento do Território, Universidade do Porto, 2000.

Arcade Fire. “Sprawl II (Mountains Beyond Mountains).” In *The Suburbs*, 2010.

Arcade Fire. “The Suburbs.” in *The Suburbs* (2010).

Becher, Bernd & Hilla. *Typologies*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2004.

Chorincas, Joana, Catarina Maia, Teresa Sá Marques, Francisca Moura, Diogo Ribeiro, José Ribeiro, Paula Ribeiro, and Hélder Santos. *Portugal No Centro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.

“Conferência De Imprensa Do Conselho De Ministros De 19 De Março De 2020 - Governo Define Limitações De Deslocação E Iniciativa Económica.” Notícia. *República Portuguesa* (19 de Março 2020), consultado a 22-05-2022. https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/noticia?i=governo-define-limitacoes-de-deslocacao-e-iniciativa-economica.

Dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa: Verbo, 2000, s.v. “suburbano.”

Dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa: Verbo, 2000, s.v. “subúrbio.”

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto Editora, s.v. “área suburbana,” consultado a 23-03-2022, https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$area-suburbana.

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto Editora, s.v. “subúrbio,” consultado a 08-03-2022, https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/subúrbio.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. s.v. “estrutura,” consultado a 19-05-2022, https://dicionario.priberam.org/estrutura

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. s.v. “infra-estrutura,” consultado a 19-05-2022, https://dicionario.priberam.org/infra-estrutura

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. s.v. “subúrbio,” consultado a 08-03-2022, https://dicionario.priberam.org/sub%C3%BArbio.

Domingues, Álvaro. *Cidade E Democracia: 30 Anos De Transformação Urbana Em Portugal*. Lisboa: Argumentum, 2006.

Domingues, Álvaro, Nuno Portas, and João Cabral. *Políticas Urbanas: Tendências, Estratégias E Oportunidades*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

Domingues, Álvaro, Nuno Portas, and João Cabral. *Políticas Urbanas II: Transformações, Regulação E Projectos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

Ewing, Reid, Rolf Pendall, and Don Chen. *Measuring Sprawl and Its Impact*. (Washington, DC: Smart Growth America, 2002), consultado a 04-07-2022. https://community-wealth.org/sites/clone.community-wealth.org/files/downloads/report-ewing-et-al14.PDF.

Feireiss, Lukas, Tatjana Schneider, and TheGreenEyl. *Living the City: Of Cities, People and Stories*. Edited by Spector Books. Leipzig, 2020.

Ferreiro, Maria de Fátima, Isabel Loupa Ramos, Maria da Conceição Colaço, Beatriz Condessa, Jorge Batista e Silva, and José Antunes Ferreira. *Territórios Periurbanos*. Lisboa: DGT - Direção-Geral do Território, 2019.

Foure, Alain. “Un Faubourg, Des Banlieues, Ou La Déclinaison Du Rejet.” In *Les Mots De La Stigmatisation Urbaine*, edited by Jean-Charles Depaule, 8-39. Paris: Éditions Unesco/Maison des sciences de l’homme, 2006.

Hall, Edward T. *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio d’Água, 1986.

Harper, Douglas. “Framing Photographic Etnography: A Case Study.” *Etnography*, 2003, 241-66.

Harrison, John, and Philip Sarre. "Personal Construct Theory in the Measurements of Environmental Images." *Environment and Behavior*, 1971, 351-74.

Instituto Nacional de Estatística. Resultados Provisórios Do Xvi Recenseamento Geral Da População E Vi Recenseamento Geral Da Habitação - Censos 2021, 2021, consultado a 09-04-2022. https://www.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html

Lemos, Eduardo. "Capítulo 4 | Principais Características Do Espaço Público." In *Guia Para a Reabilitação Do Centro Histórico De Viseu*. Viseu: Câmara Municipal de Viseu, Universidade Católica Portuguesa, 2010.

Lôbo, Margarida Souza. *Planos De Urbanização - a Época De Duarte Pacheco*. DGOTDU, FAUP Publicações, 1995.

Lynch, Kevin. *A Imagem Da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 1999.

Lynch, Kevin. *A Boa Forma Da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2018.

Madureira, Helena. "Processos De Transformação Da Estrutura Verde No Porto." Dissertação de Mestrado em Planeamento e Projecto do Ambiente Urbano, Universidade do Porto, 2000.

Madureira, Helena. "Promover Os Serviços Ecossistémicos Urbanos Com Infraestruturas Verdes." In *Geografia, Paisagem E Riscos: Livro De Homenagem Ao Prof. Doutor António Pedrosa*, edited by Luciano Lourenço, 141-61. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.

Madureira, Helena. "Natureza." In *Geografia Do Porto*, edited by José Alberto Rio Fernandes, 180-89. Porto: Book Cover, 2020.

Mumford, Eric. *Designing the Modern City: Urbanism since 1850*. New Haven: Yale University Press, 2018.

Pinson, Daniel. "Ethnographie De L'habitat Ouvrier En Basse-Loire (Du Logement Pour Tous Aux Maisons En Tous Genres)." *Les Cahiers de la recherche architecturale / Les Cahiers de la recherche architecturale et urbaine*, 1992, 151-64. https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01121408.

Pinson, Daniel. *Usage Et Architecture*. Paris: L'Harmattan, 1993.

Pope, Albert. "Terminal Distribution." *Cities of Dispersal*, Architectural Design, 2008.

Rapoport, Amos. *Aspectos Humanos De La Forma Urbana: Hacia Una Confrontación De Las Ciencias Sociales Com El Diseño De La Forma Urbana*. Barcelona: Gustavo Gil, 1978.

Sieverts, Thomas. *Cities without Cities: An Interpretation on the Zwischenstadt*. London: Spon Press, 2003.

Silva, Ângela. "Governo Impõe Recolher Obrigatório Das 13h Às 05h Nos Próximos Dois Fins De Semana (Mas O Passeio Higiénico É Permitido)." Notícia. *Expresso* (8 de Novembro 2020), consultado a 22-05-2022. https://expresso.pt/coronavirus/2020-11-08-Governo-impoe-recolher-obrigatorio-das-13h-as-05h-nos-proximos-dois-fins-de-semana--mas-o-passeio-higienico-e-permitido-.

Spatial Planning and Landscape Division. "Cemat Glossary of Key Expressions Used in Spatial Development Policies in Europe." Paper presented at the European Conference of Ministers Responsible for Spatial/Regional Planning (CEMAT), Lisboa, 2006.

Suburban Form: An International Perspective. Edited by Kiril Stanilov and Brenda Case Scheer. New York: Routledge, 2004.

Vaz, Inês, Fátima Eusébio, and Luís Fernandes. "Capítulo 3 | Breve História Urbana De Viseu." In *Guia Para a Reabilitação Do Centro Histórico De Viseu*. Viseu: Câmara Municipal de Viseu, Universidade Católica Portuguesa, 2010.

Whyte, William, Jr.. “The Social Life of Small Urban Spaces.” 58:15. USA, 1980, consultado a 29-01-2021. https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2089178.

Lista de figuras e tabelas e respectivas fontes

Fig. 1. Pessoas a socializar na praça do Seagram Building, em Nova Iorque. Frame de filme. William Whyte Jr., “The Social Life of Small Urban Spaces.” 08:02. USA, 1980, consultado a 29-01-2021. https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2089178.

Fig. 2. Trabalho de campo do estudo das praças de Nova Iorque. Frame de filme. William Whyte Jr., “The Social Life of Small Urban Spaces.” 04:06. USA, 1980, consultado a 29-01-2021. https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2089178.

Fig. 3. Conclusões do estudo sobre as praças de Nova Iorque. Frame de filme. William Whyte Jr., “The Social Life of Small Urban Spaces.” 12:15. USA, 1980, consultado a 29-01-2021. https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2089178.

Fig. 4. Mapa das vias radiais e circulares de Viseu. Desenho. Elaborado pelo autor a partir de imagem de satélite. Google Earth, consultado a 13-06-22, https://earth.google.com/web/@40.65672351,-7.9178347,486.60862381a,14497.59359132d,35y,0.0000001h,0.50223471t,0r.

Fig. 5. Viseu, consolidada e subúrbios. Desenho. Do autor.

Fig. 6. Anteplano Geral de Urbanização de Viseu (1950). Desenho. Almeida, Suse Margarida Coelho. "Âncoras De Desenvolvimento - Os Equipamentos Coletivos No Desenho Urbano: O Caso De Viseu - Do Século Xx Até Às Expansões Mais Recentes." Dissertação de Mestrado de Arquitectura, Universidade de Coimbra, 2015, 58.

Fig. 7. Mapa da área de estudo com as vias que a limitam assinaladas. Desenho. Elaborado pelo autor a partir de imagem de satélite. Google Earth, consultado a 13-06-22, https://earth.google.com/web/@40.65956657,-7.89392439,479.66577458a,8897.04896737d,35y,0.00000003h,0.50179425t,0r.

Fig. 8. Planta 1: Planta geral. Desenho. Elaborado pelo autor a partir das plantas cedidas pela Câmara Municipal de Viseu.

Fig. 9. Esquema de casas em banda que tapam o que está atrás delas. Desenho. Do autor.

Fig. 10. Esquema de casas isoladas que mostram o que está atrás delas. Desenho. Do autor.

Fig. 11. Detalhe da planta geral. Desenho. Elaborado pelo autor a partir das plantas cedidas pela Câmara Municipal de Viseu.

Fig. 12. Detalhe da planta geral. Desenho. Elaborado pelo autor a partir das plantas cedidas pela Câmara Municipal de Viseu.

Fig. 13. Detalhe da planta geral. Desenho. Elaborado pelo autor a partir das plantas cedidas pela Câmara Municipal de Viseu.

Fig. 14. Planta do loteamento da Quinta de São João da Carreira. Desenho. Almeida, Jorge. "A Dinâmica Urbana De Viseu Na Segunda Metade Do Século Xx – O Contributo Dos Planos Urbanísticos Dos Particulares Na Formação Da Cidade." Dissertação de Mestrado em Geografia, Universidade do Porto, 2000, 175.

Fig. 15. Planta do loteamento da Quinta de Dentro. Desenho. Almeida, Jorge. "A Dinâmica Urbana De Viseu Na Segunda Metade Do Século Xx – O Contributo Dos Planos Urbanísticos Dos Particulares Na Formação Da Cidade." Dissertação de Mestrado em Geografia, Universidade do Porto, 2000, 179.

Fig. 16. Planta da Zona A. Desenho. Elaborado pelo autor a partir das plantas cedidas pela Câmara Municipal de Viseu.

Fig. 17. Planta da Zona B. Desenho. Elaborado pelo autor a partir das plantas cedidas pela Câmara Municipal de Viseu.

Fig. 18. Planta da Zona C. Desenho. Elaborado pelo autor a partir das plantas cedidas pela Câmara Municipal de Viseu.

Fig. 19. Planta da Zona D. Desenho. Elaborado pelo autor a partir das plantas cedidas pela Câmara Municipal de Viseu.

Fig. 20. Planta da Zona E. Desenho. Elaborado pelo autor a partir das plantas cedidas pela Câmara Municipal de Viseu.

Fig. 21. Fachadas industriais. Digitalização. Becher, Bernd & Hilla. *Typologies*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2004, Plate 128.

Fig. 22. Gráfico 01. Tipo de estacionamento por tipo de ruas sem saída. Gráfico. Tratamento efectuado pelo autor segundo o *corpus* fotográfico.

Fig. 23. Zona B - Beco finito 2. Fotografia. Do autor.

Fig. 24. Zona A - Beco com continuação 1. Fotografia. Do autor.

Fig. 25. Zona E - Beco com continuação 1. Fotografia. Do autor.

Fig. 26. Zona B - Beco de urbanização 3. Fotografia. Do autor.

Fig. 27. Zona C - Beco de urbanização 3. Fotografia. Do autor.

Fig. 28. Zona D - Beco finito 4. Fotografia. Do autor.

Fig. 29. Gráfico 02. Tipo de passeio por tipo de ruas sem saída. Tratamento efectuado pelo autor segundo o *corpus* fotográfico.

Fig. 30. Zona B, becos 4 e 5 em Junho de 2013. Imagem de satélite. Google Earth, consultado a 23-11-21, https://earth.google.com/web/@40.66193032,-7.88803477,487.81711827a,498.43612844d,35y,0h,0.50113374t,0r.

Fig. 31. Zona B, becos 4 e 5 em Junho de 2019. Imagem de satélite. Google Earth, consultado a 23-11-21, https://earth.google.com/web/@40.66193032,-7.88803477,487.81711827a,498.43612844d,35y,0h,0.50113374t,0r.

Fig. 32. Zona B - Beco finito 5. Fotografia. Do autor.

Fig. 33. Zona C - Beco de excepção 4. Fotografia. Do autor.

Fig. 34. Zona A - Beco finito 4. Fotografia. Do autor.

Fig. 35. Zona C - Beco com continuação 1. Fotografia. Do autor.

Fig. 36. Gráfico 03. Vedações altas ou baixas nas ruas sem saída com moradias em banda. Tratamento efectuado pelo autor segundo o *corpus* fotográfico.

Fig. 37. Zona D - Beco finito 9. Fotografia. Do autor.

Fig. 38. Zona C - Beco finito 10. Fotografia. Do autor.

Fig. 39. Gráfico 04. Existência de árvores no espaço público por tipo de rua sem saída. Tratamento efectuado pelo autor segundo o *corpus* fotográfico.

Fig. 40. Gráfico 05. Proximidade a terrenos verdes por tipo de rua sem saída. Tratamento efectuado pelo autor segundo o *corpus* fotográfico.

Fig. 41. Zona B - Beco finito 7. Fotografia. Do autor.

Fig. 42. Zona A - Beco de urbanização 1. Fotografia. Do autor.

Fig. 43. Zona A - Beco de urbanização 4. Fotografia. Do autor.

Fig. 44. Serra da Estrela no horizonte, vista a partir dos Becos finitos 3, 4 e 5 da Zona D. Fotografia. Do autor.

Fig. 45. Mata do Fontelo, silhueta da Sé e Serra do Caramulo vistas a partir do Beco com continuação 3 da Zona B. Fotografia. Do autor.

Fig. 46. Núcleo antigo de Rio de Loba, com a igreja a sobressair do conjunto, no enfiamento do Beco finito 7 da Zona B. Fotografia. Do autor.

Fig. 47. Zona D - Beco finito 6. Fotografia. Do autor.

Fig. 48. Zona C - Beco de urbanização 1. Fotografia. Do autor.

Fig. 49. Zona E - Beco finito 6. Fotografia. Do autor.

Fig. 50. Zona D - Beco com continuação 2. Fotografia. Do autor.

Fig. 51. Zona C - Beco de excepção 2. Fotografia. Do autor.

Fig. 52. Zona C - Beco de excepção 2. Fotografia. Do autor.

Fig. 53. A clareira "do tamanho de um estádio", como foi descrita por Guilherme. Fotografia. Do autor.

Fig. 54. Floresta de Rio de Loba, faixa corta-fogo para os cabos de alta tensão. Fotografia. Do autor.

Fig. 55. Zona D - Beco finito 2. Fotografia. Do autor.

Fig. 56. Zona D - Beco finito 3. Fotografia. Do autor.

Fig. 57. Zona D - Beco com continuação 3. Fotografia. Do autor.

Fig. 58. Zona D - Beco finito 3. Fotografia. Do autor.

Fig. 59. Zona B - Beco finito 4. Fotografia. Do autor.

Fig. 60. Zona B - Beco finito 8. Fotografia. Do autor.

Anexos

Plate 1: Becos finitos. Colagem. Elaborado pelo autor a partir do *corpus* fotográfico.

Plate 2: Becos finitos. Colagem. Elaborado pelo autor a partir do *corpus* fotográfico.

Plate 3: Becos finitos. Colagem. Elaborado pelo autor a partir do *corpus* fotográfico.

Plate 4: Becos finitos. Colagem. Elaborado pelo autor a partir do *corpus* fotográfico.

Plate 5: Becos finitos. Colagem. Elaborado pelo autor a partir do *corpus* fotográfico.

Plate 6: Becos com continuação. Colagem. Elaborado pelo autor a partir do *corpus* fotográfico.

Plate 7: Becos com continuação. Colagem. Elaborado pelo autor a partir do *corpus* fotográfico.

Plate 8: Becos com continuação. Colagem. Elaborado pelo autor a partir do *corpus* fotográfico.

Plate 9: Becos de urbanizações. Colagem. Elaborado pelo autor a partir do *corpus* fotográfico.

Plate 10: Becos de urbanizações. Colagem. Elaborado pelo autor a partir do *corpus* fotográfico.

Plate 11: Becos de excepção. Colagem. Elaborado pelo autor a partir do *corpus* fotográfico.

Plate 12: Moradias isoladas. Colagem. Elaborado pelo autor a partir do *corpus* fotográfico.

Plate 13: Moradias em banda. Colagem. Elaborado pelo autor a partir do *corpus* fotográfico.

Plate 14: Edifícios plurifamiliares. Colagem. Elaborado pelo autor a partir do *corpus* fotográfico.

Tabela 1. (pág.129) - Catálogo de becos. Elaborado pelo autor a partir do trabalho de campo realizado pelo mesmo.

Fig. 61. (pág. 143) Planta 2: Localização dos becos analisados e divisão da área de estudo por zonas. Desenho. Elaborado pelo autor a partir das plantas cedidas pela Câmara Municipal de Viseu.

Fig. 62. (pág. 144) Planta 3: Testemunhos. Desenho. Elaborado pelo autor a partir das plantas cedidas pela Câmara Municipal de Viseu.

Fig. 63. (pág. 145) Planta 4: Mancha dos terrenos verdes com parede contínua de edifícios. Desenho. Elaborado pelo autor a partir das plantas cedidas pela Câmara Municipal de Viseu.

Fig. 64. (pág. 146) Planta 5: Terrenos verdes com edificado. Desenho. Elaborado pelo autor a partir das plantas cedidas pela Câmara Municipal de Viseu.

Fig. 65. (pág. 148) Planta 6: Área de estudo com a localização de becos com continuação sobre as Cartas Militares de Viseu de 1987 e 1989. Desenho sobre colagem. Elaborado pelo autor. Serviço Cartográfico do Exército. "Carta Militar De Portugal: Viseu." In *M 888*, Folha 178. 2-S.C.E.-1987, 1987. Serviço Cartográfico do Exército. "Carta Militar De Portugal: Mangualde." In *M 888*, Folha 189. 2-S.C.E.-1989, 1989.

Fig. 66. (pág. 149) Planta 7: Planta de ordenamento. Desenho. Plano Director Municipal de Viseu, 2013.

Fig. 67. (pág. 150) Planta 8: Área de estudo na planta do edificado pré 1975 e entre 1975 e 2000. Desenho sobre planta. Elaborado pelo autor. Domingues, Álvaro. *Cidade E Democracia: 30 Anos De Transformação Urbana Em Portugal*. Lisboa: Argumentum, 2006, 233.

Fig. 68. (pág. 152) Planta da zona A usada e anotada em trabalho de campo. Digitalização. Elaborado pelo autor.

Fig. 69. (pág. 153) Planta da zona A usada e anotada em trabalho de campo. Digitalização. Elaborado pelo autor.

Fig. 70. (pág. 154) Planta da zona B usada e anotada em trabalho de campo. Digitalização. Elaborado pelo autor.

Fig. 71. (pág. 155) Planta da zona B usada e anotada em trabalho de campo. Digitalização. Elaborado pelo autor.

Fig. 72. (pág. 156) Planta da zona B usada e anotada em trabalho de campo. Digitalização. Elaborado pelo autor.

Fig. 73. (pág. 157) Planta da zona B usada e anotada em trabalho de campo. Digitalização. Elaborado pelo autor.

Fig. 74. (pág. 158) Planta da zona C usada e anotada em trabalho de campo. Digitalização. Elaborado pelo autor.

Fig. 75. (pág. 159) Planta da zona C usada e anotada em trabalho de campo. Digitalização. Elaborado pelo autor.

Fig. 76. (pág. 160) Planta da zona D usada e anotada em trabalho de campo. Digitalização. Elaborado pelo autor.

Fig. 77. (pág. 161) Planta da zona D usada e anotada em trabalho de campo. Digitalização. Elaborado pelo autor.

Fig. 78. (pág. 162) Planta da zona D usada e anotada em trabalho de campo. Digitalização. Elaborado pelo autor.

Fig. 79. (pág. 163) Planta da zona D usada e anotada em trabalho de campo. Digitalização. Elaborado pelo autor.

Fig. 80. (pág. 164) Planta da zona E usada e anotada em trabalho de campo. Digitalização. Elaborado pelo autor.

Fig. 81. (pág. 165) Planta da zona E usada e anotada em trabalho de campo. Digitalização. Elaborado pelo autor.

Fig. 82. (pág. 166) Guião de perguntas usado e anotado em trabalho de campo. Digitalização. Elaborado pelo autor.

Anexos

Pandemia e o passeio higiénico

Com o aparecimento da pandemia de Covid-19 em Portugal, em 2020, os longos períodos de confinamento obrigatório impostos pelo estado de emergência decretado pelo Governo de Portugal vieram acompanhados de excepções a esse confinamento. Uma das excepções que tinha a possibilidade de abranger toda a população portuguesa consistia na possibilidade de efectuar curtos passeios na zona envolvente à residência para efeitos de exercício físico, passeio dos animais domésticos ou simples contacto com o ar livre[120]. Desde cedo, este tipo de curtas deslocações pelo bairro passaram a denominar-se "passeios higiénicos", tendo-se tornado num conceito rapidamente abrangido pelo léxico da popu-

[120] Segundo o Decreto n.º 2-A/2020, de 20 de março.

lação portuguesa[121]. Os passeios higiénicos foram uma excepção que acompanhou todos os períodos de confinamento obrigatório que existiram[122], pelo que se tornaram numa actividade amplamente realizada ao longo dos últimos dois anos.

O passeio higiénico significou que o único tipo de deslocamento que se podia realizar com o intuito de passear fosse feito somente na zona envolvente à residência. Os subúrbios representam um território amplamente associado com a função de residência da população, população essa que efectua o movimento pendular casa-trabalho diariamente. Esse movimento pendular faz com que os subúrbios sejam um espaço usado principalmente durante a manhã, ao sair para a escola ou trabalho, e ao final da tarde, ao voltar para casa. Com a pandemia, o movimento pendular acabou e os subúrbios passaram a ser um espaço usado durante o dia inteiro.

Muitos dos testemunhos revelaram que vêem muito mais pessoas a passear pelas ruas desde o início da pandemia, principalmente pelos becos com continuação. As pessoas passam a procurar os caminhos mais apelativos para os seus passeios. Como o acesso a parques públicos ficou impedido, os terrenos verdes passaram a ser o seu substituto e os passeios higiénicos fizeram-se por entre os caminhos de serventia que os atravessam, bem visível a partir do testemunho de Jorge Rodrigues. Daí o maior uso dos becos com continuação, já que todas as ruas desta tipologia se encontram nas proximidades de um terreno verde e representam, aliás, as vias que lhes dão acesso.

Os casos de árvores a bloquearem a passagem no meio dos passeios ou de passeios com pouca manutenção poderão ter sido mais notados aquando a quarentena. O passeio higiénico pelo bairro provocou uma situação que seria menos recorrente antes da quarentena: andar a pé passou a ser mais recorrente/realizado/comum/praticado que andar de carro.

[121] O Primeiro Ministro António Costa usou o termo "passeio higiénico" para descrever este tipo de deslocações logo na primeira conferência de imprensa sobre as medidas a tomar durante o primeiro Estado de Emergência imposto pelo Estado Português. "Conferência de imprensa do Conselho de Ministros de 19 de março de 2020 - Governo define limitações de deslocação e iniciativa económica," Notícia, *República Portuguesa* (19 de Março 2020), https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/noticia?i=governo-define-limitacoes-de-deslocacao-e-iniciativa-economica.

[122] Ângela Silva, "Governo impõe recolher obrigatório das 13h às 05h nos próximos dois fins de semana (mas o passeio higiénico é permitido)," Notícia, *Expresso* (8 de Novembro 2020), https://expresso.pt/coronavirus/2020-11-08-Governo-impoe-recolher-obrigatorio-das-13h-as-05h-nos-proximos-dois-fins-de-semana--mas-o-passeio-higienico-e-permitido-.

Catálogo de becos

Becos finitos
plate 1

















Zona A - Beco finito 1

Zona A - Beco finito 2

Zona A - Beco finito 3

Zona A - Beco finito 4

Zona B - Beco finito 2

Zona B - Beco finito 3

Zona B - Beco finito 4

Zona B - Beco finito 5

Becos finitos
plate 2

















Zona B - Beco finito 6

Zona B - Beco finito 7

Zona B - Beco finito 8

Zona C - Beco finito 1

Zona C - Beco finito 2

Zona C - Beco finito 3

Zona C - Beco finito 4

Zona C - Beco finito 5

Becos finitos
plate 3

















Zona C - Beco finito 6

Zona C - Beco finito 7

Zona C - Beco finito 8

Zona C - Beco finito 10

Zona C - Beco finito 11

Zona C - Beco finito 12

Zona D - Beco finito 1

Zona D - Beco finito 2

Becos finitos
plate 4

















Zona D - Beco finito 3

Zona D - Beco finito 4

Zona D - Beco finito 5

Zona D - Beco finito 6

Zona D - Beco finito 7

Zona D - Beco finito 8

Zona D - Beco finito 9

Zona D - Beco finito 10

Becos finitos
plate 5













Zona E - Beco finito 1

Zona E - Beco finito 2

Zona E - Beco finito 3

Zona E - Beco finito 4

Zona E - Beco finito 5

Zona E - Beco finito 6

Becos com continuação
plate 6















Zona A - Beco com continuação 1

Zona A - Beco com continuação 2

Zona A - Beco com continuação 3

Zona B - Beco com continuação 1

Zona B - Beco com continuação 2

Zona B - Beco com continuação 3

Zona B - Beco com continuação 4

Becos com continuação
plate 7



Zona B - Beco com continuação 5



Zona C - Beco com continuação 2



Zona C - Beco excepção 4



Zona C - Beco com continuação 1



Zona C - Beco excepção 2



Zona D - Beco com continuação 1

Becos com continuação
plate 8













Zona D - Beco com continuação 2

Zona D - Beco com continuação 3

Zona D - Beco com continuação 4

Zona E - Beco com continuação 1

Zona E - Beco com continuação 2

Zona E - Beco com continuação 3

Becos de urbanizações
plate 9

















Zona A - Beco de urbanização 1

Zona A - Beco de urbanização 2

Zona A - Beco de urbanização 3

Zona A - Beco de urbanização 4

Zona A - Beco de urbanização 8

Zona A - Beco de urbanização 9

Zona A - Beco de urbanização 10

Zona B - Beco de urbanização 1

Becos de urbanizações
plate 10















Zona C - Beco de urbanização 1

Zona C - Beco de urbanização 4

Zona B - Beco de urbanização 2

Zona C - Beco de urbanização 2

Zona E - Beco de urbanização 3

Zona B - Beco de urbanização 3

Zona C - Beco de urbanização 3

Becos de excepção
plate 11

















Zona A - Beco excepção 1

Zona B - Beco excepção 1

Zona B - Beco excepção 2

Zona B - Beco excepção 3

Zona B - Beco excepção 4

Zona C - Beco excepção 1

Zona C - Beco excepção 2: terrenos públicos

Zona C - Beco excepção 3

Moradias isoladas
plate 12

















Zona A - Beco com continuação 1

Zona B - Beco finito 4

Zona C - Beco finito 4

Zona C - Beco finito 10

Zona C - Beco finito 11

Zona C - Beco com continuação 1

Zona C - Beco excepção 1

Zona C - Beco excepção 2

Moradias em banda
plate 13

















Zona A - Beco finito 2

Zona B - Beco finito 2

Zona B - Beco finito 7

Zona B - Beco finito 8

Zona C - Beco finito 1

Zona D - Beco finito 9

Zona E - Beco finito 4

Zona E - Beco de urbanização 2

Edifícios plurifamiliares
plate 14

















Zona A - Beco com continuação 3

Zona A - Beco de urbanização 3

Zona B - Beco de urbanização 1

Zona B - Beco de urbanização 2

Zona C - Beco finito 6

Zona C - Beco finito 8

Zona C - Beco de urbanização 1

Zona C - Beco de urbanização 2

Catálogo de Becos		tipologia de habitação			estacionamento			vedação			passeio					árvores				terrenos verdes (incluindo o Fontelo)		espaços verdes (jardins, relvados canteiros e largos)		elementos marcantes e outras características da rua
																na rua		em propriedade privada						
		isolada/geminada	em banda	edifício plurifamiliar	paralelo	perpend.	s/ estac. (serve de paralelo)	quanti A>b	quanti b>A	s/ vedação (prédios)	com	sem	meio passeio ou interrompido	fim planeado	fim abrupto	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não	
becos finitos	A_Beco 1	X					X	X			X			X		X		X		X			X	junto ao Fontelo (grande massa de árvores)
	A_Beco 2		X		X				X		X			X			X	X			X		X	casas iguais
	A_Beco 3	X					X		X		X			X		X		X		X			X	em L
	A_Beco 4	X	X		X			X			X				X	X			X	X			X	a descer (do início da rua)
	B_Beco 2		X		X	X			X		X			X		X			X	X		X		larga (30 a 35 m entre as fachadas das casas e lados opostos da rua); casas iguais; ritmo das casas
	B_Beco 3	X	X		X				X				X		X		X	X		X			X	a SUBIR
	B_Beco 4	X					X		X		X				X		X	X		X			X	vê-se a Serra do Caramulo no enfiamento da rua; eucaliptos no fim
	B_Beco 5	X	X				X		X		X				X	X		X		X			X	pinheiro alto no início da rua; eucaliptos no fim
	B_Beco 6	X			X				X		X			X		X		X			X		X	em curva (não dá para se ver o fim da rua quando se entra no beco)
	B_Beco 7		X		X	X			X		X				X	X			X	X		X		a descer; vista para a paisagem com a Igreja de Rio de Loba bem destacada
	B_Beco 8		X	X		X			X		X			X			X	X			X	X		larga (27 a 30 m entre as fachadas das casas e lados opostos da rua); casas iguais; ritmo das casas
	C_Beco 1		X	X	X				X		X				X		X	X			X	X		armazém
	C_Beco 2	X					X	X				X					X		X	X			X	desnecessariamente larga
	C_Beco 3			X			X			X	X				X		X	X			X	X		curta; junto à rotunda
	C_Beco 4	X					X	X			X			X		X		X			X		X	em L, muito larga no fim
	C_Beco 5	X					X	X					X		X	X		X			X	X		junto a jardim
	C_Beco 6			X		X				X	X			X		X			X	X		X		junto a jardim
	C_Beco 7			X		X				X	X			X		X			X		X	X		curta; vê-se o movimento da EN 229
	C_Beco 8		X	X		X			X		X				X	X			X				X	a descer; grande massa de árvores no fim; prédios com túnel
	C_Beco 10	X			X			X			X				X		X	X		X			X	em curva (não dá para se ver o fim da rua quando se entra no beco)
	C_Beco 11	X					X		X		X				X		X	X		X			X	longa; ritmo das casas; placa vermelha e branca a indicar o fim
	C_Beco 12	X					X		X			X					X	X			X		X	junto a escola; muro alto de um dos lados
	D_Beco 1	X	X		X				X		X			X		X		X			X		X	grande árvore no meio da rua; junto da pastelaria Loba Doce, que fica no único prédio das redondezas
	D_Beco 2	X			X			X			X			X		X		X		X		X		muito "verde"; a subir; vazia; uma casa no fim, à esquerda
	D_Beco 3	X					X	X				X					X	X			X		X		estreita
	D_Beco 4		X		X				X		X				X	X			X		X			X	a subir; casas iguais
	D_Beco 5	X				X		X			X				X	X			X	X				X	junto a oficina
	D_Beco 6	X					X	X					X		X		X	X		X				X	pinheiros altos no início da rua, um à esquerda e dois à direita; começa a descer a meio da rua
	D_Beco 7	X	X		X				X		X		X	X		X		X			X	X			longa; armazém a meio da rua
	D_Beco 8	X					X		X			X					X	X		X			X		casa em construção no fim; vazia; junto a terreno verde
	D_Beco 9		X			X			X		X				X	X			X	X		X			longa; a subir; casas iguais; ritmo das casas
	D_Beco 10		X				X		X		X				X	X			X	X		X			curta; casas iguais; ritmo das casas
	E_Beco 1			X			X			X	X				X		X		X	X		X			curta; pinheiro manso a rematar o beco; junto a prédio com túnel
	E_Beco 2			X		X				X			X		X	X			X	X		X			muito movimento da EN 16; ligação entre dois becos por estrada de terra; plátano alto a meio da rua
	E_Beco 3		X		X			X			X				X		X		X	X			X		curta; única abertura da urbanização para terreno verde envolvente
	E_Beco 4	X	X			X			X		X				X	X		X		X		X			casas iguais; muitas árvores
	E_Beco 5		X			X			X		X			X		X		X			X		X		casas iguais; muitas árvores
	E_Beco 6	X					X	X					X		X		X	X		X				X		barreiras sonoras da A25; em L; a subir; casas iguais
total	38	22	17	8	13	11	16	12	21	5	29	4	6	13	21	22	16	25	13	24	14	15	23	
becos com continuação	A_Beco 1	X					X		X			X					X	X			X			X	casas só de um lado da rua; poucas árvores, mas densas do outro lado
	A_Beco 2			X		X				X	X					X			X	X		X			a subir; larga
	A_Beco 3			X		X				X			X			X			X	X		X			prédios só de um lado da rua
	B_Beco 1		X			X			X		X						X	X		X			X		a subir; casas só de um lado da rua
	B_Beco 2	X					X		X				X				X	X		X			X		estreita; com grande desnível de um lado da rua para o outro; dá para se ver a paisagem
	B_Beco 3	X					X	X					X			X		X		X			X		junto ao Fontelo e Quinta Agrária
	B_Beco 4	X					X		X			X					X	X		X			X		muitas árvores; portal de árvores
	B_Beco 5	X	X			X			X				X			X			X	X			X		muito larga; casas só de um lado da rua
	C_Beco 1	X					X	X				X					X	X		X			X		entra-se junto à estátua da Loba de Rio de Loba; longa; sinuosa; a subir
	C_Beco 2	X					X	X				X					X	X		X			X		estreita; eucaliptos no início da rua; uma casa rosa, uma amarela e uma branca de ferragens vermelhas
	C_Beco outro 2	X					X		X		X						X	X		X			X		curta
	C_Beco outro 4	X			X			X			X						X	X		X			X		curta; larga
	D_Beco 1	X					X		X			X					X		X	X			X		muitas árvores; em curva; a descer
	D_Beco 2	X					X		X			X					X		X	X			X		muitas árvores - no meio de terreno verde; poucas casas; casa amarela; longa
	D_Beco 3	X					X	X				X					X	X		X			X		sinuosa; a subir
	D_Beco 4	X	X				X		X				X				X	X		X		X			estreita no fim; campo de ténis envolto por casas em banda
	E_Beco 1			X		X				X			X				X		X	X		X			larga; prédio só de um lado da rua; muitas árvores à volta
	E_Beco 2		X	X		X			X		X						X		X	X		X			grande massa de árvores no fim da rua; casas brancas iguais de um lado, prédio do outro
	E_Beco 3	X					X		X			X					X	X		X			X		rua em terra e larga
total	19	14	4	4	1	6	12	5	11	3	5	8	6			4	15	12	7	19	0	5	14	
becos de urbanizações	A_Beco 1			X			X					X					X		X		X	X			a subir
	A_Beco 2			X			X					X					X		X	X			X		prédio só de um lado; vista para a paisagem
	A_Beco 3			X		X							X		X	X			X		X	X			pequena escarpa; prédios altos; muito comércio
	A_Beco 4			X			X					X					X		X		X		X		longa; estreita
	A_Beco 8			X			X					X				X			X		X	X			em L; entre canteiros
	A_Beco 9			X			X					X				X			X		X	X			em L; entre canteiros
	A_Beco 10			X			X					X				X		X			X	X			a subir; com um jardim com dois bancos
	B_Beco 1			X		X					X			X		X			X		X	X			ligação por escadas entre dois extremos de Gumirães
	B_Beco 2			X			X					X					X		X	X			X		prédio só de um lado; grande massa de árvores à volta
	B_Beco 3			X			X						X		X	X			X		X	X			em L; vê-se a Serra do Caramulo no enfiamento da rua; junto a jardim
	C_Beco 1			X	X	X							X		X	X			X		X	X			entrada pelo túnel que atravessa o piso térreo do prédio; movimento da EN 229; árvore no fim da rua
	C_Beco 2			X	X		X					X				X			X		X	X			junto a campo de jogos; envolta por prédios; entrada pelos túneis nos pisos térreos dos prédios; a descer
	C_Beco 3			X			X						X	X		X			X	X		X			junto a campo de jogos; envolta por prédios; entrada pelos túneis nos pisos térreos dos prédios; a descer
	C_Beco 4			X			X					X				X			X		X	X			larga; com árvores altas no início; em L
	E_Beco 3		X		X				X		X			X		X			X	X		X			a descer; casas iguais; ritmo das casas
total	15	0	1	14	3	3	11	0	1	0	2	9	4	3	3	11	4	1	14	4	11	12	3	
becos de excepção	A_Beco 1			X	X	X				X	X			X		X			X		X	X			entrada da Escola Básica de Santa Eugénia
	B_Beco 1	X		X			X		X		X			X			X	X			X		X		curta; com "miradouro"; ligação por escadas entre dois extremos de Gumirães
	B_Beco 2			X			X	X					X		X		X	X			X		X		a descer; estreita; em cubos de granito; escada no fim
	B_Beco 3	X	X				X		X			X					X		X	X			X		estreita
	B_Beco 4	X	X		X				X		X		X		X	X		X		X			X		em L; uma parte da rua é muito mais estreita e inclinada que a outra parte
	C_Beco 1	X					X	X				X					X	X			X	X			a SUBIR; cruz da Capela de Santa Bárbara no enfiamento visual das escadas no topo da rua
	C_Beco 2																								terrenos públicos com hortas
	C_Beco 3	X					X		X			X					X	X		X				X	estreita; sinuosa
total	8	5	2	3	2	1	5	2	4	1	3	3	2	2	2	2	5	5	2	3	4	2	5	
TOTAL	80	41	24	29	19	21	44	19	37	9	39	24	18	18	26	39	40	43	36	50	29	34	45	

Guião de perguntas

Sobre as ruas:

Usos

1 - Como usa a sua rua/que actividades faz na sua rua? Que actividades já viu ou costuma ver a acontecerem na sua rua?

2 - Passam forasteiros na sua rua?

Com que frequência? A pandemia (ou qualquer outro evento) alterou essa passagem de forasteiros?

Imagem da rua

3 - Tem alguma memória especial desta rua?

4 - O facto da rua ser interrompida, não haver continuação: como é viver nesta rua sem saída / como se sente / ... – deve derivar da conversa, como já tem sido

Sobre os Subúrbios/Rio de Loba

Usos

5 - Costuma passear por Rio de Loba? Faz percursos a pé ou de bicicleta em Rio de Loba?

O espaço público existente possibilita que se ande a pé pelos bairros? É fácil andar a pé por Rio de Loba?

6 - Como usa os terrenos desocupados/que actividades faz neles? Que actividades já viu a serem feitas nesses terrenos?

7 - Com a Pandemia, passou a usar mais ou menos o espaço público de Rio de Loba? E de Viseu?

Imagem dos Subúrbios

8 - Tem pontos de referência em Rio de Loba para se orientar?

O que é que marca esses pontos, o que é que os distingue?

9 - Como descreve o espaço público de Rio de Loba? – para gerar uma conversa mais alargada sobre o espaço público

10 - Reconhece limites estre as diferentes zonas de Rio de Loba? Ou é tudo uma paisagem homogénea?

Que limites são esses?

11 - Tem algum espaço em Rio de Loba que goste particularmente?

0 - Trabalha? Idade? Profissão?

Testemunhos Rio de Loba

B_Beco finito 4
Carlos Alberto

(vive casa pequena) R. Maria José Figueiredo e Silva, última casa à esquerda (23/11/21 – 3ª feira 09:55-10:05)
- Vive sozinho e praticamente não sai de casa (teve um AVC), vive da pouca reforma que recebe; diz que o carro dele já está parado há ano e meio; contrata senhora para tratar da casa e limpar as folhas da árvore dele que caem no passeio (ver nas fotos).
- Diz que as pessoas de vez em quando saltam por cima do muro no fim do beco para irem dar ao beco imediatamente do outro lado do terreno de eucaliptos (Beco finito 5) e diz que fazia todo o sentido que houvesse uma ligação entre essas duas ruas, podia ser só pedonal; em Maio, nas festas de Gumirães, imensa gente salta pelo muro – gente mais nova, miúdos, que as "senhoras" não conseguem, têm de ir à volta para ir até Rio de Loba e para isso, passam pela estrada principal (Rua António Augusto Ferreira) muito movimentada e sem passeios.
- Na casa em frente vive um professor da escola primária de Gumirães, a cerca de 300m de distância; "tem a vida feita, nem precisa de carro"
- "Aqui tinha um caminho. Não sei qual foi a ideia de fecharem isto. Porque para o pessoal faz diferença. Vêm de cima, mesmo até crianças, por exemplo, à escola ali para baixo têm de ir por ali além. (...) Porque é que não há aqui uma passagem?"
- "Um dia alguém se vai aleijar (...) a pular o muro. (...) Já os cheguei a ver até de bicicleta (...) a passarem a bicicleta por cima."

B_Beco finito 6
José Alberto (1ª vez)

(curioso com o que eu estava a fazer) Bairro Quinta das Lameiras, 51 (23/11/21 – 3ª feira 12:00-12:10)
- desta vez a pergunta que o José me fez era se estava lá por causa dos esgotos, que têm falhado no escoamento da água da chuva.
- Mudou-se para o beco faz 30 anos (início dos anos 90, ver mapas do Jorge de Geografia da FLUP).
- Escolheu aquele sítio porque era calmo, sem trânsito. Assim os miúdos podiam brincar à vontade. Nem perguntei sobre isto, ele é que me disse. Quando lhe perguntei se ainda havia muitos miúdos pela rua a brincarem, disse que já não, só se forem os netos, que o pessoal do bairro já está mais envelhecido. Gosta do ambiente da rua, porque as pessoas conhecem-se. Quem vira para esta rua ou é morador ou se perdeu (ou veio em trabalho, para arranjar alguma coisa).
- Perguntei se costuma passear por ali e disse que sim, apontando para o jardim do círculo.
- O factor principal para ter escolhido aquela rua foi o reduzido trânsito automóvel, para que os miúdos pudessem brincar mais à vontade.
- "Se estivermos ali naquela rua além, estão sempre a passar carros"

- “Ou é alguém que vem para cá para fazer algum trabalho, ou mora cá, ou é alguém que se engana”
- Agora já não há tantos miúdos a brincarem. “Agora só se forem netos” – já é uma população mais envelhecida.
- “A gente praticamente conhece-se todos”

B_Beco finito 8
Joaquim Escada

(Rua Antero de Quental, 16; 10/01/22 – 2ª feira, à tarde)
- disse que há muitos moradores nesta rua (“à noite não sobram lugares de estacionamento”)
1 – costuma ver miúdos a brincar e a andar de bicicleta. Quando vêm os seus netos, costumam brincar na rua. Lembra de um miúdo que vive na rua e que tem uma pequena mota e vai fazendo cavalinhos de um lado ao outro do beco. Também disse que há uns tempos viu a Ariana a fazer “piscinas” na rua, a treinar para alguma coisa.
- Antes também havia muito movimento por causa do restaurante que ali havia (Companhia da Cerveja ou assim).
- Falámos muito sobre o Marta e a Ariana. Conhece-os bem e sabe bem se costumam andar pela rua e a fazer o quê.
- Quando comecei a falar com ele, estava a alongar; não sei se teria acabado de correr ou se estava a fazer ginástica.

C_Beco excepção 2 (c/cont)
Lino Lopes Almeida

(simpático, na reserva da GNR), Av. Fundadores 23B (25/11/21 – 5ª feira 11:45-11:50)
- vive na última casa à esquerda e tem a sua própria horta, onde estava a trabalhar; viu-me a chegar ao beco quando saiu para despejar restos da horta no lixo do outro lado da avenida e voltou a ver-me já com o tripé em pé quando voltou de balde vazio. Perguntou-me o que eu estava a fazer, falei-lhe do espaço público e ruas sem saída.
- Ao mencionar o espaço público, disse-me que os terrenos que começavam mal acabava o alcatrão pertencem à junta. As pessoas pediram à junta para poder usar esses terrenos para umas hortas e a junta deixou, pelo menos enquanto não faz nada nesse espaço.
- Disse-me que para esse terreno está planeada uma unidade de saúde, que a rua devia continuar em frente até uma rotunda e que depois ligava a outra rua.

Ana Maria

(simpática, a sua linguagem é feita de mitos e de diz-que-disse's), Av. Fundadores, 25(A ou B, não sei) (25/11/21 – 5ª feira 12:00-12:10)
- vive no edifício oposto ao do Almeida, que são quatro casas, duas no R/C e duas no 1º piso (ela vive numa delas);
- Veio buscar uma couve à sua horta (estou a supor que era sua).
- Mal a Câmara limpou o terreno, as pessoas aproveitaram e fizeram as hortas, sendo que acho que são eles agora a tratar da limpeza, pelas histórias da Ana Maria.
- Fala de histórias de vizinhos, parece ter grande proximidade com eles. Falou da limpeza daqueles terrenos e de como uma das vizinhas andou lá com o herbicida para que aquilo deixasse de ser só silvas, matilhas de cães e cobras.

D_Beco c/cont 2
Fátima Fonseca

(simpática, fala muito, Rua Carreiro 113-115; 11/11/21 (5ªfeira, pôr do sol, 16:00-17:30)
- Com a pandemia, muita gente passa pela rua para seguir pelos caminhos pedonais no meio da floresta (pelos dois caminhos), coisa que não acontecia antes da pandemia; um dos caminhos pedonais leva para Sul, até Póvoa de Sobrinhos.
- Vive na casa de tipologia laranja desse beco (ver mapa zona D) e ao lado dela, na casa de tipologia amarela, vive a tia; a família tem mais lotes ao lado (pelo menos mais um), mas já não conseguiram construir lá; mencionou que gostava de ter a casa da filha ao lado.
- Os terrenos opostos têm dono, mas ele deixa o marido de Fátima usá-lo para lá deixar os materiais de construção (marido trabalha na construção civil).
- Estima o sossego da rua ("o melhor sítio de Rio de Loba"), o facto de poder usufruir dos terrenos florestais à sua volta quando quiser e a facilidade de acesso à cidade com o carro.
- Diz que há mais gente a rondar os terrenos à volta, mas não disse desde quando.
- Mencionou que estava planeada uma estrada passar mesmo ao lado de sua casa e questionou-me se a sua casa já estava em solo urbano. Efectivamente, está planeada no PDM passar ali a última circular antes da IP5 (2ª circular) que a CMV quer fazer, com uma rotunda 200m a Norte da habitação. Além disso, a habitação encontra-se em Espaço Florestal de Conservação.
- Outra coisa que a Fátima tinha dito: quando disse que estava a estudar os becos de Rio de Loba, ficou ligeiramente insultada por eu chamar aquela via de um "beco".
- "Este terreno que está aqui podia ser uma construção. A minha filha, que tu viste agora. Imagina, um dia, a gente gostava de ter os filhos aqui à beira. Mas só nós! O que não é possível."
- "Porque não é normal [vir] pessoal de fora, então tu tens mais atenção às coisas. Mais um carro que chega, tu vês."
- Fátima disse que o caminho vai até à Barbeita ou até a Póvoa de Sobrinhos.

D_Beco finito 6
Sr. Filipe e Sr. Carlos (neto e avô)

(06/01/22 (5ª feira) 15:10 – 15:35)
PERGUNTAS PLANEADAS:
5 - vão passear até à junta de freguesia; Agora, nesta altura festiva aproveitam para ir passear com todos os cuidados possíveis (de máscara);
5 - quando perguntei se os passeios existentes ajudavam (possibilitavam) a passear, Filipe respondeu que de vez em quando não tem passeio, mas que não estavam mal servidos; pareceu-me algo surpreendido pela pergunta, como se a existência ou não de passeios nunca se tivesse revelado um problema sério ou que tenha sequer pensado nisso.

D_Beco finito 3
Urbano Nascimento Almeida e amigo António

Urbano: esquina da R. do Freixal com a R. Gestal (curioso, simpático Sr. António (amigo do Urbano); António: vive nesta urbanização/quinta; (05/01/22 (4ª feira) 10:15 – 11:00)
- Urbano ficou curioso se eu estava a fazer algum levantamento; disse-me que foi ele que loteou a sua quinta nesta urbanização toda (os becos 3, 4 e 5 mais as duas casas junto da rua principal);
PERGUNTAS PLANEADAS:
0 - Trabalhou em Abraveses (Viseu) durante 25 anos, junto da actual vereadora da Câmara);
1 - A rua é pouco usada, só as pessoas que aqui vivem é que a usam para aceder às garagens ou fazer inversão de marcha; à 2ª e 5ª feiras o beco enche de gente porque há uma associação "espiritual" na casa no fim do beco e as pessoas juntam-se aí (cheguei a falar com o senhor dessa casa por uns momentos, mas não apanhei o nome dessa associação; ele não era o dono, mas fazia parte dela);
1 - passou um senhor que parou para ficar a falar com o sr. Urbano, o sr. António; ouvi-o a dizer que veio passear; Já antes o tinha visto a dar indicações a uma senhora de carro; a mulher do sr. Urbano saiu de casa para entregar ao sr. António um saco com alimentos para ele levar para casa e voltou logo para dentro;
5 – Sr. António diz que não passeia por Rio de Loba; ele vive já aqui na quinta do Urbano e veio falar com ele (durante uma boa meia hora; quando saí de lá ainda lá estava);
- Urbano disse que alcatroou o Beco 3 em conjunto (a meias) com a Junta; também pagou pelo alcatroamento;
- Falou sobre estar planeada uma ligação com os becos 6 ou 7 ou 8 e disse que havia de ir dar junto à casa em construção entre o fim dos becos 7 e 8; "está planeada uma ligação, mas para quando, não é?"

E_Beco c/cont 3
José Alberto (2ª vez)

(29/11/21 – 2ª feira, 11:35)
- O senhor José Alberto, do Beco finito 6 da Zona B, também tem um terreno no final deste beco. Reconheceu-me (nem o reconheci à primeira, porque quando falámos junto a sua casa ele estava de máscara) e perguntou-me se eu estava a fazer o levantamento da freguesia toda.
- Pelos vistos, a continuação deste beco é uma serventia pelo terreno dele (e da mulher). Até à última casa é um caminho público e a partir daí passa a ser privado, se bem que ele possibilita o seu atravessamento.

D_Beco c/cont 3
Sr. Daniel e Sr. Carlos

(Rua do Corgo, 13 e 24, respectivamente), extremamente simpáticos e faladores (10/01/22 (2ª feira) – manhã)
- Novamente curiosos com o que eu andava a filmar;
- Comecei a falar com o Sr. Daniel e ele chamou o Sr. Carlos que vive na casa mesmo em frente à dele, do lado oposto da rua;
0 – Daniel é motorista da rodoviária (principalmente para Lisboa) e Carlos já é reformado (tem 70 anos); Daniel mudou-se para a sua casa em 2000 e Carlos desde que nasceu que vive ali – "Era uma casa antiga. Agora já foi recuperada (+- 3)"; Foi o pai de Carlos que loteou a sua quinta, a Quinta do Corgo.
2 – Passam por ali pessoas a passear a pé e de bicicleta. Antigamente aquela rua já tinha sido só um caminho de terra, quando construíram ali as suas casas (+- 3);
10 – Perguntei se reconheciam os limites de Viseu. Carlos disse que não, mas que onde estávamos era Viseu, sem dúvida. Já Daniel disse que Viseu começava junto ao matadouro, na N229 porque era aí que estava a placa a dizer "Viseu". Quando eu lhe perguntei o que é que ele achava que era Viseu, sem ser pelas placas, não sabia bem dizer. Falou das aldeias à volta de Viseu e considerava-as Viseu.
1 – Quanto aos usos da sua rua, não se lembram de nada de mais. Vê-se que falam bastante um com o outro. Disseram-me que costumam falar mais próximos, mas que agora com o covid falam de um quintal para o outro.
5 – Daniel não costuma passear por Rio de Loba, que está sempre a trabalhar (a conduzir; à segunda tem folga). Já Carlos disse que tinha acabado de chegar a casa vindo do passeio que deu com a mulher pelo caminho de terra até junto da Quinta de África (aquela quinta enorme com duas casas). Falou-me que os caminhos iam dar até à Barbeita, que fica já para lá da IP5, algo longe a pé. Impressionante, caso faça esse passeio até lá.
- Testemunho semelhante ao de Fátima Fonseca, do Beco c/cont 2: É uma maravilha viver ali, numa calma absoluta, a 4 km do centro, "um céu". "Olha mas não fales muito disto, que assim fica mais calmo, que é para as pessoas não descobrirem este sítio e virem para cá" ("se bem que também já não têm lotes que comprar, que o último foi vendido ali mais acima na rua, à direita")
- Estivemos imenso tempo a falar sobre Viseu, sobre os seus presidentes e vice-presidentes da câmara, sobre as últimas eleições, os transportes públicos que

estavam mal planeados segundo Daniel. Daniel falava muito. Se não o interrompesse, ficávamos ali os três a falar durante muito tempo.
- Tirei-lhes uma fotografia a falarem um com o outro, de um quintal para o outro.

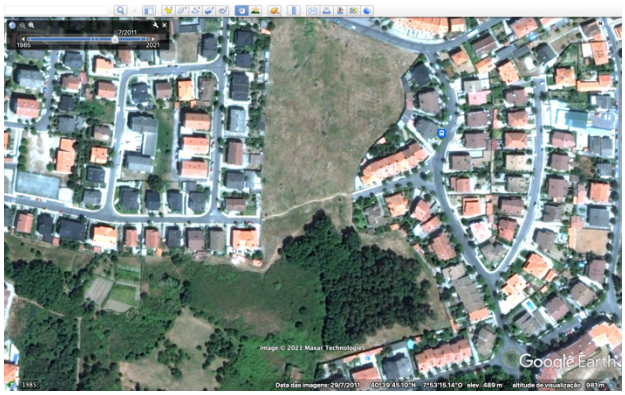
António Bispo

(última casa da rua)
- "este caminho divide Rio de Loba de Póvoa de Sobrinhos"
- Disse que a Quinta do Corgo era do Sr. Carlos ou do pai que a dividiu pelos seus herdeiros.
- Antigamente, esta rua era só em terra (mudou-se para ali em 1979)
1 – Quando lá ia a família de França havia muita diversão na rua (se bem que não me disse exactamente o quê, se bem que eu não perguntei, que queria tirar fotos enquanto havia nuvens)

- Parecem conhecer-se todos minimamente bem. Carlos e Daniel cumprimentaram um senhor a passar de carro, vindo do beco e António também sabia que tinha sido o pai de Carlos a lotear a sua quinta e a dividir pelos seus filhos.
- Tanto António como Carlos me falaram de França e Daniel disse que já esteve uns tempos na Suíça.

Guilherme Marta

Sobre o B_Becos finitos 4 e 5:
- Disse-me que antes havia uma passagem entre o Beco 4 e o Beco 5, atravessando o terreno. A escola do Marta era a Escola Básica de Gumirães (1º ciclo) e ele vive no Beco 8, pelo que conhece esta zona bastante bem. Falou-me deste caminho e disse que devia existir há pelo menos 9 anos, quando se recordou de ter 14 anos (hoje tem 23) e ainda ir visitar um amigo seu que vivia na primeira linha de casas na parte Nascente de Gumirães (Rua das Lameiras), mesmo junto ao Beco 4. Com efeito, no Google Earth, em 2011, ainda dá para ver esse caminho entre os dois becos:





Sobre o D_Beco finito 1:
- o Marta disse-me que costumava ir brincar com os amigos para este beco porque o infantário era lá perto, junto ao campo de futebol de relva sintética (na altura não devia ser assim - perguntar). Hoje não sei se ainda se mantém um infantário naquele edifício. No Google só aparece uma associação desportiva. Ele lembrou-se que nesse beco havia uma árvore enorme no meio, que ainda lá está. O Marta ficou com uma imagem forte dessa árvore, já que foi o elemento que mencionou para descrever esse beco.

Sobre o D_Beco c/cont 4:
- o Marta falou sobre um campo de ténis onde costuma jogar que ficava num dos becos. Ia para esse campo quando o campo junto do seu antigo infantário estava ocupado. Não tinha a certeza em qual dos becos era, mas disse que tinha casas à volta do campo. Com essa informação, sugeri que talvez fosse no Beco c/cont 4, já que lá se encontra um conjunto de casas em banda em U, pelo que daria uma sensação de envolvência mais forte do que as casas isoladas dos outros becos mais à frente, que estariam mais longe e mais dispersas. Com efeito, esse campo de ténis encontra-se realmente no Beco c/cont 4. Tanto ele como a Catarina não tinham ideia de virarem logo na primeira rua para irem para o campo, a partir da casa do Marta no Beco 8 da Zona B, mas a ideia de casas à volta do campo foi um elemento que ficou na memória com mais facilidade.

Sobre o D_Beco finito 2:
- Quando lhe perguntei como é que descobriu aquele local, respondeu-me que já conhecia aquela rua por causa da sua cabeleireira, que ficava mesmo junto deste beco. Depois, pouco antes da pandemia andou com o seu amigo Jorge Rodrigues a

explorar Rio de Loba e descobriu o pequeno jardim que ficava nesse beco. Quando lá voltaram à noite, perceberam que o jardim ficava numa zona sossegada, longe de casas e um bom sítio para convívios.
- Perguntei-lhe porque gostava daquela rua e respondeu-me que não tinha a ver com "gostar". A rua era um bom sítio para convívios porque: o jardim possui mesas e bancos; não está colado a casas, por isso, dá para pôr música; à noite dá para se estar entre a luz dos candeeiros da rua e a sombra do interior do jardim; é relativamente perto de casa.
- Quando perguntei porquê este sítio, respondeu que existem outros, mas estão mais expostos a movimento de carros e não há muita gente a ir para lá.
- Durante o primeiro Verão de pandemia, o Marta fez convívios com os amigos por duas vezes naquele beco. Um desses convívios foi o seu aniversário, onde durante a noite fizeram um churrasco e aproveitaram a inclinação da rua para a descer de skate.
- Por fim, acrescentou que nunca mais voltou a esse beco (desde 2020). Já não passeia em Rio de Loba à noite há muito tempo e só o consegue fazer durante o Verão, quando volta a Viseu durante as férias.

Sobre o Mato de Rio de Loba
- Mais uma vez, o Marta descobriu a clareira no meio do mato ao passear com o Jorge porque este já a conhecia. Já sabia que existia ali uma floresta enorme, mas só se aventurou a explorá-la com o Jorge.
- Gostou daquela clareira porque é afastado de tudo: "o espaço mais discreto que tens em Rio de Loba e é mesmo perto da entrada [da floresta]". Disse que parece um mundo paralelo estar naquela clareira do tamanho de um estádio, sem nada.
- Não fez muitas actividades na clareira a não ser ir para lá à noite com os amigos para ver as estrelas, já que há pouca poluição luminosa.

Jorge Rodrigues levou-nos lá durante a pandemia. Foi o primeiro convívio que fez com amigos desde o início da pandemia e escolheu levar-nos (a mim, ao Daniel e ao Mário) àquela clareira porque era um espaço sem ninguém e onde ainda podíamos estar relativamente afastados uns dos outros.
- durante o trabalho de campo (13 de Novembro de 2021), o Jorge levou-me a outra zona desta floresta, uma longa faixa corta-fogo aberta para a passagem dos cabos de alta tensão. Disse que descobriu aquele local havia três anos e que quando começou a pandemia ia para lá caminhar sozinho.

Inventário dos Usos dos Becos

Todos
- Estacionamento/acesso a garagens
- Inversão de marcha

Zona A (Santa Eugénia/Viso Norte)

Beco finito 3
- Senhora subiu o beco todo para fazer inversão de marcha e voltar a descer até sua casa

Beco finito 4
- Limpar folhas das árvores no chão (não sei quem foi)

Beco urb 4 e 5
- Carga e descarga de lojas (no Beco urb 4 tem uma loja de cerveja belga)

Beco excepção 1
- Escola Básica (de Santa Eugénia)

Zona B (Gumirães/Rio de Loba ESTE)

Beco finito 2
- Pessoas a passear os cães (há umas escadas que fazem a ligação entre o beco e a rua mesmo acima)

Beco finito 4
- Senhora a varrer as folhas da árvore do Carlos Alberto
- Passagem improvisada para os mais jovens, principalmente durante as festas de Gumirães
- Havia um caminho pedonal entre o **Beco finito 4** e o **Beco finito 5**, até há pelo menos 9 anos, que o Marta costumava usar

Beco finito 6
- Miúdos brincavam no beco, quando José Alberto se mudou para a rua

Beco finito 8
- Empresa a tratar de cabos subterrâneos (carrinha estacionada; 3 homens)
- 4 pessoas a conversarem à volta de um carro estacionado
- Miúdos a brincar e andar de bicicleta
- Miúdo com uma mota a fazer cavalinhos
- Ariana Marta a correr “piscinas” na rua, de um lado ao outro, a treinar
- Joaquim Escada a alongar junto ao portão de entrada de sua casa
- Bom local para aprender a conduzir (Ariana)

Beco c/cont 2
- Construção de casas

Beco c/cont 3
- Pessoas a entrarem ou saírem pela passagem do Fontelo

Beco c/cont 5
- Ligação a ruas isoladas de Rio de Loba
- Acesso a terreno em terra com carros estacionados, atrelados e um cavalo preso

Beco urb 1 e beco excepção 1
- Pessoas a subirem/descerem as escadas entre os becos (ligação pedonal entre dois lados de Gumirães)

Beco excepção 4
- Senhora a recolher lenha do terreno desocupado junto à rua estreita
- Limpeza das casas estende-se além da casa, com os portões abertos, até ao carro

Zona C (Travassós de Cima/Rio de Loba NORTE)

Beco finito 5
- Camião a carregar/descarregar
- Carro com matrícula espanhola com as portas abertas e senhores a entrarem e saírem rapidamente de empresa nessa rua (camião também seria para a empresa)

Beco finito 11
- Carrinha de empresa a tratar de alguma coisa na última casa à direita

Beco finito 12
- Carros a estacionar para irem buscar os filhos à Escola Básica Mestre Arnaldo Malho

Beco c/cont 1
- Muitos carros a estacionarem e fazerem inversão de marcha

Beco c/cont 2
- Pai, filho e filha à procura de musgo para o presépio

Beco urb 2 e 3
- Senhor a passear o cão minúsculo e irritante

Beco excepção 2
- Hortas em terreno da câmara/junta (pelo menos 5 hortas)
- Lino Lopes Almeida a ir despejar o lixo da sua horta
- Ana Maria a recolher uma couve da sua horta no terreno público

Zona D (Rio de Loba)

Beco finito 1
- Marta costumavam brincar com os colegas neste beco porque é próximo do antigo infantário
- Senhor sai da casa onde estava a arranjar alguma coisa e foi urinar no canto do beco, atrás da carrinha da sua empresa

Beco finito 2
- Jovens encontram-se aqui (objectos perdidos no chão indicam isso - peças de jogos de tabuleiro, isqueiros)
- Churrasco e convívio (aniversário do Marta em Agosto de 2020)
- Senhor a passear os seus cães
- Preservativos, lenços e luvas usadas no chão do estacionamento vazio

Beco finito 3
- Senhor a circular entre hortas com o carrinho de mão
- Carros a aceder a garagens ou a fazer inversão de marcha
- À 2ª e 5ª feira, reúnem-se pessoas no beco por causa de uma associação espiritual numa das casas
- Sr. António dá indicações a senhora no carro
- Sr. António a passear pára para falar com o Sr. Urbano, junto ao muro entre o quintal e o beco
- Mulher do Sr. Urbano sai de casa para dar um saco de vegetais ao Sr. António

Beco finito 4
- Senhor parou a carrinha junto a uma casa onde ia arranjar alguma coisa

Beco finito 5
- Senhor a passear o cão
- Carros a saírem/entrarem em oficina

Beco finito 6
- Mãe e filha levam o lixo, junto ao início do beco
- Casal a passear na direcção da floresta/cemitério
- Avô e neto (Carlos e Filipe) saem de casa e vão passear até à junta de freguesia
- Senhor passeia às voltas do quarteirão, a contornar o passeio, enquanto espera pela filha nas máquinas de ginástica – dá sempre três voltas, que é o tempo da filha acabar os exercícios

Beco finito 7
- Carrinhas de apoio a construção de casa no fim do beco

Beco finito 8
- Miúda a andar de bicicleta com o pai a ver (vi isto em Março, pré Berlim, antes do trabalho de campo)
- Senhor e senhora a falarem junto ao portão de entrada de uma casa
- Família junto à entrada de uma das casas no fundo do beco

Beco c/cont 2
- Pessoas a passarem na rua para passearem pelos caminhos pedonais dos terrenos desocupados
- Dono do terreno oposto à casa de Fátima Fonseca deixa o marido dela deixar lá materiais de construção (marido trabalha na construção civil)
- "Posso ir mijar para o mato, se quiser"
- Duas pessoas de mota entram para dentro da floresta

Beco c/cont 3
- Senhores Daniel e Carlos falam um com o outro a partir do quintal das suas casas, em lados opostos da rua; antes do covid falavam junto ao muro de uma das casas
- Passam pessoas a pé e de bicicleta

Beco c/cont 4
- Campo de ténis no interior do conjunto em U de casas em banda, para onde o Marta costuma ir jogar

Zona E (Rio de Loba SUL/Póvoa de Sobrinhos)

Beco finito 5
- miúdos a jogarem futebol (vi isto em Março, pré Berlim, antes do trabalho de campo)

Beco c/cont 1 e 2
- Pessoas a passear os cães
- Alguém dentro de uma carrinha está à espera de uma senhora que saiu, foi deitar fora o lixo e entrou na carrinha

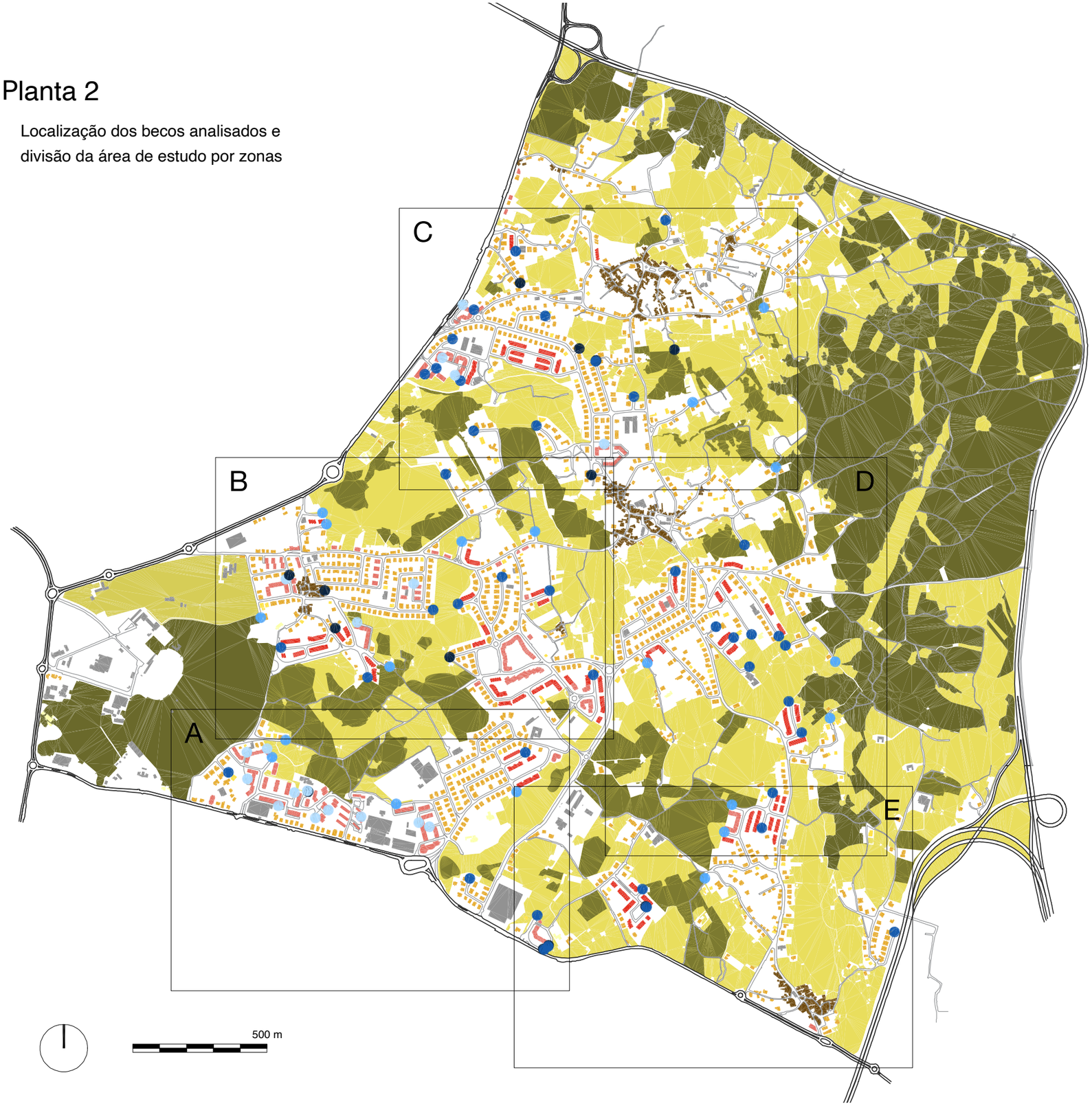
Beco c/cont 3
- José Alberto e mulher saem do seu terreno, de carro

Beco excepção 1
- Carrinhas de remodelações (são muito visíveis porque não há movimento nenhum)
- Carrinha do correio

Cartografia desenhada

Planta 2

Localização dos becos analisados e divisão da área de estudo por zonas



Zonas

- A — Santa Eugénia I Viso Norte
- B — Gumirães I Rio de Loba OESTE
- C — Travassós de Cima I Rio de Loba NORTE
- D — Rio de Loba
- E — Rio de Loba SUL I Póvoa de Sobrinhos

Edificado

- Moradias em banda
- Edifícios plurifamiliares (4 ou mais pisos)
- Moradias isoladas ou geminadas (2 a 3 pisos)
- Moradias isoladas ou geminadas (1 piso)
- Quintas
- Frente antiga e densa
- Outros

Terrenos verdes

- Pouca densidade de árvores
- Muita densidade de árvores
- Fontelo / Floresta de Rio de Loba

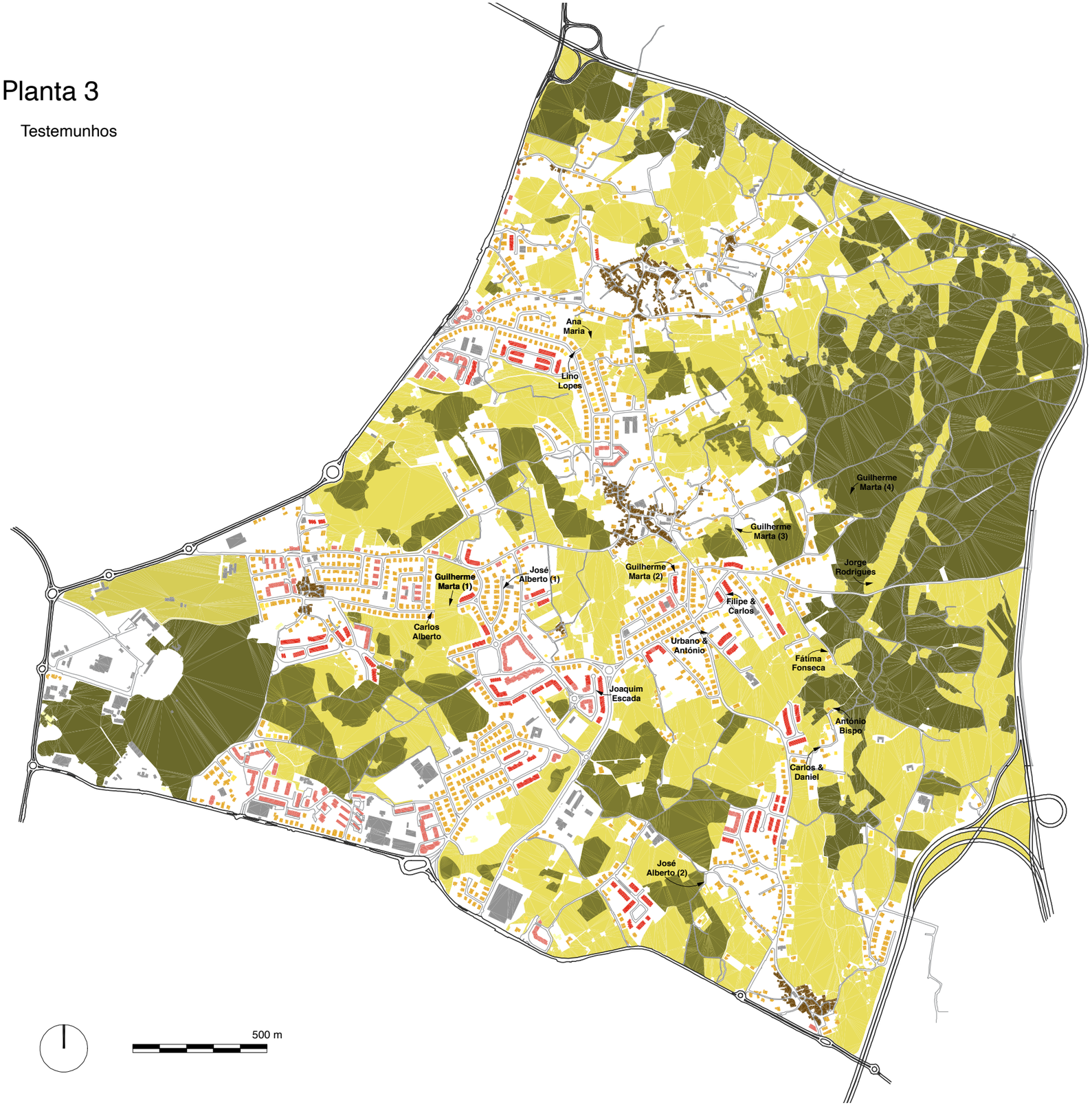
Ruas sem saída

- Becos finitos
- Becos com continuação
- Becos de urbanizações
- Becos de excepção

Fonte: Elaboração do autor a partir das plantas cedidas pela Câmara Municipal de Viseu.

Planta 3

Testemunhos



Edificado

- Moradias em banda
- Edifícios plurifamiliares (4 ou mais pisos)
- Moradias isoladas ou geminadas (2 a 3 pisos)
- Moradias isoladas ou geminadas (1 piso)
- Quintas
- Frente antiga e densa
- Outros

Terrenos verdes

- Pouca densidade de árvores
- Muita densidade de árvores
- Fontelo / Floresta de Rio de Loba

Fonte: Elaboração do autor a partir das plantas cedidas pela Câmara Municipal de Viseu.

Planta 4

Mancha dos terrenos verdes com parede contínua de edifícios



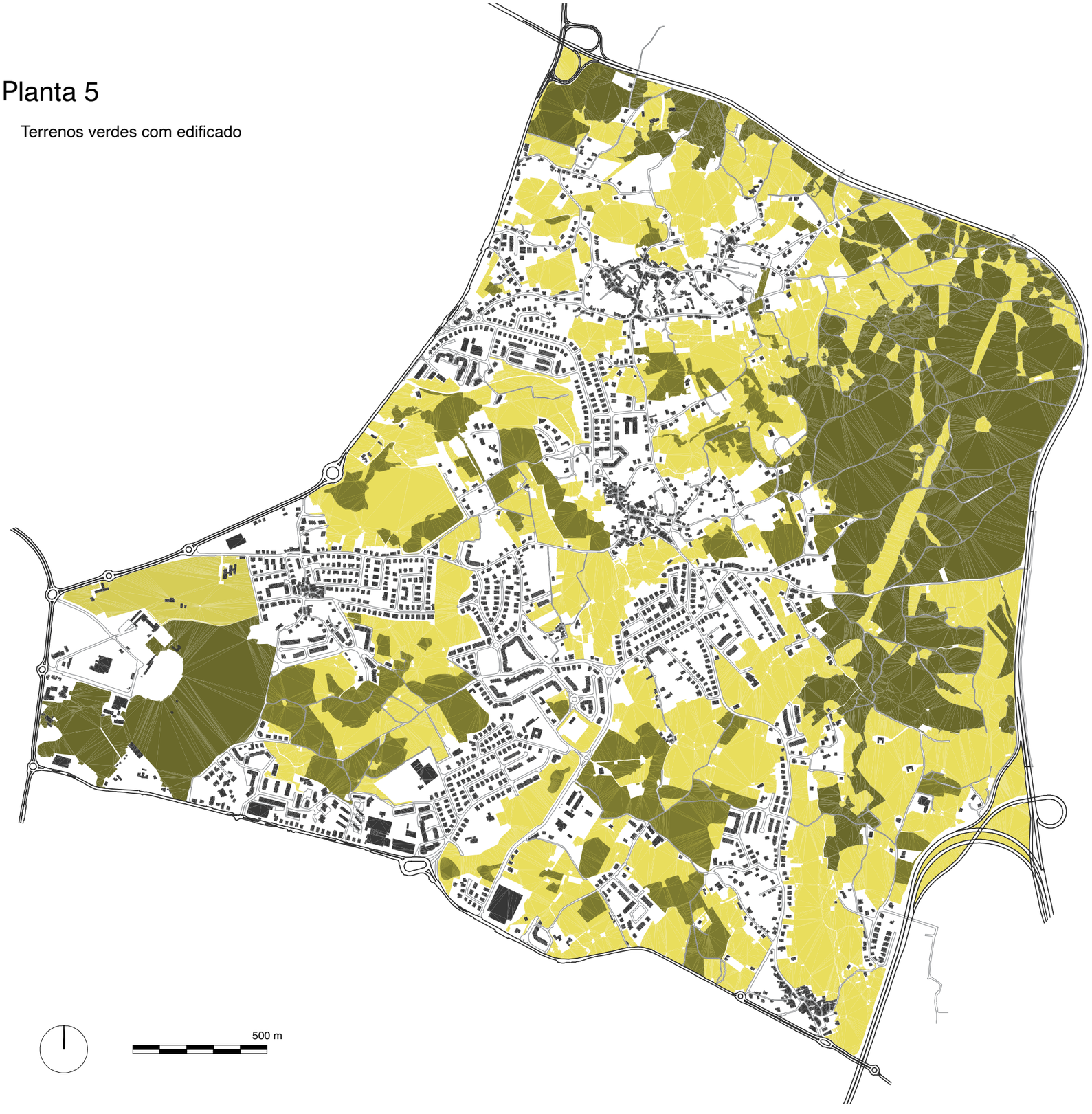
Terrenos verdes

Parede contínua de casas

Fonte: Elaboração do autor a partir das plantas cedidas pela Câmara Municipal de Viseu.

Planta 5

Terrenos verdes com edificado

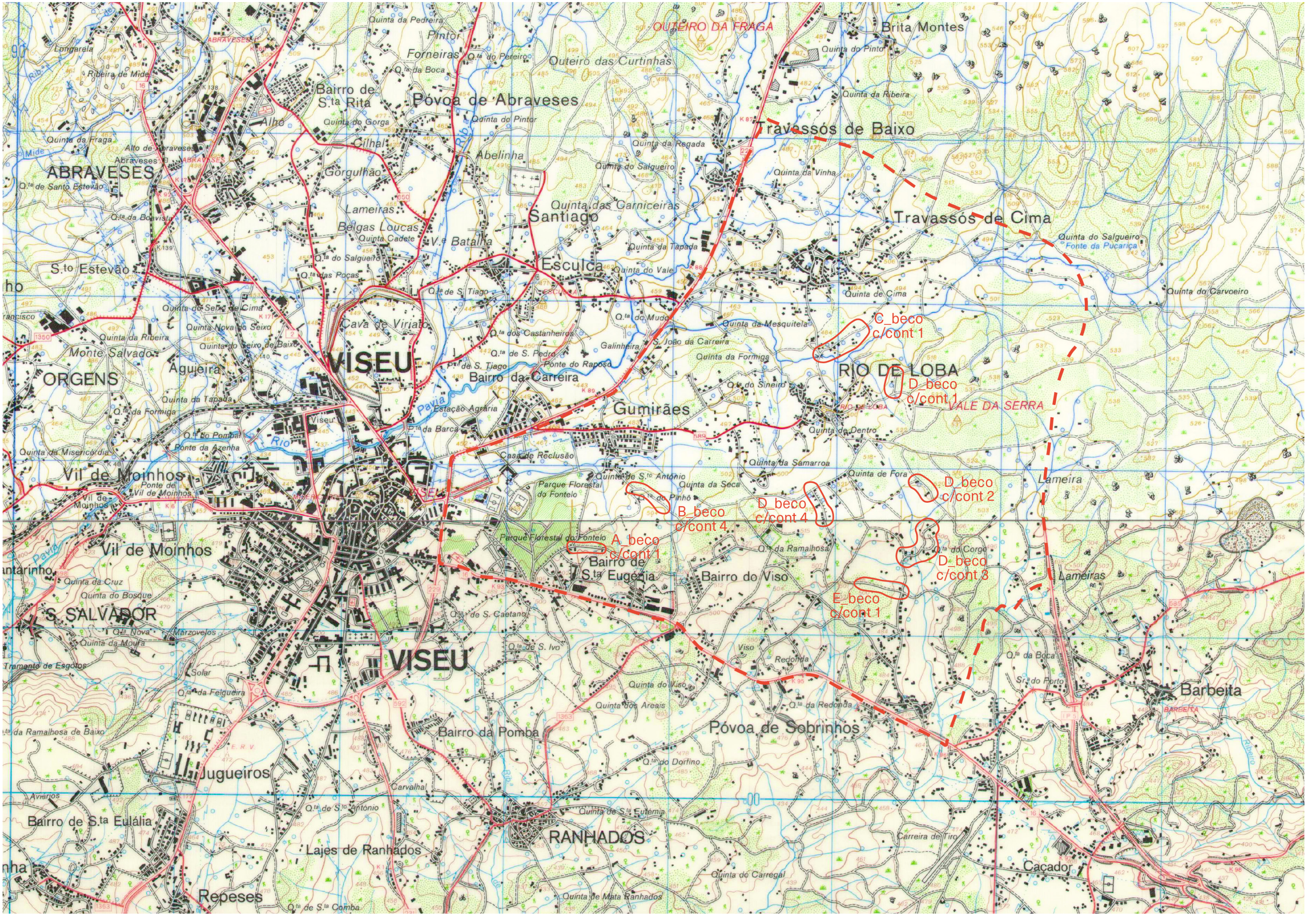


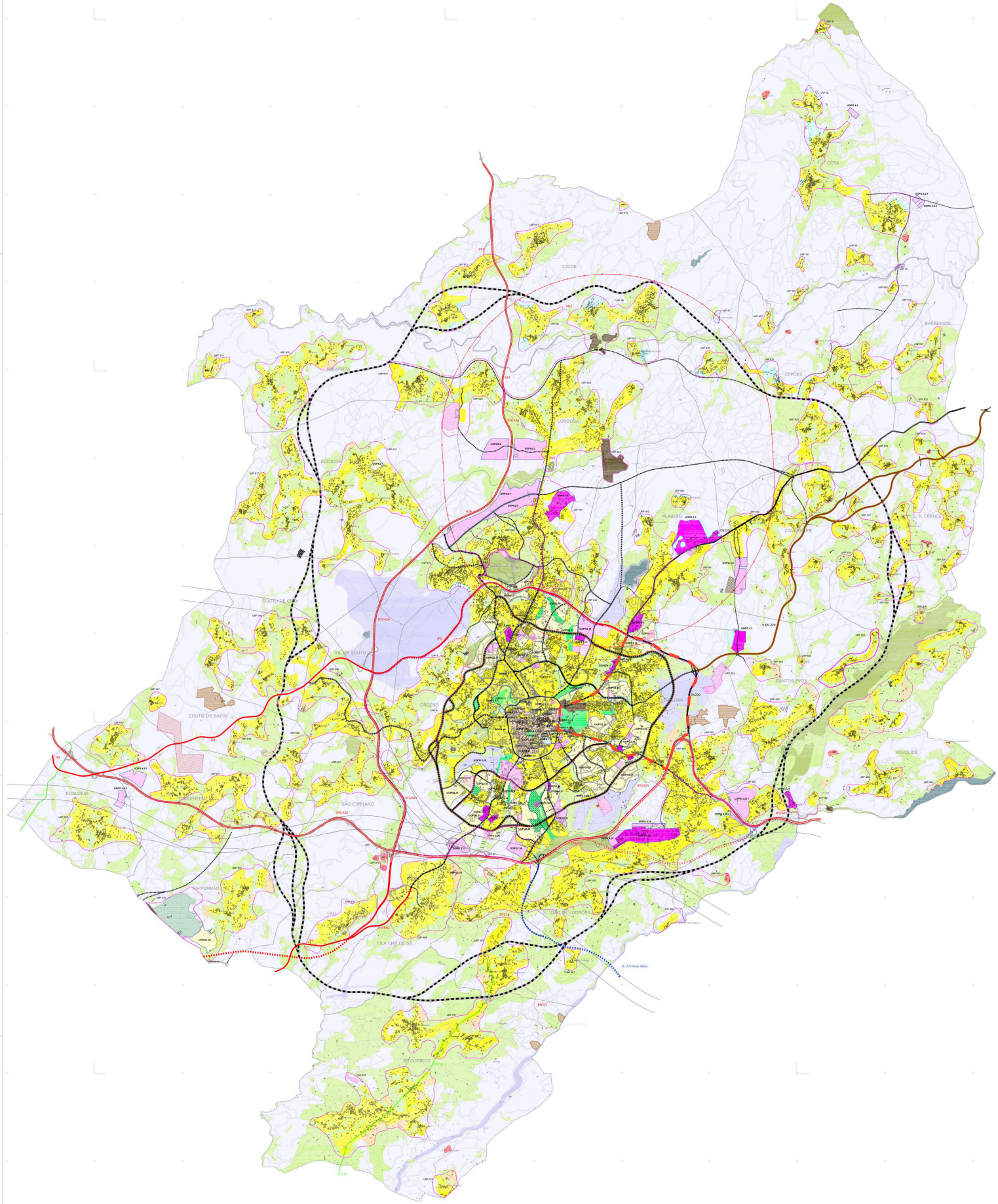
Terrenos verdes

- Pouca densidade de árvores
- Muita densidade de árvores
- Fontelo / Floresta de Rio de Loba

Fonte: Elaboração do autor a partir das plantas cedidas pela Câmara Municipal de Viseu.

Cartografia auxiliar


OUTEIRO DA FRAGA
Brita Montes
Quinta do Pintor
Quinta da Ribeira
Travassós de Baixo
Quinta da Vinha
Travassós de Cima
Quinta do Salgueiro
Fonte da Pucarica
Quinta do Carvoeiro
Quinta de Cima
C_beco c/cont 1
D_beco c/cont 1
RIO DE LOBA
VALE DA SERRA
Quinta de Dentro
Quinta da Mesquitela
Quinta da Formiga
Quinta do Vale
Quinta da Tapada
Quinta da Regada
Quinta do Salgueiro
Quinta das Garniceiras
Santiago
Esculca
Outeiro das Curtinhas
Quinta da Pedreira
Pintor
Forneiras
Q.ta do Pereiro
Q.ta da Boca
Povoa de Abraveses
Bairro de S.ta Rita
Quinta do Gorga
Quinta do Pintor
Abelinha
Alho
Cilhal
Gorgulhão
Lameiras
Belgas Loucas
Quinta Cadete
V.e Batalha
Q.ta do Salgueiro
Q.ta das Poças
Q.ta de S. Tiago
ABRAVESES
Quinta da Fraga
Alto de Abraveses
Abraveses
Q.ta de Santo Estevão
Q.ta da Boavista
S.to Estevão
Longarela
Ribeira de Mide
Quinta da Ribeira
Quinta do Seixo de Cima
Quinta Nova do Seixo
Quinta do Seixo de Baixo
Monte Salvado
ORGENS
Agueira
Cava de Viriato
VISEU
Bairro da Carreira
Q.ta dos Castanheiros
Q.ta de S. Pedro
Ponte do Raposo
Galinheira
S. João da Carreira
Quinta da Formiga
Q.ta do Sineiro
RIO DE LOBA
Gumirães
Estação Agraria
P.ta da Barca
Quinta da Tapada
Q.ta da Formiga
Q.ta do Pombal
Ponte da Azenha
Quinta da Misericórdia
Vil de Moinhos
Ponte de Vil de Moinhos
Casa de Reclusão
Quinta de S.to António
Quinta da Samarroa
Quinta da Seca
Quinta de Fora
Parque Florestal do Fontelo
Q.ta do Pinhô
B_beco c/cont 4
D_beco c/cont 4
D_beco c/cont 2
D_beco c/cont 3
A_beco c/cont 1
E_beco c/cont 1
Lameira
Lameiras
Q.ta do Corgo
Q.ta da Ramalhosa
Bairro de S.ta Eugénia
Bairro do Viso
Q.ta da Boca
Sr.ª do Porto
Barbeita
Viso
Redonda
Q.ta da Redonda
Quinta do Viso
Quinta dos Areais
Póvoa de Sobrinhos
Bairro da Pomba
Q.ta do Dorfino
Q.ta de S. Caetano
Q.ta de S. Ivo
S. SALVADOR
Q.ta Nova
Marzovelos
Quinta da Moura
Quinta da Cruz
Quinta do Bosque
Tramento de Esgotos
Solar
Q.ta da Felgueira
Q.ta da Ramalhosa de Baixo
Jugueiros
Avieiros
Carvalhal
Bairro de S.ta Eulália
Q.ta de S.to António
Quinta de S.ta Eufémia
RANHADOS
Lajes de Ranhados
Repeses
Q.ta de S.ta Comba
Quinta do Carregal
Quinta de Mata Ranhados
Carreira de Tiro
Caçador
Pavia
Rio
Ribeiro



LEGENDA

SOLO URBANO

SOLO URBANIZADO:

SOLO URBANIZÁVEL:

SOLO RURAL

SOLO RURAL:

OUTRAS CATEGORIAS DO SOLO RURAL:

ESPAÇOS CANAIS:

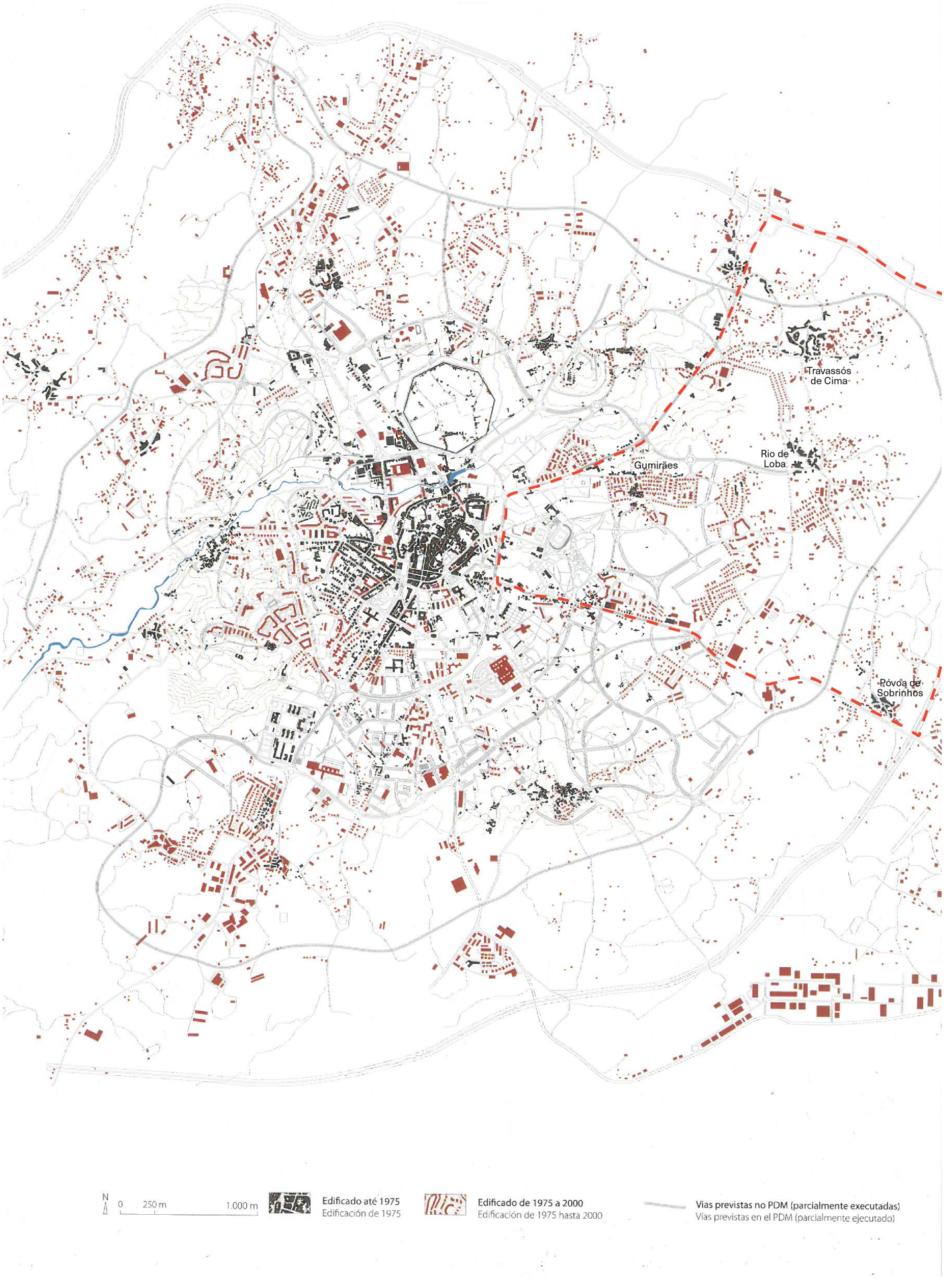
PLANTA DE ORDENAMENTO
Classificação e Qualificação do Solo

Nº 02

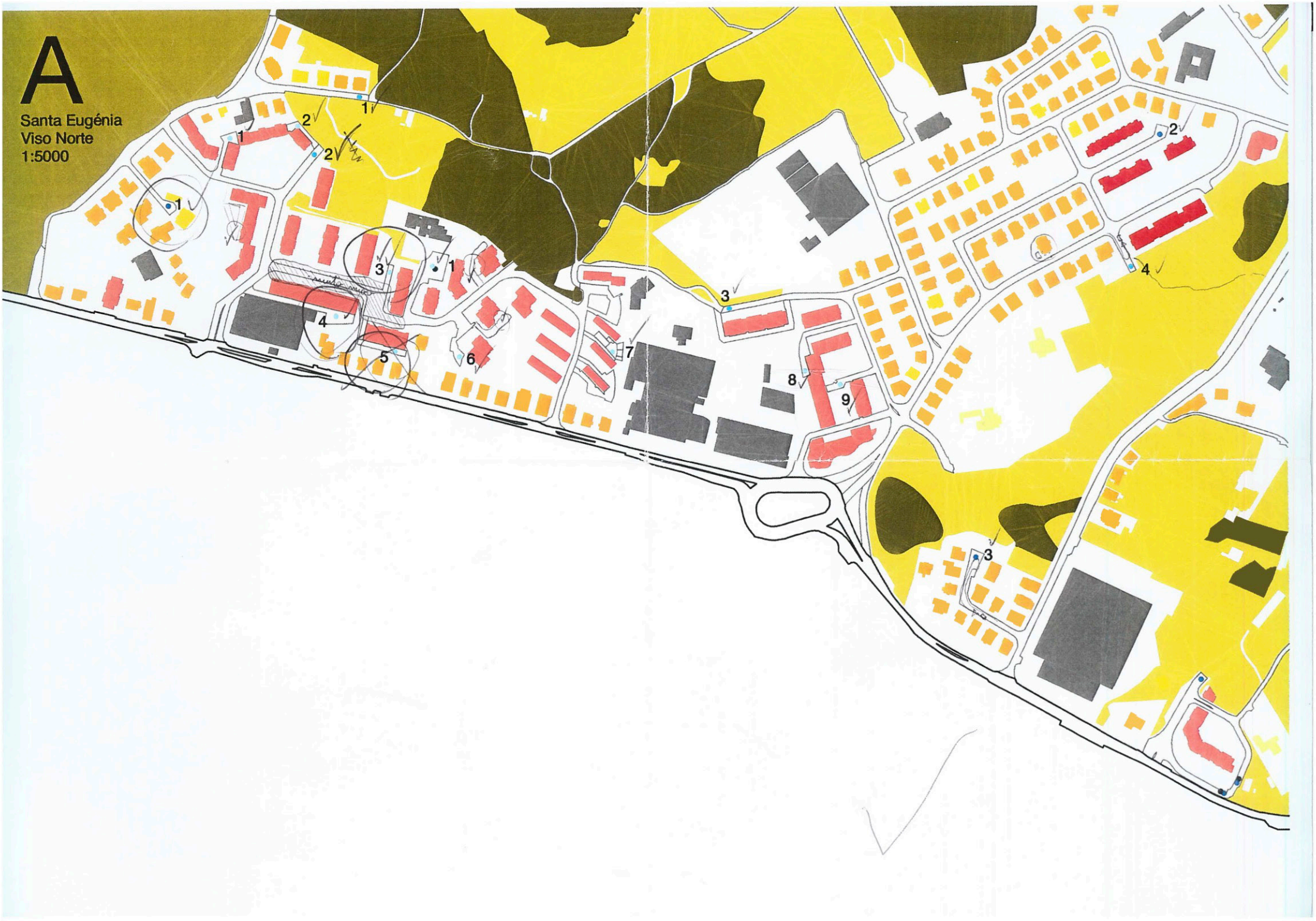
escala 1/25000

agosto 2013

PLANO DIRETOR MUNICIPAL DE VISEU


Travassós de Cima
Rio de Loba
Gumirães
Póvoa de Sobrinhos
N
0
250 m
1.000 m
Edificado até 1975
Edificación de 1975
Edificado de 1975 a 2000
Edificación de 1975 hasta 2000
Vias previstas no PDM (parcialmente executadas)
Vías previstas en el PDM (parcialmente ejecutado)

Digitalização dos mapas das zonas usados em trabalho de campo


A
Santa Eugénia
Viso Norte
1:5000

22/11/21 1ª Etapa (9.30 - 10.30)

- muito movimento de carros; há aqui muitos serviços (oficinas domésticos, estúdios artísticos (?) estacionamento, serviços físicos, cafés, etc.); escola num dos becos; esse movimento é mais na zona dos serviços, que no restante não há muito movimento;
- muito estacionamento
- algumas pessoas a passar, principalmente na zona de serviços
- campo de jogos (futebol) junto à Ass. Cultural Recreativa Social de ____ e mesa de ginástica; ficam no meio de confusão urbanística e de cotas

- Beco nº 4: homem a pintar parede
- Beco nº 1: miúdos a brincarem no recreio (a partir das 10, ±)
- Beco nº 7, envolvente: muito calmo
- rua movimentada: 2 homens a trabalhar na oficina de mecânica; 2 mulheres a falarem na loja dos ~~eletrodomésticos~~ com uma escada; senhoras a falarem no minimercado; comerciantes a falarem com os clientes (vê-se pela montra e ouve-se cá fora); fluxo de entra-e-sai nos cafés (até passam carros mesmo à entrada em zona que não é estacionamento)

Vivo Norte (10:40 - 11:25)

- P. ao c/cont 3: nenhum movim.; gajo mexe ramalhos e tempo todo em que lá estive a tirar fotos (pingou 3 vezes, chuva que estava já abrandada/parou o tempo), 3 gatos no fundo em terreno de ninguém
- mais movim. do Vivo N: 3 senhoras a trabalhar de alguma coisa numa casa (estava lá uma carrinha, por isso deviam estar a ~~construir/arranjar~~ alguma coisa). No terreno havia mesmo senhora a falar com elas do lado
- Beco 2: persianas quase todas fechadas em dia com pouco sol; portões dos garagens em mau estado
- P. ao c/cont 4: gajo em carrinha fez inversão de marcha e parou; saiu do carro, fez qualquer coisa, buzinou; folhas das árvores foram limpas

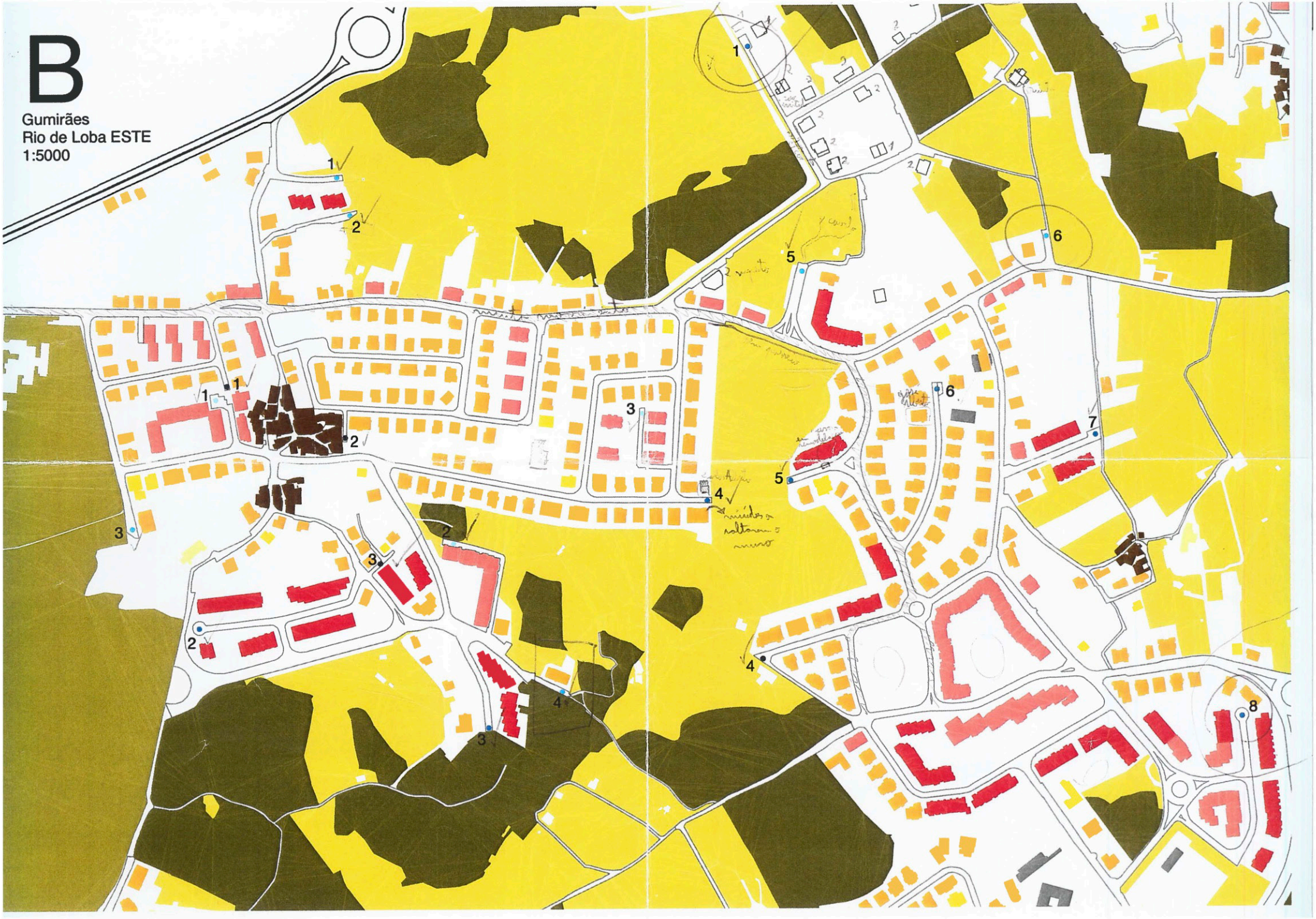
* som da retroescavadora ao longe

- Beco 3 (11:35 - 11:40)

cães, mas não no fundo do beco; terreno de ninguém no fundo não conquistando território nos passeios; carros chegam, manobram e estacionam onde os estacionei → senhoras entram em casa pela portão de entrada (para o carro)

Nota:

Nas notas em trabalho de campo, os becos finitos denominam-se apenas "beco" (por exemplo, o Beco finito 3 fica "Beco 3"); os becos de excepção denominam-se "beco outro" (por exemplo, o Beco de excepção 2 fica "Beco outro 2").


B
Gumirães
Rio de Loba ESTE
1:5000

22/11/21 - molhado / pouco autocarro

Beco 1 a até 2 (12:05 - 12:20)

vedor a passar o cão; vedor em 1º com do Beco 1, onde também dragon mas em vedor de carro

sítio extremamente calmo, não fazem os cães esporádicos

cão muito irritado na 1ª casa do beco; nem me atrevi a passar por ele

- caminho no fim do Beco c/ cont 5, pelo caminho de Terra, no meio de uma data de carros abandonados e muito caminho

23/11/21 (longo, molhado, pouco autocarro, muito)

- Beco 4 (10:35)

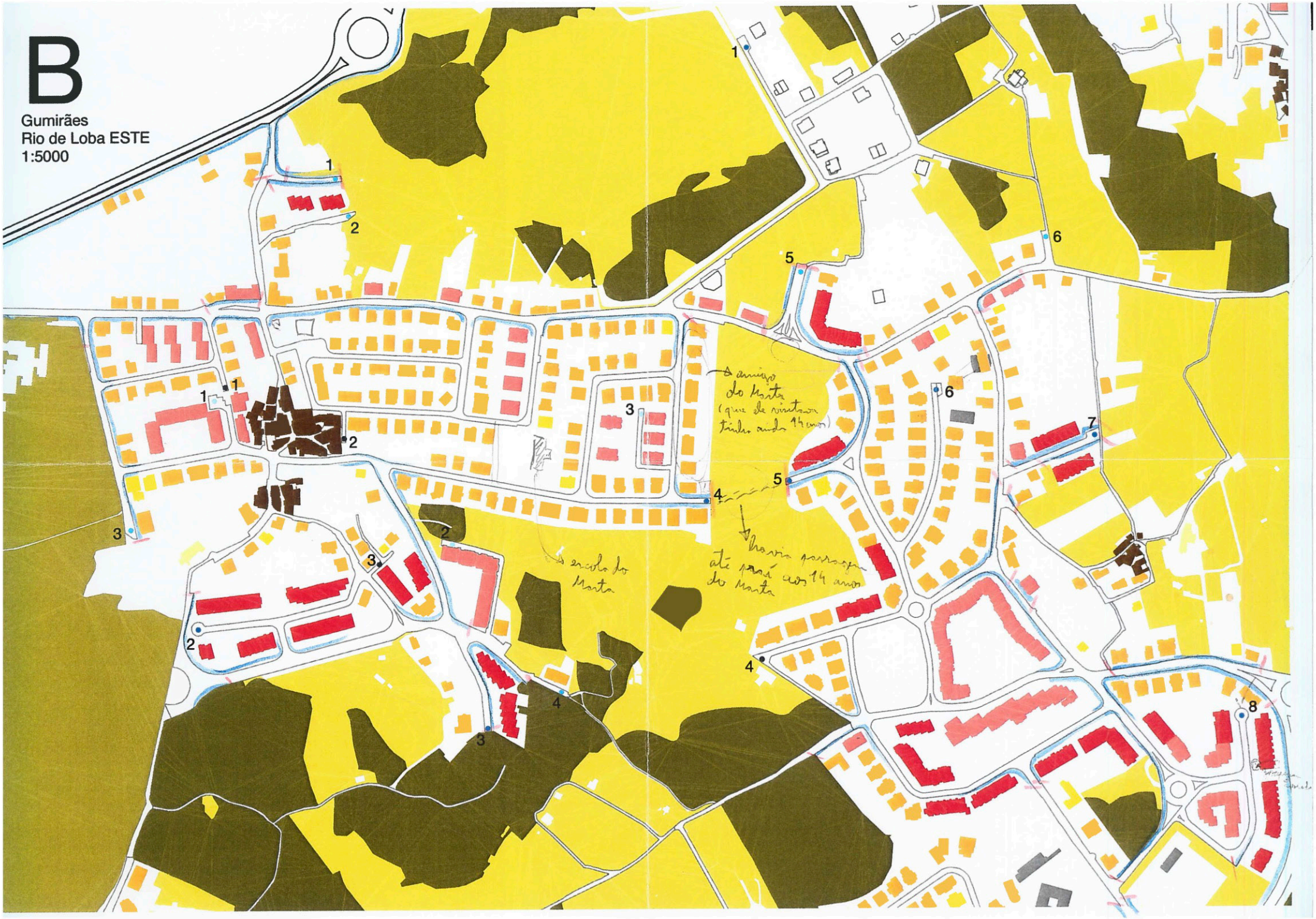
Carlos Alberto: vive sozinho, não vai de casa, praticamente, foi AVC, contrata vedores para tratar da casa e limpar folhas dos carros na beira dos passeios; Diz que os passeios de vez em quando voltam nas ruas do meio do beco para irem dar ao Beco 5, diz que faça todo o vedado deste. uma loja entre estas duas ruas; Em Maio, nas festas de Comissão, aparece gente pelo meio - gente mais nova, miúdos, que os vedores não conseguem; para passear a pé é a mesma coisa: muito mais calmo. Tem de ir à volta para ir ao Rio de Zebro (, esse caminho é mais perigoso que não há passeios na estrada principal); vive uma vida calma, tranquila, mesmo com os que a passagem para obras molhada do espaço; na casa em frente vive um professor da escola primária de Comissão "com quatro de cão" disse Carlos

- Entrada do Beco nº 3:

já é a 3ª pessoa que me pergunta se é para medidas nas estradas quando eu digo que estou a estudar o espaço público de Rio de Zebro e Comissão. Não, faço 3/3 pessoas com quem falei. Medo da mordedura?

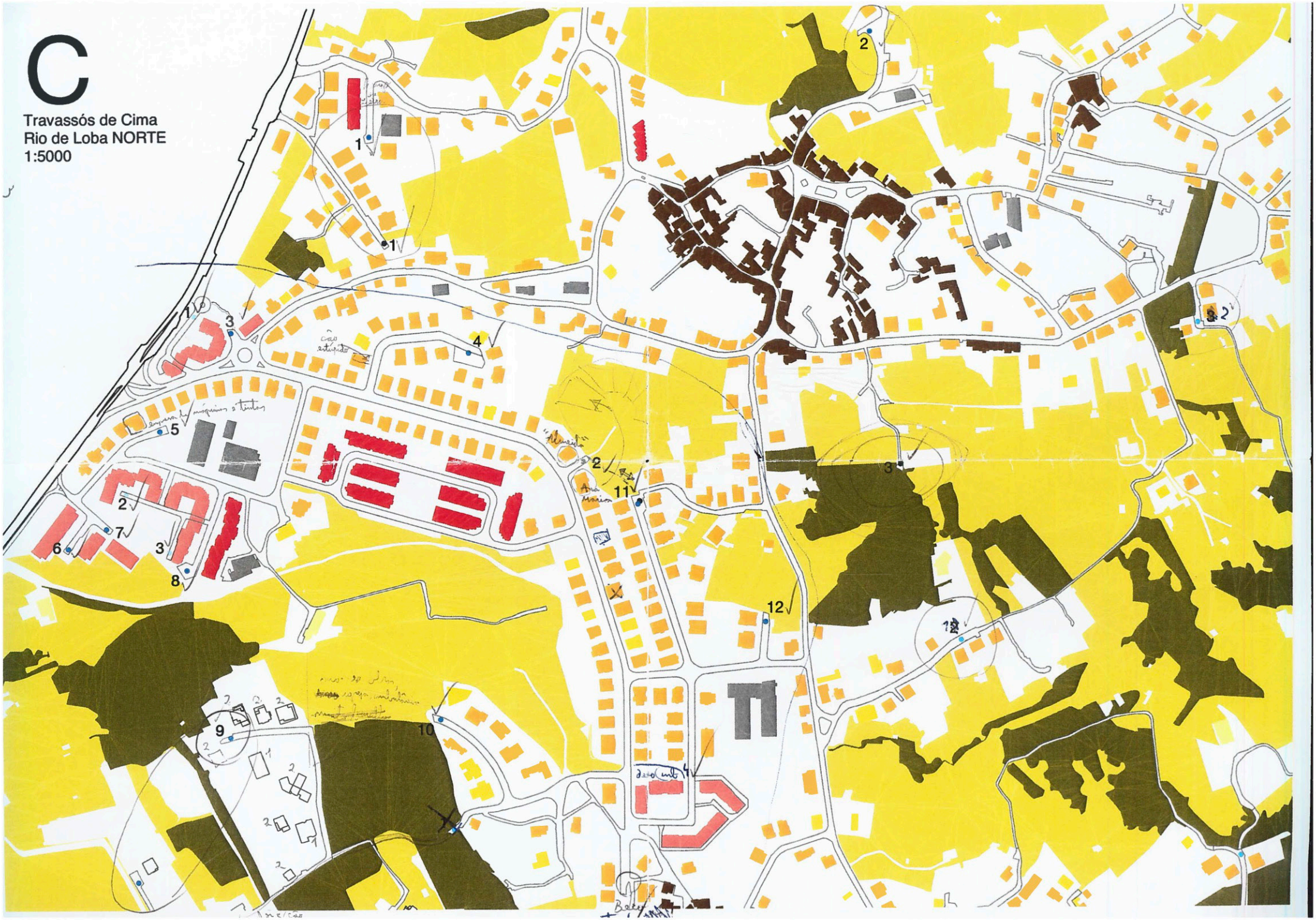
- Beco 6 (12:00 - 12:07)

José Alberto: mais um a perguntar - não há cães aqui, levam tiro. Já no beco 5 a mesma coisa. É triste. Tem tido problemas no escoamento das águas pluviais por isso mesmo que os dos esgotos. Vedou-se para o beco faz 30 anos, estabilizou porque era calmo, sem tráfego, para os miúdos brincarem (pedaços dele, não tinha falado nisso antes). Diz que já não se veem tantos miúdos já não vieram muitos agora. Pergunta se estamos perdidos por aqui e diz que sim, apontando para o fundo do beco.


B
Gumirães
Rio de Loba ESTE
1:5000
1
2
3
4
5
6
7
8
1
2
3
4
5
6
7
8
1
2
3
4
1
2
3
4
1
2
3
4
5
6
7
8
1
2
3
4
5
6
7
8
1
2
3
4
5
6
7
8

13/11/22 Igreja Paraíso - Beco 8

- muito movimento (há muita vida lá dentro)
- Ainda havia gente jovem na rua
- muitos andam de bicicleta; vê outro ainda um pouco
  pequeno a fazer cavalinho
- antes havia também muito movimento por causa
  do restaurante que havia aqui (onde vínhamos com
  franciscinhos)
- Estivemos imenso tempo do Manta a ler triste
- ele estava a ~~fa~~ alongar - não sei se andava a fazer
  exercícios ou a comer antes de ir alongar


C
Travassós de Cima
Rio de Loba NORTE
1:5000

- Beco 9, até lá (11:55 - 12:05)
- voltar a passar o rio; voltar dos CTT; voltar a chegar à última casa do beco, à casa

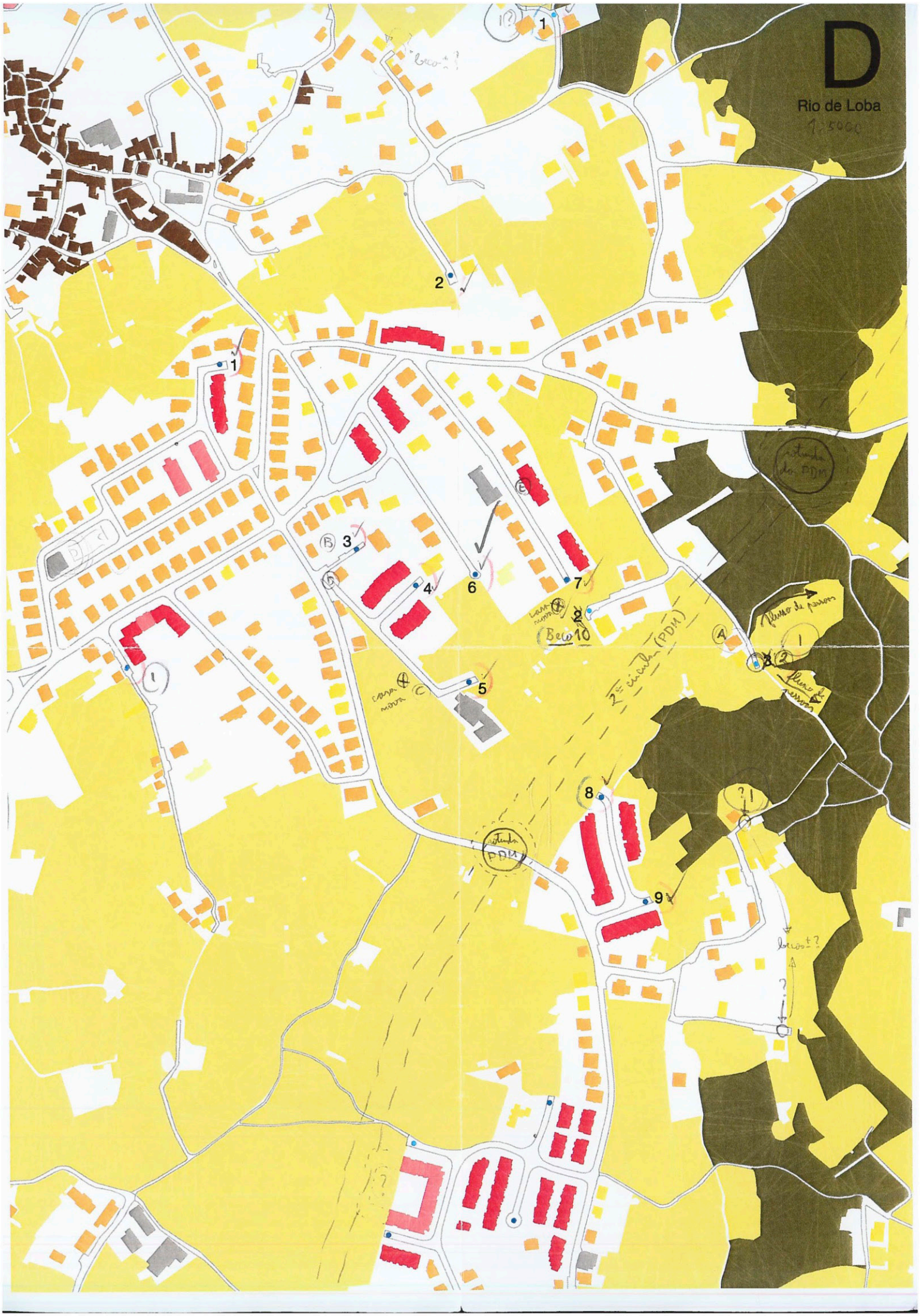
---

25/11/21

- Beco antes 2 : Zino Zoper Almeida (11:45 - 11:50) *
  - vive na última casa à esquerda e tem a sua própria horta, onde estava a trabalhar; está na reserva do GNR.
  - Disse-nos que os terrenos que começam mal acabam os edifícios pertencem à junta. O parral pediu à junta para poder usar esses terrenos para umas hortas e a junta deixou (não lá tinha falado).
  - Disse também que esses terrenos vão ser usados para unidade de saúde, que a rua devia continuar em frente até uma rotunda a fazer e depois ligava a outra rua (no PDM)

* vive no Lote 23B

- Terrenos públicos - hortas: Ana Moura (12:00 - 12:10) vive no edifício oposto à Sr. Almeida, que tem 4 casas (e lá vive numa delas)
  - veio buscar uma couve que já estão a fornecer
  - mal, era um silvado ilegal de obras clandestinas
  - mal a câmara limpou o terreno, o parral aproveitou e fez as hortas
  - uma história de gente que veio limpar os terrenos e cobraram pelo que não fez e cobram que dão mentira (numa apresentação)


D
Rio de Loba
1:5000
1
2
1
3
4
5
6
7
8
9
10
Beco
Beco
Beco
Limite de passeio
Limite de passeio
Limite de passeio

11/11/21 → 5ª feira / pôr do sol (16:00 - 17:30)

~~Beco~~ ± (3)

(A) Estima Fonseca (simpática / fala bem):

- com a pandemia muita gente passa pelo caminho, coisa que não acontecia antes; caminho pedonal vai até Póvoa de Lobrinhos
- casa Zianaja é dela e a do lado (amarela); da tia; têm lotes ao lado, mas já não conseguiram construir para a filha (que ainda é nova)
- terrenos opostos têm dono, mas ele deixa o marido de Estima usar para lá deixar materiais de construção (marido ~~é proprietário~~ trabalha na construção civil)
- anos o sossego e facilidade de acesso à cidade com o carro

• sem PDM desta zona • precisa de preparar uma abordagem

- diz que há mais gente a rondar os terrenos à volta, mas não disse desde quando

→ Becos (3), (4) e (5)

- pessoas a tratar das suas hortas (B), carros a chegarem às oficinas (C)
- No Beco (3), um senhor (D) avisou-me que não tinha saída

→ Beco (4)

- homem e senhora (E) à porta da casa (em banda), alguém na janela; estavam a olhar para mim

• Tom um intruso, sinto-me um intruso (os cães não ajudam)

X Beco ± (2) é um Beco (normal) → alterar ✓

(A) Estima Fonseca e PDM:

- mencionou que ~~[illegible]~~ estava planeada uma entrada por ali mesmo ao lado de casa e questionou-me se a sua casa já estava em solo urbano.

↳ efetivamente, está planeada no PDM passar ali a última das variantes ~~circunvalações~~ que a CMV quer fazer, com uma rotunda circular (2ª circular) ~~[illegible]~~ 200 m a Norte da sua habitação. Além disso, a habitação encontra-se ainda em Espaço Florestal de Conservação

↳ a perguntar-lhe:

- De toda esta área, a senhora é capaz de ser a que vive mais longe do centro. O google maps indicava que seriam cerca de 4 Km até ao Fontelo, 7/8 min. Só em Póvoa de Lobrinhos, bem junto à A25 é que se demoravam mais. Uau. Sente necessidade que os acessos melhorem como com esta 2ª circular? *
- Como é que chega ao centro ou onde começa o "centro", para si?

* Há de ser um redondo "NÃO" porque me parece que ela valoriza mais a casa e os terrenos em redor e que tem acesso que o próprio acesso à cidade. Acho que a CMV não compreenderá isso.

↘

- outra coisa que a Estima tinha dito: quando disse que estava a estudar os becos de Rio de Onor, ficou ligeiramente insultada por eu chamar aquela via de um beco. "Beco é um termo pejorativo. Se calhar alterar para "Via sem saída" é mais ligeiro / não tão agressivo. Ver definição de beco e do sinal  (Via pública sem saída)

12/11/21 → 6ª feira ~~(15:00 - 15:20)~~

notas: greve geral função pública

→ Becos 8 e 9 (15:00 - 15:20)

- gato! Fisco! Nestes ~~casos~~ casos em banda os cães ficam nos terrenos
- algumas pessoas em casa. Notam que era os avós. Uma senhora e uma senhora a falarem na rua, junto ao portão de entrada
- muita gente a sair de carro (4 carros)

→ Beco 2 e Beco ± 1 (15:30 - 15:50)

- reconheceram Beco a Ponte do Beco ± 1 (tem o sinal de sem saída)
- Beco 2 tem uma continuação estreita no topo
- tal como o meu grupo de amigos, grupos de jovens parecem usar este espaço à noite, já que estão longe de casas e a música pesada não parece ser incomodativa
- Beco ± 1 tinha carrinha com casal a sair de uma das quintas
- Beco 2 com sombras muito fortes do terreno florestal adjacente

Beco 1 e arredores da Zona Doce (16:00 - 16:20)

- Beco 1 com um cão enorme ... e ranhoso, senhora a chegar a casa
- arredores Zona Doce: zona mais densa; miúdos (3/4, já não me lembro) com skates e bolas de futebol no campo de Onor, por volta das 16:10. Pareciam já lá estar há mais tempo
- miúdos a brincarem no quintal de casas, ouviam-se
- mais carros a circularem (não é via sem saída e tem padarias de referência na área de estudo, tal como supermercado e multibanco, além de outros pequenos serviços que não notei o que eram).

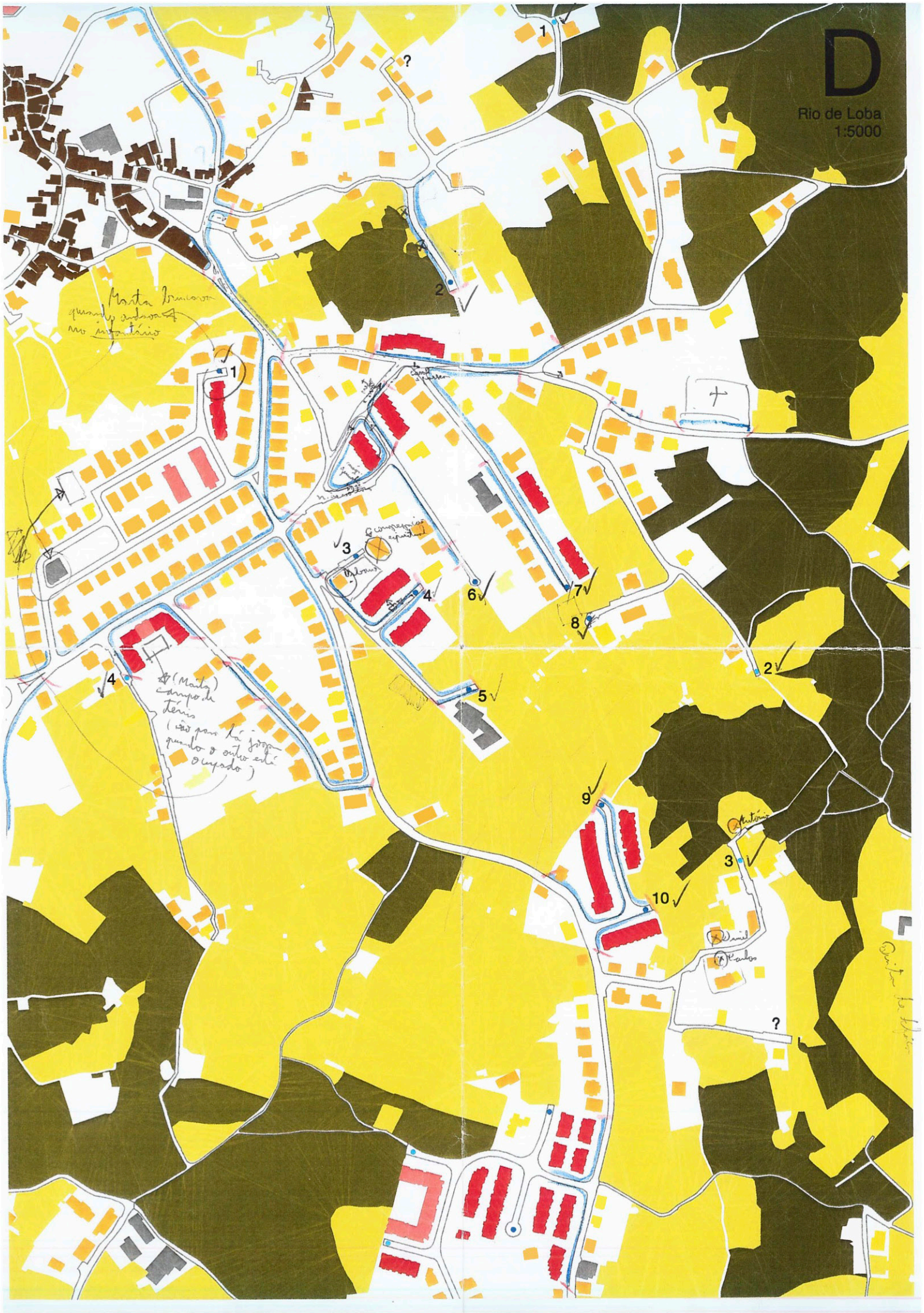
13/11/21 - sábado (15:30 - 15:35)

Beco 1 e arredores

- mãe a passar filhos junto à Zona Doce
- muito movimento na mesma (agora dizem que até estão poucos, mas muita gente de carro)

(17:00 - 17:20)

- limite (segundo o google) é o cemitério porque depois disso não há nada, não há mais casas


D
Rio de Loba
1:5000

05/01/22

Beco 5 : vendo da casa acumulados, cuidado se eu chegar levar tamanho; foi ele que lixou a sua quentas noite subindo-se toda (respondo que os Becos 3, 4, 5)

Beco 4 : vendo em caminho vejo arranjar alguma coisa; outros vendo em casa já estavam à nossa espera

Beco 1: casa em obras (do quintal); um dos tijolos saiu da casa e foi dar uma mija atrás da caminha

Beco 2: vendo a passear os 2 cães; subia quase até à casa e voltou para baixo;
na faixa para estacionamento há muitos preservativos, lenços e luvas deixados nos dias, em 2 sítios distintos, pelo menos (a meio da rua e mais no início)

~~06/01/22~~

Beco 6 (15:20) : muito mais alto; vendo

Sr. Filipe e Carlos: vão passear até à junta de freguesia;
Agora vêm a última festinha que vão dar (motor) (novo) nem a passear, com todos os outros vendo a passear; vamos a seguir, mas vamos pela estrada mesmo junto aos passeios que existe (explicar)
os cuidados rodoviários (da minha); pergunta se os passeios estendem alguns a passear: "de vez em quando não tem, mas não estamos mal servidos"; parece-me que a existência ou não de passeios

nunca se revelou um problema sério ou que tenham sofrido nenhum acidente. Todavia quando digam que os que existem não são suficientes para a dimensão da rua carros, de quem cá vive.
(o vendo que tinha passado a encosta o passeio voltou a passar; até a boa volta a este prop. "quase" sem ser pelos passeios que existe - toda a sua volta)
↳ a espera do filho nas máquinas de aquisição atrás foto tirada

15:37 : casal a passear (sr. Lemos grande amor)

Beco c/cont 2 (16:10)
vendo passar por mim, vindo do Beco 8 perguntou-me se sabia se a filmar a rua e levantaram-se imediatamente vendo que não tinha legado a responder
- logo a seguir passaram 2 pessoas muito mais, acho que se meteram pelos caminhos de terra
- Fátima Fonseca continua impecável!

10/01/22

Beco c/cont 3
Sr. Daniel e sr. Carlos (filho de quem) (FO amigo)
- muito a pé e bicicleta
Daniel mudou-se para cá em 2000 e Carlos nasceu aqui
- muito calmo, "um céu"
- "aqui é Viseu"
- era a pior de Viseu que antes que é Viseu
- o MUV chega cá, é Viseu
- não há muito onde comprar casa
- não digo muito isto, que assim fico calmo" (como Fátima)
- Motorista rodoviário e Refer-la
- Carlos acabou de vir para passear até Quinta de África pelos caminhos de terra

*
- António Bispo
- este caminho divide Freguesia de Coimbra e Rua Lobo
- A Quinta do Corgo é do sr. Carlos
- antigamente era só em terra (continua a casa nº 7)
- quando cá vêm netos de França é uma festa

* estivemos imenso tempo a falar sobre Viseu, sobre os seus presidentes e vice-presidentes da câmara, das eleições, dos transportes públicos. O sr. Daniel bem falava muito.
- tirei-lhes uma fotografia a falarem um com o outro, de uma casa para a outra. Disseram-me que antes do covid era de um e do outro lado de um dos muros de uma das casas, mas agora é assim.

- tanto o sr. Carlos como o sr. António me falaram dos emigrantes. Carlos é emigrante (se percebi bem) e António tem família emigrante


E
Rio da Loba SUL
Póvoa de Sobrinhos
1:5000
1
2
3
4
5
6

27/11/21

Beco 3 e Beco entre 1 (rest. [illegible]) (11:00)

- muito mais movimento do que estava à espera
  - Entrou C3 com 4 velhinhos a sair do Beco
  - outros carros a entrar e a sair
  - casa em obras (remodelação interior); outra casa em obras
  - senhora a pendurar enfeites de Natal na porta de entrada (grande parte das casas tem já enfeites de Natal, mas de loja ainda tem do Dia dos Bruxos)
  - duas pessoas dentro de casa e duas na rua longe os miúdos no recreio da escola do Vivo
  - comércio do correio

Beco c/cont 3 (11:35)

- não é que a rua da Quinta dos Romeiros (junto Alberto) em baixo tem um terreno nesse Beco?!
- Pelos vistos, a continuação através o terreno dele, já é um terreno privado que ele possibilita a passagem à gente (tem um [illegible] nome, que ele disse a todos, mas já não me lembro — perguntar na junta, talvez). O caminho é público até casa dele e depois já é privado

Guião de perguntas

Sobre as ruas:

Usos

1 - Como usa a sua rua/que actividades faz na sua rua? Que actividades já viu ou costuma ver a acontecerem na sua rua?

2 - Passam forasteiros na sua rua?

Com que frequência? A pandemia (ou qualquer outro evento) alterou essa passagem de forasteiros?

Imagem da rua

3 - Tem alguma memória especial desta rua?

4 - O facto da rua ser interrompida, não haver continuação: como é viver nesta rua sem saída / como se sente / ... – deve derivar da conversa, como já tem sido (Virgílio)

Sobre os Subúrbios/Rio de Loba

Usos

5 - Costuma passear por Rio de Loba? Faz percursos a pé ou de bicicleta em Rio de Loba?

O espaço público existente possibilita que se ande a pé pelos bairros? É fácil andar a pé por Rio de Loba?

6 - Como usa os terrenos desocupados/que actividades faz neles? Que actividades já viu a serem feitas nesses terrenos?

7 - Com a Pandemia, passou a usar mais ou menos o espaço público de Rio de Loba? E de Viseu?

Imagem dos Subúrbios

8 - Tem pontos de referência em Rio de Loba para se orientar?

O que é que marca esses pontos, o que é que os distingue?

9 - Como descreve o espaço público de Rio de Loba? – para gerar uma conversa mais alargada sobre o espaço público (Virgílio)

10 - Reconhece limites estre as diferentes zonas de Rio de Loba? Ou é tudo uma paisagem homogénea?

Que limites são esses?

11 - Tem algum espaço em Rio de Loba que goste particularmente?

0 - Trabalha? Idade? Profissão?

• Urbano Narciso de Almeida

Beco 3 alcatroou o Beco 3 em conjunto com a junta (a meias, também reagou - além dos Becos 4 e 5, a rua quinta também disponibilizou às duas casas junto à rua principal, fora dos becos

- falou de uma ligação a fazer eventualmente com os becos 6 e 7 (deve ser o PPH); disse que haveria de ir dar parte às casas em conclusão entre o beco 7 e 8.

1 - a rua é pouco usada, só as pessoas que aqui vivem; ajuda a arma para acolher às garagens ou fazer inversão de marcha; às 2as e 5as o beco enche porque é aqui uma associação "espiritual" (ou assim) e as pessoas juntam-se aqui (cara com uma X)

↳ falei com o sr. por uns momentos

- "está planeada uma ligação, mas para quando, né?"

0 - trabalhou em Viseu, Alvarenes 75 anos, junto do atual mercado da câmara (Cintina não se quis)

1 - passou um senhor que ponho para falar com o Urbano; disse que não passava; esse mesmo senhor já lhe tinha dado indicações a uma senhora; a mulher do Urbano veio-lhe dar conta, ou vinha ou ligava não sei

• amigo do Urbano, o sr. António

5 - disse que não passava por Rio de Loba; ele veio já aqui na quinta do Urbano e veio falar com ele (já já uns 30/45 min., a fio não o impediu)